



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

JÔNATAN DAVID SANTOS PEREIRA

Afeminofobia:

Uma análise sobre a experiência de usuários *gays* e bissexuais de aplicativos de relacionamento por geolocalização no sertão pernambucano

Recife – PE

2024

JÔNATAN DAVID SANTOS PEREIRA

Afeminofobia:

Uma análise sobre a experiência de usuários *gays* e bissexuais de aplicativos de relacionamento por geolocalização no sertão pernambucano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Direitos Humanos. Área de Concentração: Direitos Humanos e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos

Recife – PE

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Pereira, Jonatan David Santos.

Afeminofobia: uma análise sobre a experiência de usuários gays e bissexuais de aplicativos de relacionamento por geolocalização no sertão pernambucano / Jonatan David Santos Pereira. - Recife, 2024.

146f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, 2024.

Orientação: Gustavo Gomes da Costa Santos.

1. Afeminofobia; 2. Gays afeminados; 3. Aplicativos de relacionamento; 4. Violência; 5. Sertão pernambucano. I. Santos, Gustavo Gomes da Costa. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JÔNATAN DAVID SANTOS PEREIRA

Afeminofobia:

Uma análise sobre a experiência de usuários *gays* e bissexuais de aplicativos de relacionamento por geolocalização no sertão pernambucano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Direitos Humanos. Área de Concentração: Direitos Humanos e Sociedade.

Aprovado em: 20/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos (Presidente/Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Elton Bruno Soares de Siqueira
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Rodrigo Carvalho Marques Dourado
(Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico esta dissertação a minha Mãe Ọṣun, ao Sagrado e a todos os meus familiares que já desencarnaram. Aqueles que, mesmo não estando mais fisicamente presentes, continuam a viver em minhas memórias e a iluminar meus caminhos com suas lembranças e ensinamentos. Seus legados de amor, sabedoria e resiliência têm sido fonte constante de inspiração e força ao longo de minha vida e especialmente durante esta jornada acadêmica. Sinto suas presenças em cada conquista, e é em suas honras que dedico este trabalho, com gratidão eterna por tudo que me ensinaram e por todo o amor que me deram. Sei que, de onde estiverem, continuam a me guiar e proteger.

AGRADECIMENTOS

“Concluir” esta dissertação foi uma jornada desafiadora, cheia de aprendizados e superações, e há muitas pessoas e forças a quem eu gostaria de expressar minha profunda gratidão.

Primeiramente, à minha mãe, cujo amor incondicional, sacrifício e apoio constante são as bases sobre as quais construí toda a minha vida. Sua força, resiliência e carinho são fontes inesgotáveis de inspiração e motivação.

À minha avó, por seu amor e sabedoria, que sempre me encheram de coragem e determinação. Vocês são minhas heroínas e este trabalho é tanto de vocês quanto meu.

A toda a minha família, por seu amor, compreensão e apoio incondicional. Vocês sempre foram meu alicerce, proporcionando-me segurança e encorajamento em cada etapa desta jornada. Sou profundamente grato por ter cada um de vocês em minha vida.

À Yá mi Osún e aos meus guias, por sua proteção, orientação espiritual e pelas bênçãos derramadas sobre mim. Sentir a presença de vocês em minha vida me deu forças nos momentos mais difíceis e me lembrou que nunca estou sozinho.

A Deus, por me dar a vida, a saúde e a perseverança necessárias para seguir em frente, mesmo quando o caminho parecia insuperável. Sua luz guiou meus passos e me deu a esperança e a fé necessárias para concluir esta etapa.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e de dificuldade, oferecendo palavras de encorajamento, ombros para chorar e risadas para compartilhar. Sem a amizade de vocês, esse caminho teria sido muito mais árduo. Não quero citar ninguém porque são muitos e não vou cometer essa gafe, - vocês sabem quem são.

Aos meus antigos professores, cujos ensinamentos foram as sementes que germinaram e floresceram ao longo da minha trajetória acadêmica. Cada um de vocês, com suas lições e exemplos, contribuiu significativamente para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Ao meu orientador, Professor Gustavo, que não só me guiou academicamente, mas também me inspirou com sua paixão pelo conhecimento e dedicação ao ensino. Sua paciência, conselhos sábios e confiança em meu potencial foram fundamentais para que eu pudesse superar os desafios desta jornada. Serei eternamente grato pela sua orientação e apoio inabalável.

A todos os corpos dissidentes e afeminados, que me mostraram a beleza da diversidade e a força da resistência. Vocês são a prova viva de que a autenticidade e a coragem de ser quem

se é são os maiores atos de rebeldia e amor-próprio. Obrigado por me inspirarem a ser verdadeiro comigo mesmo e a lutar por um mundo mais justo e inclusivo.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho, meu sincero e profundo agradecimento. Este trabalho é um reflexo do amor, apoio e inspiração que recebi de cada um de vocês. À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pelo financiamento à presente pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação investigou manifestações de afeminofobia em aplicativos de relacionamento por geolocalização utilizados por pessoas LGBTQIA+. Considerou-se afeminofobia como a aversão, a discriminação, o preconceito e a violência direcionados a indivíduos do sexo biológico masculino que performam expressões de gênero socialmente associadas ao feminino. Partindo do modelo de heterossexualidade compulsória e da lógica binária de gênero, discutiram-se práticas e discursos que reforçam estereótipos, produzem exclusões e alimentam violações de direitos humanos, especialmente contra homens *gays* afeminados. A pesquisa concentrou-se no sertão pernambucano, com foco na cidade de Serra Talhada, analisando experiências, narrativas e percepções de usuários desses aplicativos. O estudo articulou debates sobre masculinidade hegemônica, teoria queer e processos de marginalização presentes nos ambientes virtuais de sociabilidade. A metodologia adotada foi qualitativa, mediante entrevistas semiestruturadas realizadas com usuários de diferentes aplicativos e plataformas digitais. A análise do material empírico permitiu identificar padrões de estigmatização, mecanismos de invisibilização e formas de resistência desenvolvidas pelos participantes. Os resultados evidenciaram que a afeminofobia opera como dispositivo de regulação das masculinidades dentro da própria comunidade LGBTQIA+, impactando trajetórias pessoais, relações afetivas e a construção das identidades. Conclui-se que os aplicativos de relacionamento, embora funcionem como espaços de encontro e interação, também reproduzem estruturas de poder e exclusão, indicando a necessidade de maior atenção acadêmica, política e social ao tema.

Palavras-chave: afeminofobia; *gays* afeminados; aplicativos de relacionamento; violência; sertão pernambucano.

ABSTRACT

This dissertation investigated manifestations of effeminophobia in geolocation-based dating applications used by LGBTQIA+ individuals. Effeminophobia was understood as aversion, discrimination, prejudice and violence directed at biologically male individuals who perform gender expressions socially associated with femininity. Based on the framework of compulsory heterosexuality and the binary logic of gender, the study examined practices and discourses that reinforce stereotypes, produce exclusion and contribute to human rights violations, particularly against effeminate gay men. The research focused on the semiarid region of Pernambuco, especially in the city of Serra Talhada, analyzing the experiences, narratives and perceptions of users of these applications. The study engaged with debates on hegemonic masculinity, queer theory and processes of marginalization present in virtual sociability environments. A qualitative methodology was adopted, using semi-structured interviews conducted with users of different dating applications and digital platforms. The analysis of empirical material identified patterns of stigmatization, mechanisms of invisibilization and forms of resistance developed by participants. The results demonstrated that effeminophobia operates as a mechanism for regulating masculinities within the LGBTQIA+ community itself, shaping personal trajectories, affective relationships and identity construction. It is concluded that dating applications, although functioning as spaces for encounters and interaction, also reproduce structures of power and exclusion, highlighting the need for increased academic, political and social attention to the theme.

Keywords: efeminophobia; effeminate gays; dating apps; violence; hinterlands of Pernambuco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagens promocionais do aplicativo Grindr (esquerda) divulgada em 2019 e 2018 no Threatpost (direita) e PinkNews	35
Figura 2 – Imagens promocionais do aplicativo Tinder divulgada em 2019 e 2017 no próprio site e no Inews respectivamente.....	37
Figura 3 – print do meu perfil do WhatsApp criado exclusivamente para esta pesquisa.....	41
Figura 4 – Perfil do Grindr. Imagem capturada da tela de Ipad.	42
Figura 5 – Perfil do Tinder. Imagem capturada da tela de Ipad.	43
Figura 6: O fotógrafo Benjamin Abrahão Botto se encontrou com o bando de Virgulino e a foto foi tirada pelo cangaceiro Juriti	96
Figura 7: “Os Canga-gay”.....	97
Figura 8: “Os Canga-gay”	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	44
Tabela 2 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR IDADE	45
Tabela 3 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR ETNIA/RAÇA	46
Tabela 4 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR FILIAÇÃO RELIGIOSA.....	47
Tabela 5 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR LOCAL DE NASCIMENTO.....	48
Tabela 6 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

APPS – Aplicativos

COVID-19 - Novo Coronavírus

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexo e Assexuais. O “+” é utilizado como forma de incluir outras identidades que se somam ao movimento e luta

MDHC - Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

NSFW - *Not Safe for Work; Not Suitable for Work* (Não Seguro/Adequado para o Trabalho)
Termo utilizado para se referir a fotos ou imagens que não são apropriadas para serem visualizadas em ambientes de trabalho ou locais públicos. É uma terminologia utilizada pelo app para se referir a nudes

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Metodologia e divisão dos capítulos.....	20
2 CAPÍTULO METODOLÓGICO	25
2.1 De usuário à pesquisador: vivências virtuais.....	26
2.2 Mergulhando nas águas turvas dos aplicativos.....	30
2.3 O <i>Grindr</i>	33
2.4 O <i>Tinder</i>	36
2.5 Construção e entrada no campo teórico-metodológico	38
2.6 Baixei os <i>apps</i> e agora?.....	40
3 ME CHAMAM DE MARIA CARIDOSA, EU PEGO TUDO, TENDO O QUE EU MORDER”: ANALISANDO OS USUÁRIOS GAYS DE APPS DE PAQUERA NO SERTÃO DE PERNAMBUCO	50
4 CONFLITOS, TENSÕES E DINÂMICAS VIOLENTAS NOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO POR GEOLOCALIZAÇÃO NO SERTÃO PERNAMBUCANO	72
4.1 Com que frequência você usa os apps? “Viciantemente! O que você procura?”	72
4.2 “Você pode mandar áudio?” “Inhaííí!” “Segura esse Block!”: dinâmicas violentas nas interações em aplicativos de relacionamentos.....	79
4.3 “De mulher, o mundo tá cheio e só quero amizade!”: conflitos e exclusão do homem gay afeminado nas dinâmicas de sociabilidades no <i>Grindr</i> e no <i>Tinder</i>	88
5 VIVÊNCIAS DIGITAIS SERTANEJAS! ATUALMENTE, UM CANGACEIRO USARIA O GRINDR OU O TINDER?.....	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NÃO VEJO A HORA DE DESINSTALAR OS APPS”	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	120

1 INTRODUÇÃO

As profundas e rápidas transformações tecnológicas resultantes da emergência da internet e o recente aumento no uso de redes sociais e aplicativos têm afetado de forma inequívoca a comunicação entre as pessoas, minimizando distâncias e produzindo novas formas de interação e padrões de relações sociais na contemporaneidade. Essas transformações também impactam a dimensão do desejo e da sexualidade, na medida em que essas transformações tecnológicas surgem a partir das novas formas de as pessoas se relacionarem.

Os aplicativos de relacionamento por geolocalização estabelecem relações virtuais específicas e que variam de acordo com os interesses dos usuários, bem como com o tipo de relacionamento que desejam construir através destes; com a quantidade de tempo disponível para esse fim, além de outros elementos que influenciam esse processo.

Vale ressaltar que se trata, também, da construção de uma lógica de desejos e atração onde a forma de comunicação e a abordagem entre o/os parceiros levam em consideração os interesses dos usuários pautados nas interações afetivas e/ou sexuais num contexto virtual.

De acordo com Miskolci (2017, p. 227), as interações afetivo-sexuais em ambiente virtual começaram em bate-papos, migrando para anúncios de busca de parceiros dos sites, até chegarem nos aplicativos para dispositivos móveis por geolocalização. Dentre os diversos aplicativos existentes atualmente, *Grindr*, *Happn*, *Scruff*, *Tinder* e *Badoo* são exemplos de aplicativos comumente acessados no Brasil para a busca de parceiros online, possibilitando aos usuários a delimitação dos seus perfis com interesses em comum. Apesar dessas dinâmicas de interações entre os usuários, estes são direcionados para relacionamentos interpessoais que condicionam um distanciamento de interações mais profundas, no que se refere ao estabelecimento de vínculos afetivos, além da funcionalidade central desse tipo de plataforma, a busca pela satisfação dos desejos desses usuários, seja no estabelecimento de relações afetivas, seja no sexo.

Dentro do universo desses aplicativos, o anonimato é uma das principais características prezadas por muitos dos seus usuários, que ocultam suas identidades de gênero e orientação sexual, sendo isto consequência, dentre várias possíveis razões, da heteronormatividade e do reforço de um padrão reiterado por estes utilizadores (Miskolci, 2017). Esse anonimato está ligado ao que conhecemos como ‘discreto e fora do meio’ e não se restringe a uma faixa etária. Miskolci (2017, p. 227) deparou-se, no contexto paulistano em meados de 2014, com um perfil

que mostrava a foto do rosto, um homem de 43 anos com a autodefinição no *user* de “Discreto” e “Alguns parceiros sabem trocar pneu de carro?”. Na mesma época, um jovem de 23 anos que também mostrava o rosto e se definia como discreto, acrescentava “Ativo Macho com pegada. Não sei por que os afeminados ainda insistem em entrar aqui, ninguém curte eles! Aqui a parada é só entre machos. Lance rápido ou parceria”.

É possível se perceber nessas falas trazidas por Miskolci (2017, p. 227) que a lógica do “ser discreto” está relacionada ao “ser macho” enquanto oposto de ser afeminado. Essa dicotomia remete, em alguma medida, à desvalorização do feminino que estava presente no esquema classificatório “hierárquico” das homossexualidades no Brasil identificado por Peter Fry (1982, p. 90) na década de 1970, onde o “ser macho” seria assumir um papel de gênero masculino e um comportamento sexual de atividade no ato sexual; já o “ser bicha” estaria relacionado ao papel de gênero feminino - o não ser discreto - e ao comportamento sexual da passividade no ato sexual.

Assim, as discussões sobre masculinidades apontam para a existência de aspectos extremamente violentos no comportamento dos homens *gays* que performam uma masculinidade misógina e heteronormativa, um discurso expressivo de subalternização identitária de performances que tendam ao feminino; dessa forma, o indivíduo que performa, de algum modo, a feminilidade seria excluído e marginalizado nesses ambientes virtuais e consequentemente seria excluído das relações afetivas fora desses espaços por meio da manutenção dessa norma, um modelo hegemônico da masculinidade. É aquela máxima do “*pode ser gay, mas não seja afeminado*”. Dialogando com Miskolci (2017, p. 227), para aqueles que praticam tais violências e excluem os corpos afeminados desses espaços de socialização e desejo, estar em um lugar onde se exiba uma masculinidade insuspeita, o que o manteria em uma presumida heterossexualidade, já que pressupõe seu desejo por outros “em discrição”.

Essa discussão se acentua ainda mais quando estamos localizados geograficamente no sertão pernambucano, onde se consolidou o imaginário de uma hipermasculinidade representada pelo ideário do “cabra macho”, da “terra de Lampião”. Situado nesse lugar – onde me encontro – é possível se perceber uma série de violências para com aqueles que destoam desse modelo hegemônico de masculinidade, pois, parece que essa dicotomia proposta no modelo hierárquico de Peter Fry (1982) entre bichas e machos é, aparentemente, ainda reproduzida.

Contudo, a posição no ato sexual (ativo/passivo) parece não ter mais a importância que tinha na década de 1970, sendo o “manter o sigilo” e “se mostrar como o macho” mais relevantes para uma postura masculina/não afeminada nos aplicativos de paquera para homens

gays. Os discursos visualizados e legitimados a partir da territorialidade sobre corpos que performam feminilidades são camuflados pelo “zelo cultural”. Seria o medo constante de se perder essa identidade cultural e social pautadas na virilidade, no patriarcado e no machismo.

Juntamente ao desejo de se manter culturalmente uma norma que favorece apenas o homem másculo, padronizado a partir das discussões sobre masculinidade hegemônica, dentro dos aplicativos é comum nos depararmos com discursos na lógica dos desejos, onde o “nada contra, só não curto” denuncia a afeminofobia a partir de um pedido de desculpas que não atenua a violência sofrida por homens *gays* afeminados nesses espaços. A “questão de gosto” não é só uma questão “de gosto”, mas traz em si a reprodução de uma norma hegemônica de masculinidade que violenta e oprime corpos subversivos. É válido ressaltar que existe uma linha muito tênue entre a homofobia, que atinge todos, inclusive homens másculos, padrões, e a afeminofobia, que atinge somente aqueles que performam essa feminilidade.

Miskolci (2017, p. 46) afirma que os “homens *gays* que adotam uma estética masculina e um estilo de vida hegemônico sofrem menos violência e, de certa maneira, até mesmo contribuem para corroborar a heteronormatividade”. Dessa forma, é possível perceber esse modelo fortemente reproduzido e legitimado em plataformas de relacionamento por outros homens *gays*, uma vez que a busca por estar sempre dentro desse padrão heteronormativo nos relacionamentos e tentar se encaixar ao máximo na estética masculina – o “ser macho” – reforça violências como discursos excludentes, afeminofobia e corpos femininos excluídos dessas relações seja em aplicativos, seja na vida real. Isso é explicado por Miskolci (2017, p. 47), quando ressaltava que essas “normas sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas, mesmo àqueles e àquelas que jamais conseguirão atendê-las, daí, nessa perspectiva, se dissolver o paradoxo aparente de [...] *gays* homofóbicos [...]”.

“Nada contra, só não curto afeminados”, frase comumente encontrada nos perfis e nos diálogos de usuários dessas plataformas, esse tipo de discurso seria legitimado a partir de lógicas de desejos, numa tentativa de isentar-se da culpa (“nada contra”), e de normas da masculinidade hegemônica, da virilidade, do patriarcado e do conservadorismo. Essas normas violentam corpos dissidentes dos padrões atribuídos ao “cabra macho” e de sua masculinidade/virilidade, sempre associado ao fato de que possuir uma performance que faça referência ao que é dito tipicamente como feminino é condicionante para ser ou se “fazer menos homem”.

A esses discursos e aos processos de violências sofridas por homens *gays*, bissexuais e não-binários que performam feminilidades e que são discriminadas nesses aplicativos, tendo seus corpos excluídos dos padrões de desejos por esses usuários, dá-se o nome de

efeminophobia ou, em tradução literal “afeminofobia”; termo que surge nos escritos da pesquisadora norte-americana Eve K. Sedgwick no seu texto “Epistemologia do Armário” de 1991.

A afeminofobia ou *efeminophobia* é um conceito que tem relação com a homofobia, mas que se diferencia deste último conceito no ponto da amplitude. Enquanto a homofobia é algo mais amplo em relação à perspectiva de violação dos indivíduos, atingindo, a princípio, todos indivíduos não heterossexuais, a afeminofobia restringe esse campo, direcionando o estigma e o preconceito apenas àqueles indivíduos que performam uma feminilidade ou mesmo que não se encaixem nas expectativas de performance da masculinidade hegemônica. Dessa forma, podemos conceituar a afeminofobia como um desprezo por aquelas pessoas que fogem dos papéis de gênero socialmente atribuído ao masculino, isto é, homens afeminados ou mulheres masculinas. É a máxima de que “pode ser gay, só não pode ser afeminado ou espalhafatoso”.

Assim, sob uma perspectiva da teoria *queer* e dos estudos sobre masculinidades (MISKOLCI, 2017, BUTLER, 2003) pôde-se, então, perceber que a escolha por parceiros que se distanciam de questões relacionadas ao afeminado não está somente pautada pela questão da preferência particular dos usuários, mas sim pelo reforço de um padrão pré-estabelecido que acentua essa lógica heteronormativa dos indivíduos nos seus perfis virtuais, reiterando que esse padrão corresponde aos padrões normativos produzidos e reproduzidos também fora desses espaços.

Os próprios *gays* não estariam isentos de reproduzirem tais discursos, pois são parte desse processo cultural, normativo e compulsório (MISKOLCI, 2017). A partir dessa perspectiva, podemos operar uma compreensão desse processo de exclusão e afeminofobia utilizando a noção de abjeção ou corpo abjeto (MISKOLCI, 2017, p. 44, BUTLER, 2003, FOUCAULT, 1999), na medida em que esta é imposta aos indivíduos que já diferem desses padrões.

Indivíduos considerados abjetos têm atribuídas a si características tidas socialmente como repulsivas, poluidoras dos espaços e corpos. O corpo masculino afeminado, aqui considerado como corpo abjeto, especialmente nesses espaços de interação virtual, parece carregar marcas desse estigma dentro dos espaços de sociabilidade da população *gay* e que são carregados para dentro dos espaços de interação digital.

Como consequência, os modelos discursivos violentos são muito recorrentes nas interações virtuais pelo aplicativo em questão e denotam aspectos de humilhação, estigmatização e desumanização ao lidar com os indivíduos afeminados inseridos nas plataformas virtuais de relacionamento.

Compreender a experiência de corpos afeminados no sertão pernambucano representa um desafio, tendo em vista a escassez de trabalhos que investiguem essas vivências e os estigmas que são postos àqueles que vivem no sertão. Dessa forma, esta pesquisa buscará compreender as experiências dos usuários de aplicativos por geolocalização no sertão pernambucano, partindo de uma perspectiva da afeminofobia e do discurso de ódio que lhes são disseminados nesses espaços virtuais e na vida real. Diante disso, é importante analisar conceitos como a masculinidade hegemônica a partir do diálogo com Connell (2013) sobre heterossexualização das relações LGBTQIA+.

Ser “bicha afeminada” no sertão pernambucano exige muito de nós, pois o preconceito, o conservadorismo, o patriarcalismo e os estigmas nos rondam constantemente. É preciso resistir e ocupar lugares como a academia, por exemplo, o tempo inteiro. É preciso subverter e nos colocar nesse lugar de empoderamento sem ter medo. É preciso ocupar esses espaços virtuais e físicos sem que qualquer coisa nos bloqueie, e quando isso acontecer, precisamos gritar e lutar por nossa existência.

Diante de todo o exposto, lanço aqui uma pergunta de pesquisa, a partir da discussão com Peter Fry (1982): seria a afeminofobia contemporânea uma reconstrução do modelo hierárquico de construção das homossexualidades masculinas no Brasil? Ao que parece, a grande questão de vivências e experiências nesses espaços virtuais e até na realidade perpassa as questões de exposição e sigilo, onde não estamos mais preocupados com o comportamento sexual da atividade/passividade, mas com o papel de gênero masculino “o ser macho” e se colocar como “macho”.

Conceitos abordados no modelo hierárquico de Peter Fry (1982) que colocam corpos afeminados em situações de exclusão, abjeção e marginalização de seus desejos e vivências nesses espaços e isso tudo tem uma forte relação com a violação de direitos humanos, uma vez que se trata de exclusão, violência e marginalização de corpos afeminados dentro e fora dos aplicativos por geolocalização.

Constituem os objetivos deste trabalho analisar como a efeminofobia ocorre nos aplicativos por geolocalização e como isso está atrelado a uma valorização das performances de masculinidade hegemônica, pautada numa heterossexualização das relações LGBTQIA+ e num viés heteronormativo no sertão pernambucano; compreender os impactos dos discursos afeminofóbicos nos usos e na vida dos usuários dos aplicativos de geolocalização; analisar como os discursos afeminofóbicos legitimam a heterossexualização do desejo e colocam os corpos afeminados num lugar de subalternidade e; investigar, a partir das experiências de

homens *gays*, bissexuais e não-binários, como o processo de afeminofobia se legitima no sertão pernambucano.

Diante disso, este trabalho alinha-se à necessidade de avançar sobre os estudos relacionados à afeminofobia e a proteção dos Direitos Humanos da população LGBTQIA+, identificando os espaços em que tal violação é reproduzida de maneira explícita, a exemplo dos aplicativos de relacionamento por geolocalização.

Justificados por um modelo hegemônico de masculinidade e pela rejeição do feminino ou da performance da feminilidade, a visualização dos discursos violentos reproduzidos em aplicativos de relacionamento são marcadores dentro desse modelo e requerem uma interpretação, bem como uma possível solução legal para que tais discursos não continuem sendo disseminados, perpetuados e reiterados contra uma parcela da comunidade LGBTQIA+ marginalizada e violentada nos mais diversos espaços, inclusive nos espaços virtuais.

Busca-se destacar ainda a relevância social desse problema, uma vez que se trata de uma coletividade atingida por discursos moldados dentro de um modelo tóxico de masculinidade e virilidade do macho heteronormativo e padrões hegemônicos da heterossexualidade compulsória, da virilidade, do patriarcado e do conservadorismo no contexto sociocultural do sertão pernambucano.

A violência perpetrada contra indivíduos afeminados não está somente ligada aos espaços virtuais, onde os próprios usuários as reproduzem, mas também ao medo relacionado às questões de exposição e sigilo das suas identidades, isso reflete, dependendo do contexto sociocultural em que estes homens se localizam, nas relações também da “vida real”, isto é, nos espaços físicos e cotidianamente.

Estar situado no sertão pernambucano e ser uma bicha afeminada me fez querer enfrentar essas experiências negativas nos aplicativos e fora deles, pois, por diversas vezes eu me bloqueei com essas questões de exposição e sigilo, fui e sou afetado por esses discursos (normas legitimadas a partir da masculinidade hegemônica, do patriarcado e do conservadorismo) excludentes da afeminofobia e do corpo. Esse corpo afeminado que aqui vos escreve perpassa por essas violências corriqueiramente e, em posse de um conhecimento científico, ainda que raso, mas com a possibilidade de pesquisar sobre essa temática e contribuir para a comunidade LGBTQIA+, decidiu confrontar essas questões. Por isso, essa pesquisa se faz necessária.

Em função da baixa produção científica no sertão pernambucano, sobretudo em relação às questões de gênero e sexualidade, busco trazer a minha experiência nos aplicativos virtuais por geolocalização e dentro do movimento social Diverso. Falarei também brevemente sobre a

Casa Rosa, república estudantil criada por estudantes Uastianos (termo utilizado para se referir à estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada) de diversos lugares em 2017. Não poderia nesse momento deixar de citar um dos fundadores da Casa Rosa e do Movimento Diverso¹, meu amigo José Robson que, em sua dissertação, faz uma linda menção a essa república que existe e resiste em meio aos estigmas de estar situada na “terra do cangaço”.

Nas palavras de Silva (2021, p. 58) “a Casa Rosa foi uma experiência de resistência para jovens LGBTQIA+ do interior do estado que buscavam na universidade pública as mais possíveis formas de sobrevivência, lutavam por direitos que na maioria eram e ainda são negados. Tal experiência possibilitou o fortalecimento de todos os membros, o empoderamento era construído continuamente e coletivamente”, responsável, pois, por acolher e ensinar pessoas que estão se descobrindo e iniciando nas discussões sobre gênero e sexualidade.

Tivemos poucas referências aqui no sertão pernambucano sobre essas discussões, isso se deve à baixa produção acadêmica e à supressão de nossos desejos numa cidade tão conservadora e patriarcal. Dessa forma, foi preciso nos unir e apoiar uns aos outros nesse mundo, só assim iríamos conseguir desbravar esse lugar e isso possibilitaria resistirmos ou pelo menos criar mecanismos de defesas e resistência.

Foi na Casa Rosa que eu fui impulsionado e adentrei no meio acadêmico, foi lá também que eu tive minhas primeiras experiências com questões da homossexualidade. Tive minhas primeiras relações, decepções, experimentei pela primeira vez utilizar os aplicativos de relacionamento por geolocalização e os faço até hoje. Foi uma experiência nova, uma experiência rica e espero, com este trabalho puder somar nessas discussões e agradecer fortemente por tudo que a Casa Rosa me proporcionou.

1.1 Metodologia e divisão dos capítulos

O presente trabalho adotou uma abordagem qualitativa, cujo objetivo é compreender a complexidade das interações de homens *gays* em Serra Talhada, no sertão pernambucano. A pesquisa qualitativa é particularmente adequada para explorar experiências pessoais e

¹ O Movimento Diverso de Serra Talhada, criado em 2016, surgiu como um espaço de mobilização e acolhimento da população LGBT no Sertão do Pajeú. Desde então, tem buscado dialogar tanto com a sociedade civil quanto com instâncias governamentais, fortalecendo a luta por direitos e visibilidade no interior pernambucano. Um exemplo dessa articulação foi a participação no I Fórum LGBT de Serra Talhada, realizado em junho de 2018, fruto da parceria entre o Comitê Técnico de Saúde Integral da População LGBT de Pernambuco e a Secretaria Municipal de Saúde. Essa presença evidencia como o coletivo tem se conectado ao Comitê de Saúde LGBT do Estado, contribuindo para aproximar a Política de Saúde Integral da População LGBT da realidade sertaneja.

subjetivas, fornecendo *insights* profundos sobre os significados e contextos dessas interações.

Diante disso, o método escolhido para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que permite uma flexibilidade e profundidade nas respostas dos entrevistados, ao mesmo tempo que possibilita a coleta de dados sistemáticos e comparáveis.

Participantes

Foram selecionados nove homens *gays* residentes em Serra Talhada, utilizando um processo de amostragem intencional. A escolha dos participantes foi baseada em critérios que garantiram a diversidade de experiências e perspectivas, como idade, ocupação e tempo de residência na cidade e em cidades circunvizinhas de até 30 km. O perfil dos participantes foi coletado através de um questionário inicial que incluía os seguintes dados:

Nome fictício ou *nicknames*: Para garantir a confidencialidade, os participantes escolheram nomes fictícios.

Idade: A faixa etária dos entrevistados foi variada, abrangendo diferentes gerações.

Gênero: Todos os participantes se identificaram como homens.

Orientação sexual: Todos os entrevistados se identificaram como *gays*, exceto um participante que se identifica como bissexual.

Identidade de gênero: A identidade de gênero de todos os entrevistados foi confirmada como cisgênero.

Etnia/raça: A diversidade étnica e racial dos participantes foi considerada.

Estado civil: Todos os participantes são solteiros, embora o questionário permitisse outras possibilidades, como casados ou em união estável.

Filiação religiosa: Diversas filiações religiosas foram representadas, refletindo a diversidade religiosa da região.

Local de nascimento: A maioria dos participantes é de fora, mas reside em Serra Talhada ou em cidades próximas, geralmente por razões de estudo e/ou trabalho.

Coleta de Dados

A entrada no campo e realização das entrevistas foram feitas no mês de abril de 2024, em locais acordados com os participantes para assegurar privacidade e conforto, geralmente em

ambientes públicos (praças ou parques) para garantir uma maior segurança de ambas as partes, uma vez que os contatos eram feitos com perfis anônimos.

Cada entrevista teve uma duração média de 15 a 20 minutos, sendo todas gravadas com o consentimento prévio dos entrevistados e resguardando o anonimato desses participantes. As questões semiestruturadas foram cuidadosamente elaboradas para explorar diversos aspectos das interações e dinâmicas de sociabilidades por meio de aplicativos de encontro, abordando temas específicos e direcionados para responder as questões deste trabalho:

Uso e experiência com aplicativos:

Há quanto tempo você utiliza os aplicativos? Pergunta destinada a entender a familiaridade e experiência acumulada com o uso dos aplicativos.

Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles? Visa identificar a preferência por diferentes plataformas e as percepções dos entrevistados sobre cada uma, além de identificar quais são os aplicativos mais utilizados no sertão pernambucano, mais especificamente em Serra Talhada.

Com qual frequência você utiliza os aplicativos? Busca determinar a intensidade e regularidade do uso.

Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou? Identifica os benefícios percebidos pelos usuários, como facilidades na interação, aumento de contatos etc.

Quais as estratégias para conseguir mais contatos no aplicativo do Grindr? E no aplicativo do Tinder? Explora as táticas e comportamentos adotados para aumentar o sucesso nos aplicativos.

Perfis e interações:

Você usa uma foto do rosto no perfil em todos os aplicativos? Se não, por quê? Investiga as escolhas de privacidade e apresentação dos usuários.

Você poderia descrever um cara atraente para você? Entende as preferências pessoais (desejos) e características valorizadas do homem procurado pelos entrevistados que utilizam esses aplicativos.

Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr? E no aplicativo do Tinder? Você os seleciona a partir de quais características? Analisa os critérios de

seleção e os tipos de perfis que atraem os entrevistados, aqui é possível identificar recortes de classe, raça, corpo, territorialidade, jeito etc.

Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona? Se sim, ao que você atribui isso? Avalia a autenticidade dos perfis e as discrepâncias percebidas.

Impactos e experiências:

Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos? Examina o impacto dos aplicativos na vida pessoal, afetiva e sexual dos usuários.

Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê? Identifica situações de conflito ou desconforto (mal-estar) causados pelas interações nos usuários.

Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido? Coleta dados sobre experiências negativas e violentas, bem como compreende quais tipos de violências sofridas e a relação com o contexto sociocultural enquanto legitimador de discursos e violências dentro e fora dos aplicativos.

Você já teve alguma discussão com algum usuário? Explora interações conflituosas entre os usuários, bem como demarca quais as causas desses conflitos, normalmente “questão de gosto”, discursos camuflados de “zelo cultural” ou relacionados ao corpo dos participantes da pesquisa.

Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura? Ou o contrário? Avalia a clareza e especificidade nas descrições de perfil e ainda identifica se estão presentes discursos afeminofóbicos, comumente encontrados nos perfis dos usuários.

Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conheceu uma pessoa não era como você imaginava? Se sim, poderia falar mais a respeito? Coleta relatos de encontros decepcionantes ou inesperados.

Você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo? Reúne conselhos práticos para novos usuários, bem como cria estratégias eficazes para sobrevivência e exploração desses espaços virtuais por novos usuários.

Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas integralmente e analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977). Este método permitiu identificar categorias de análises

e temas recorrentes, revelando padrões e singularidades nas narrativas dos participantes. A análise foi conduzida em três etapas principais:

Leitura inicial e familiarização: A primeira etapa envolveu uma leitura cuidadosa de todas as transcrições para obter uma compreensão global das narrativas, bem como identificar quais marcadores se repetiam e o que era possível extrair dessas falas;

Codificação: Os dados foram então codificados, com segmentos de texto identificados e marcados conforme sua relevância para os objetivos da pesquisa.

Construção de categorias de análises: Os códigos foram agrupados em temas abrangentes que refletissem as principais dimensões das interações dos homens *gays* em Serra Talhada, levando em consideração o nosso objeto de pesquisa, qual seja, investigar como se dá essas dinâmicas de sociabilidade no Grindr e no Tinder a partir de experiências sertanejas de homens *gays* afeminados ou não e de bissexuais, uma vez que não encontramos nenhuma pessoa não-binária nesses espaços.

A partir da construção dessas categorias de análises, tornou-se possível dividir e estruturar nossos capítulos. A primeira categoria se refere aos dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa, nos quais estarão dispostos todos os dados necessários para compreendermos que são esses entrevistados. Dessa forma, essa categoria de análise constará no nosso primeiro capítulo, juntamente com o aprofundamento teórico-metodológico deste trabalho. A intenção é apresentar e situar o leitor sobre os entrevistados no início do trabalho, bem como abordar o nosso caminho teórico-metodológico até chegar na análise de fato.

O segundo capítulo abordará duas categorias de análises. A primeira se englobará qual o perfil do homem procurado/desejado por esses entrevistados, uma tentativa de compreender sobre as normas hegemônicas de masculinidades (homem viril, sarado, dotado etc.). Destarte, a segunda categoria discorrerá sobre o comportamento sexual desses usuários, uma análise aprofundada dos escritos de Peter Fry (1982) a partir dos sistemas hierárquico e igualitário nas relações homodesejantes.

O terceiro capítulo contemplará duas categorias de análises, sendo elas: os impactos dos aplicativos na vida afetiva e sexual dos usuários; as experiências de violências nos aplicativos de relacionamentos;

O quarto e último capítulo abordará as últimas duas categorias de análises encontradas na pesquisa, quais sejam: as vivências sertanejas e as relações homodesejantes – essa categoria nos permitirá explorar as dinâmicas interacionais de sociabilidades entre homens *gays* e bissexuais a partir da territorialidade e o contexto sociocultural que eles estão localizados e o;

fica a dica! Um tópico organizado a partir das falas dos entrevistados a fim de traçar estratégias de sobrevivência e nortear novos usuários dos aplicativos.

2 CAPÍTULO METODOLÓGICO

Inicialmente, gostaria de começar estes escritos enfatizando que nossas produções científicas devem e precisam chegar na sociedade, nas pessoas e em toda a comunidade. A força da ciência se confirma na sua capacidade de operar como um mecanismo de transformação, num instrumento de justiça e mudança social. Digo isso porque acredito que a linguagem exerce um papel de controle, e para que estes escritos cheguem aonde almejo que cheguem, eles precisam ser acessíveis, palpáveis e didáticos. Dessa forma, a construção desta dissertação seguirá esses trilhos da acessibilidade, com uma linguagem compreensível, que possa chegar aquelas e aqueles que por várias questões sociais não podem ocupar diversos espaços, sobretudo, o espaço acadêmico.

Impessoalidade parece ser a chave de muitas produções científicas. No entanto, em uma pesquisa desse porte e com uma temática tão necessária, urgente e sensível é quase impossível construir a figura do “pesquisador neutro”. É importante que eu possa me afastar um pouco do meu objeto de pesquisa, mas estar inserido no sertão de Pernambuco me fez repensar várias questões, tendo em vista o contexto histórico e cultural da região e as violências ainda perpetuadas aqui.

Durante toda construção desta pesquisa, incluindo minha entrada no campo, fui questionado por amigos e usuários dos aplicativos (*apps*) de pegação, diga-se o *Grindr* e o *Tinder*, o porquê de eu estar ali. Muitas vezes com despeito e desconfiança, questionaram minha real intenção nos *apps*, sobre a veracidade desta pesquisa e por que não pesquisar outra coisa. Lembro-me bem de uma das minhas navegações pelo *Grindr* e quando um usuário me questionou que, com tanta coisa no mundo para pesquisar e estudar, por que pesquisar no limbo dos aplicativos? Refleti sobre sua pergunta e em seguida o respondi que esta pesquisa tem uma importância e relevância social, que essa temática é sensível e mexe com a vida de muita gente, pois demarca um espaço importante e tenta compreender, partindo de um contexto de violência, um processo de interação entre homens *gays*, bissexuais e não-binários no sertão

pernambucano. Esse recorte geográfico tem uma influência muito forte na vida das pessoas que aqui estão, e isso ficará mais claro potencializado ao longo desta pesquisa.

Pois bem, cabe-nos, neste capítulo, apontar as nuances da minha entrada no campo, mergulhar nos rios de águas turvas dos aplicativos e tentar fisgar o universo que é estar nesses espaços. Aqui serão explorados conceitos sobre as pesquisas com aplicativos de geolocalização, bem como apontaremos o caminho teórico-metodológico que foi seguido. Para isso, tecerei alguns diálogos com autoras e autores importantes nas pesquisas sobre mídias digitais, por exemplo, Richard Miskolci (2017), Larissa Pelúcio (2015), Luiz Zago (2015) e outros autores que pesquisam e discutem sobre a temática.

2.1 De usuário à pesquisador: vivências virtuais

*a casa (rosa) era uma casa muito enfeitada 'não
tinha teto não tinha nada'
somente as bixas afeminadas [...]*

*'ninguém podia ninguém podia ninguém podia'
ali, todes podiam inclusive viver não seriam expulsas de casa
(como ocorria/ocorre na família tradicional brasileira de origem) [...]*

*'mas era feita com muito esmero' na rua das bixas
número vinte e quatro.*

José Robson da Silva, 2021.

Começo essa seção com essa citação do meu grande amigo Robson para primeiro, agradecer por tudo que ele me ensinou na e para a vida e, depois, para destacar a importância que foi pertencer à Casa Rosa. Esse trecho está na sua dissertação e jamais poderia deixar de estar na minha. Essa é a forma mais gentil que eu encontrei de celebrar e agradecer por tudo que eu vivi na Casa Rosa e ao lado desses amigos da vida.

Situar-me nesta pesquisa foi desafiador, em muitos momentos me senti tencionado a partir do que entendemos por ciência tradicional, uma vez que esta prega neutralidade e distanciamento dos dados, do objeto e dos sujeitos de pesquisa.

Nesse sentido, me coloco como alguém que também constrói esse saber junto aos participantes da pesquisa e aos próprios teóricos, para isso, me valho do diálogo. O diálogo tem sido, desde o início, a grande sacada desta pesquisa e é nele que me apoio na tentativa de responder todas ou quase todas as questões aqui levantadas.

Trabalhar com etnografia virtual e com entrevistas semiestruturadas requer saber lidar, o tempo inteiro, com a reflexão e a subjetividade. É por isso que aproveito este espaço da pesquisa para me identificar não apenas como pesquisador, mas também como uma pessoa que navega pelo universo dos aplicativos e conhece o campo e suas nuances.

Sou Jônatan David Santos Pereira, com um nome meio atípico por motivos de a mulher do cartório escreveu errado o meu primeiro nome. Venho de uma família conservadora, patriarcal e com uma cultura bem enraizada no sertão, pessoas da roça, onde, inclusive, passei boa parte de minha vida. Esse momento me fez questionar e refletir sobre minha sexualidade, não tive referências e precisei explorar o mundo sozinho. Por muito tempo achei que estivesse fazendo errado, vivendo errado.

Meu pai morreu aos 28 anos de idade, a idade que completei em 13 de setembro de 2024. Fui criado por mulheres, minha madrinha de batismo, minhas tias, mãe, avós, não tive muito contato com a figura masculina e acredito que isso tenha sido um ponto menos doloroso da minha jornada, pois, mesmo com todos os julgamentos, tinha referências de mulheres fortes nesse processo.

Quando o meu pai veio à óbito em um acidente de moto, todos ao meu redor falavam que ele tinha morrido para não me “me ver viado”. Essa fala ecoou por muito tempo na minha mente e queimava feito lava por dentro, mas eu sempre me posicionei na sociedade como uma pessoa forte e de caráter bem acentuado.

Sofri *bullying* minha vida inteira, dentre essas violências, as que mais me marcaram foi a rejeição e o distanciamento da masculinidade que todos falam. Eu nunca fui uma criança viril, era afeminado, cheio de trejeitos. Tirava fotos com rosas nas orelhas, tinha uma voz fina e sempre pratiquei esportes considerados femininos.

Hoje sou Jônatan, um homem cis *gay* que teve acesso a lugares privilegiados da educação e de espaços sociais – o primeiro a concluir um ensino superior da minha família paterna, pardo, nascido e criado no sertão pernambucano, em Serra Talhada, filho de Telma Maria e irmão de Luis Henrique, afilhado de Rosa, neto de Damiana Marquês e de Salete Gama (uma indígena arretada) e que me ensinou como encarar a vida de frente. Nunca conversei muito sobre minha sexualidade com minha avó – tinha medo. Um dia, no sítio, sentados estávamos quando resolvi “abrir o jogo”. A única coisa que ela me disse foi que eu não deveria me “vestir de mulher” ou ser aqueles “*gays* espalhafatosos”. Quando eu entro nos aplicativos parece que minha avó está falando isso para mim, aliás, essas normas hegemônicas de masculinidade são reproduzidas constantemente.

Serra Talhada é uma cidade onde as relações são ancestralmente perpassadas pela figura de Lampião e os seus cangaceiros, onde se discute muito se ele é herói ou vilão. É aqui que o “cabra macho” e/ou “cabra da peste” nasce. No entanto, aqui pude me deparar com outras questões que fortaleceram meu “eu” e me colocaram onde estou. Aqui tive contato com homossexuais e transexuais que deram a cara a tapa e foram resistência em tempos difíceis. Mulheres mães e solteiras e o meu ser/estar nas perspectivas da discussão de gênero e sexualidade.

Por muito tempo, eu me questioneei quem eu era e o que e como eu deveria ser na vida. Lutei e lutei contra desejos, sensações e, em uma tentativa falha de suprimir minhas inquietações e sentimentos, vi que não dava para lutar contra quem eu sou. O *bullying* me fez forte, mas ninguém precisa e merece aprender dessa forma. A rejeição se fez presente boa parte da minha vida, mas foi em contato com essas violências que “engrossei o couro” e estou aqui escrevendo esta dissertação.

Estar em contato com minha sexualidade só foi possível depois de algum tempo, precisava de uma referência. Sou o primeiro homossexual assumido da minha família e não falo isso com desdém, mas com orgulho e sabendo o peso que eu precisei carregar para estar onde estou. Mesmo sabendo que outras pessoas vivem suas emoções e desejos na calada da noite, eu preferi não carregar o peso de viver no armário e com 18 (dezoito) anos de idade eu me assumi para minha mãe, inicialmente, e depois para minha família.

Foi em contato com os aplicativos de relacionamentos *Grindr* e *Tinder* que pude ter minhas experiências mais vorazes. Inicialmente eu usava o *Tinder*, era um jovem que queria encontrar seu príncipe encantado sem precisar beijar sapos, mas beijei muitos sapos e nenhum príncipe apareceu. Migrei para o *Grindr* e foi lá que a minha monografia e este trabalho surgiram, foi lá que tive contato com a toxicidade que é estar numa plataforma violenta, excludente e cheia de algozes. Pois bem, foi nesses aplicativos que senti motivação e desejo pela pesquisa nos espaços virtuais.

Nasci e me criei aqui em Pernambuco, mais especificamente em Serra Talhada, sertão pernambucano. Foi aqui que me formei em Direito e agora caminho para o final do meu mestrado em Direitos Humanos na UFPE. Foi na academia que aprendi muitas coisas, inclusive, lutar pelo que eu acredito.

Oliveira Neto (2021) vai nos dizer que é

Em virtude de uma conotação promíscua, o uso dos apps de pegação entre os homens sempre foi marginalizado, permeado por um sentimento de culpa/vergonha, além de constante omissão do uso. Historicamente o público

LGBTQIA+ busca se distanciar dessa estigmatização derivada da epidemia de AIDS, doença considerada como “câncer gay” (TREVISAN, 2018).

Estar nos aplicativos de “pegação” ainda carrega uma marca violenta se você é assumido ou afeminado, ao se exercer a sua sexualidade nos aplicativos existem normas que ditam como se portar e o que você deve fazer se você quiser encontrar um parceiro. Existem padrões morais que excluem vivências e experiências e violentam corpos, padrões hetero(homo)normativos, que são reproduzidos de forma natural por todos nós.

Muita coisa é passível de questionamento. Se nossa sexualidade é questionada até hoje em termos de normalidade e naturalidade, sigo as orientações de Oliveira Neto (2021) para questionar esses padrões morais da hetero(homo)normatividade e a homofobia nesses espaços. Questionar essas violências requer me colocar num lugar de instrumento de pesquisa, isto é, me deslocar de usuário para pesquisador e de pesquisador para usuário dos aplicativos de forma simbiótica.

Antes de conhecer os aplicativos tive contato, por meio de um amigo de longa data a uma república, onde passei boa parte dos meus anos quase que num movimento reflexivo para me conhecer e me encontrar no mundo. A **Casa Rosa** me apresentou o mundo em sua plenitude e complexidade.

Minha trajetória na Casa Rosa é experiência de vida, não só minha trajetória acadêmica, mas minhas vivências mais intensas e de muito aprendizado. Silva (2021) vai nos dizer que

A casa assume diversos significados. Uma das descrições do Dicionário Aurélio faz a seguinte referência: “Lar; pessoas que habitam o mesmo lugar; reunião dos indivíduos que compõem uma família: a casa dos brasileiros.” Tal conceito faz sentido até certo ponto, o Apartamento 201 composto apenas por estudantes LGBTs da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – Universidade Federal Rural de Pernambuco - UAST/UFRPE era realmente um lar, uma família. (SILVA, 2021, p. 57).

A família foi aumentando e integrando novas pessoas, vivências e experiências. A Casa Rosa precisou também ampliar seus cômodos. Foi criada por e para jovens LGBTs, pessoas de diversos cursos, universidades e cidades distintas do interior do estado, mas sempre nesse ensoado de sentimentos e acolhimento. A Casa Rosa perdurou até o ano de 2017 e marcou a vida de pessoas como eu. Silva (2021) conta que

[...] foram tantas histórias construídas juntos, tantos processos educativos, afetos e dramas. Em tempos de guerra, na qual um presidente de uma nação escreve na mão esquerda as palavras: “Deus”, “Família” e “Brasil”, se apoiando em um conservadorismo e numa estrutura patriarcal que desconsidera toda e qual forma de ‘família’ que rompe o binarismo, nós

éramos resistência e não tínhamos noção, A Casa Rosa foi uma experiência de resistência para jovens LGBTs do interior do estado que buscavam na universidade pública as mais o possíveis formas de sobrevivência, lutavam por direitos que na maioria eram e ainda são negados. Tal experiência possibilitou o fortalecimento de todos os membrxs, o empoderamento era construído continuamente e coletivamente. (SILVA, 2021, p. 57).

É com essas palavras de forças durante toda minha trajetória e em nome da Casa Rosa e de tudo que eu aprendi entre suas paredes que passo a me debruçar sobre o objeto dessa pesquisa. Salientando que o diálogo é e continuará sendo a base desta pesquisa.

2.2 Mergulhando nas águas turvas dos aplicativos

“[Acessar um aplicativo] *Parece um jogo e, talvez, seja.*”
Larissa Pelúcio, 2015.

Discorrer sobre as funcionalidades dos *apps* de pegação parece uma tarefa simples, uma vez que estes são dinâmicos, práticos e objetivos. Essa premissa não é verdade. Os aplicativos que se valem da tecnologia de geolocalização pertencem a um universo muito mais complexo do que imaginamos, requerem cuidados éticos-metodológicos e é de uma profundidade imensurável. Nesse momento da pesquisa, é importante estabelecer diálogos com autoras e autores das mídias digitais, mas antes disso é pertinente situá-los no universo desses aplicativos.

Pois bem, inicialmente havíamos pensado em limitar esta pesquisa somente ao *app* do *Grindr*, dada a popularidade desse aplicativo em Serra Talhada e região. No entanto, percebemos que o *Tinder* também é bastante explorado, o que contribuiria com a diversidade de dados e pessoas que pudéssemos encontrar nesses espaços.

Esta pesquisa foi desenvolvida em ambiente digital, mais precisamente nos aplicativos de pegação entre homens *gays*. Dessa forma, nossa inspiração seguiu a perspectiva da etnografia virtual que, por sua vez, tenta compreender os fenômenos da internet e como estes se entrelaçam com a vida social.

De acordo com HINE (2000, p. 13) *apud* Oliveira Neto (2021, p. 43),

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos em que é utilizada e é uma abordagem adaptativa que prospera em reflexividade sobre o método. A abordagem da etnografia que é descrita pretende-se aqui fazer justiça à riqueza e complexidade da Internet e também para defender a experimentação dentro do gênero como resposta a situações inovadoras. HINE (2000, p. 13) *apud* Oliveira Neto (2021, p. 43).

É a partir desse conceito que Miskolci (2017) afirma que essas relações digitais estabelecidas pelos usuários nos aplicativos estão conexas com o social, isto é, o mundo tecnológico e o social emaranhados, onde o digital é utilizado para mediar as relações sociais ali estabelecidas.

Essas relações mediadas através das mídias digitais, os *apps*, por exemplo, estão postas de forma muito natural no nosso cotidiano, isso significa que, de acordo com Oliveira Neto (2021, p. 44), vai desde o acordar pelo despertador do celular, as mensagens dos grupos de trabalhos até pensar na seleção de parceiros/as para relações sexuais e/ou afetivas.

Oliveira Neto (2021, p. 44) ainda vai nos dizer que essas práticas de pegação homoeróticas não se constituem necessariamente nos *apps*, mas estes são que têm se constituído como novos espaços para negociações. Isto significa também dizer que os diferentes usos desses aplicativos podem gerar efeitos não só nos seus usuários, mas também na cultura. A internet, portanto, é essencial no processo de legitimar práticas já existentes, mas que em relações presenciais são moralmente proibidas.

Corrêa; Sívori; Zilli, (2012) (*apud* Oliveira Neto, 2021, p. 45) vem corroborar esta ideia dizendo que a internet é compreendida como um espaço potencialmente experiencial de expressão da sexualidade não-heteronormativa, sendo assim plural, mas que também é assujeitada à regulação e disciplina moral. É o que é possível perceber nesses espaços virtuais quando, por exemplo, pessoas subversivas são reguladas e excluídas das relações de desejos por performarem uma feminilidade.

Pelúcio (2015, p. 83) nos diz que essa possibilidade de estabelecer relações amorosas e sexuais por meio de sites de encontros mudou a paisagem emocional de forma bastante sensível, incidindo na conformação de novas práticas de sociabilidade, mas que também está na conformação de subjetividades marcadas por essas dinâmicas do não presencial.

A dinâmica que rege as relações dos usuários com os espaços digitais está atravessada por singularidades socioculturais que provocam, muitas vezes, transformações significativas na maneira como as pessoas se apropriam dos serviços, levando-as a abandonarem seus perfis *on-line* e/ou migrarem para outras plataformas ou ainda aderirem a novas possibilidades de comunicação mediadas pelas tecnologias contemporâneas. (Pelúcio, 2015, p. 84).

Nesse sentido, foi a partir da criação da *internet* e do surgimento de novas plataformas que esses contatos de troca de mensagens se tornaram mais acessíveis. Miskolci (2017, p. 94) aponta, entre essas plataformas, as salas de bate-papo (*chatrooms*), os sites de anúncios de busca

por parceiros e os programas de troca de mensagens instantâneas. Num primeiro momento, é possível dizer que esses aplicativos eram muito limitados comparados com os aplicativos atuais, haja vista que as conversas eram estabelecidas a partir da troca de mensagens, somente, não existia troca de imagens.

Miskolci (2017, p. 94) considera provável que a rápida adesão às mídias digitais por parte de homens em busca de parceiros do mesmo sexo foi incentivada pelo contexto mais letal da epidemia de aids, que levava à busca de parceiros com menor chance de estarem contaminados. Essas relações on-line eram estabelecidas por homens de classe média e alta, que entravam nesses aplicativos para buscarem homens fora do meio, sadios e desvinculados da aura de marginalidade que se associava ao circuito de socialização homossexual e à própria homossexualidade, de acordo com o autor.

O desejo de escapar da contaminação e, sobretudo, do preconceito criado pela pandemia passou a encorajar a busca por identidades corporais vistas socialmente como saudáveis, masculinas e viris (Miskolci, 2017, p. 94). Nesse sentido, é possível dizer e consonância com o autor que a internet surge num contexto do advento de drogas e tecnologias corporais que levariam à consolidação da imagem do *gay* viril dedicado a atividades esportivas, em especial a musculação em academias. Dessa forma, o verdadeiro intuito dessas novas tecnologias médicas, corporais e midiáticas era de distanciar das imagens disseminadas na década de 1980 e 1990 de homens doentes e fragilizados pela síndrome da imunodeficiência adquirida.

Esse salto de espaços físicos para o mundo virtual fez com que homens, *on-line*, na faixa dos vinte e poucos anos, passassem a viver uma nova forma de compreender o desejo por pessoas do mesmo sexo e as interações homossexuais, de acordo com Miskolci (2017, p. 95). Esse acesso individualizado e anônimo às plataformas como bate-papos e sites de busca por parceiros tornou a experiência do flerte homossexual em variações de um processo de seleção. Dessa forma, o usuário se alocava na posição de escolha de parceiros elegendo os que associava a valores e comportamentos socialmente valorizados em detrimento dos que poderiam evocar estigmas, como afirma o autor.

Diante disso, Pelúcio (2015, p. 85) afirma que essas mídias digitais voltadas para encontros e relacionamentos amorosos e sexuais, que incluem esses aplicativos, são entendidas como meios que permitem criar redes relacionais seletivas dentro do que Miskolci (2017) vai chamar de “espécie de mercado amoroso e sexual”. De acordo com Pelúcio (2015, p. 85), essa criação das mídias digitais responde a um conjunto de transformações sociais e econômicas neoliberais que, a partir da década de 80, incidiram diretamente na forma das pessoas constituírem suas relações.

Nesse sentido, Pelúcio (2015, p. 87) afirma que essas mídias digitais integram um complexo campo, onde desejos, amor e afetos propiciam a criação de novas tecnologias, pactuando uma estreita relação entre estas e os sentimentos. Miskolci (2013) aponta um conceito bastante utilizado por pesquisadores das mídias digitais, a “nova economia do desejo”, citada por Pelúcio (2015) em seus escritos. Essa nova economia do desejo gere a urgência dos encontros e otimização destes a partir de algoritmos. Esses algoritmos indicam a possibilidade abundante dessas ofertas de parcerias, de acordo com Pelúcio (2015, p. 87).

Essa breve abordagem sobre os aplicativos nos fez perceber as dinâmicas de interações entre homens nas plataformas mais antigas. A partir de 2009 surgem aplicativos que dinamizam ainda mais essas relações, aplicativos que reforçam esses estigmas de seleção de homens *gays*, bissexuais e não-binários, como é o caso do *Grindr*, por exemplo. No momento subsequente, pincelaremos as funcionalidades e criação desses aplicativos objetos desta pesquisa.

2.3 O *Grindr*

De acordo com Miskolci (2014) o *Grindr* foi o primeiro aplicativo de interação entre homens *gays* a conjugar essa busca por parceiros ao mecanismo de geolocalização. Hoje, essa plataforma se expande para diversos públicos, não somete *gays*, mas bissexuais, pessoas não binárias e pessoas transexuais, embora iremos forçar apenas nos três primeiros grupos.

Dentre as funcionalidades do aplicativo está a possibilidade de o usuário visualizar, no caso de não ter o pacote premium, 99 (noventa e nove) pessoas próximas, trocar mensagens, fotos (nudes²) e até localização. A grande sacada desse tipo de aplicativo está na possibilidade de os usuários poderem trocar essas mensagens de forma individualizada, o que dinamiza o contato e a interação entre os usuários e distancia da perspectiva do que tínhamos antes do surgimento dos *apps*, isto é, os encontros e pegações em espaços específicos para isso.

Nas dinâmicas do *Grindr*, é por meio dos perfis que podemos encontrar alguns marcadores. O próprio *app* disponibiliza funções específicas as quais se pode identificar os perfis de acordo com sua busca, ou seja, questões identitárias e estatísticas como idade, altura, peso, porte físico, posição (ativo, passivo, versátil, versátil + passivo, versátil + ativo ou sem penetração), etnia, relacionamento atual e as tribos pertencentes. Além dessas informações é possível assinalar quais são suas expectativas no aplicativo, por exemplo, o que o usuário busca,

² Nudes é uma palavra comumente utilizada nesses aplicativos de pegação para se referir a fotos despidas, sem roupa, normalmente a foto do pênis e/ou do ânus. É comum a prática dos usuários pedirem nudes uns aos outros, mas não é uma regra.

onde será o local de encontro e se aceita fotos *NSFW*³. Na mesma aba é possível se preencher como está sua saúde, incluindo exame de HIV e outras vacinas que você tenha ou não tomado como a da COVID-19, varíola dos macacos e meningite. Vale salientar que todos esses campos são de preenchimento voluntário.

Um pouco mais abaixo aparecem as redes permitidas pelo *Grindr* para vinculação ao próprio aplicativo, entre elas estão o Instagram, Spotify, o Twitter e o Facebook. É possível ainda se colocar fotos no perfil ou não, vale reforçar que não é permitido nudes, somente no privado da pessoa que você está conversando. Pode-se colocar um nome de exibição, normalmente os usuários utilizam emojis. Ainda o *app* permite que se fale um pouco sobre você na aba “Sobre mim” e “As minhas *Tags*”. Esse último é bem interessante e dinâmico, pois permite que o usuário identifique quais são seus fetiches como (axila, água da banheira, agora, amizadecolorida, beijos, bondage e borracha, além de mais 61 tipos de fetiches), quais são seus passatempos e sua personalidade, além de outras *Tags* aleatórias.

De acordo com Maracci et al. (2019, p. 2),

O Grindr difere-se das salas de bate papo (como os chats presentes nos portais Uol e Terra, muito utilizados na mediação do sexo gay nos primeiros anos do século XXI) pelo critério exclusivo de proximidade. Enquanto nesse outro momento da socialização gay por via da internet podia-se escolher uma sala por temática comum (fetiches específicos, idades, cidades etc.), com o aplicativo, são expostas apenas pessoas próximas ao usuário. Há um mecanismo de seleção que permite a visualização das pessoas que correspondem às “tribos” ou outras categorias escolhidas pelo sujeito, no entanto, como esta opção é dificultada para os não pagantes do serviço, não é um dispositivo usado corriqueiramente, ao menos no Brasil. (Maracci et al., 2019, p. 2).

É a partir disso que Maracci et al. (2019, p. 2) bebe dos escritos de Miskolci (2012) para afirmar que a criação desse perfil em uma rede social on-line articula um ‘eu privado’ a uma ‘performance pública’, onde esse último produz uma versão melhorada de quem essas pessoas são de verdade. É por isso, por exemplo, que, durante as entrevistas será possível demarcarmos e discutirmos questões como essas: se a pessoa já viveu uma situação embaraçosa, isto é, quando conheceu uma pessoa não era como imaginava. Isso tudo faz parte dessa idealização e performance do “eu” a partir da criação desses perfis.

Ao se construir um perfil nos aplicativos, é possível perceber a utilização de alguns marcadores indispensáveis como a foto, o nome e a descrição, todos esses marcadores são

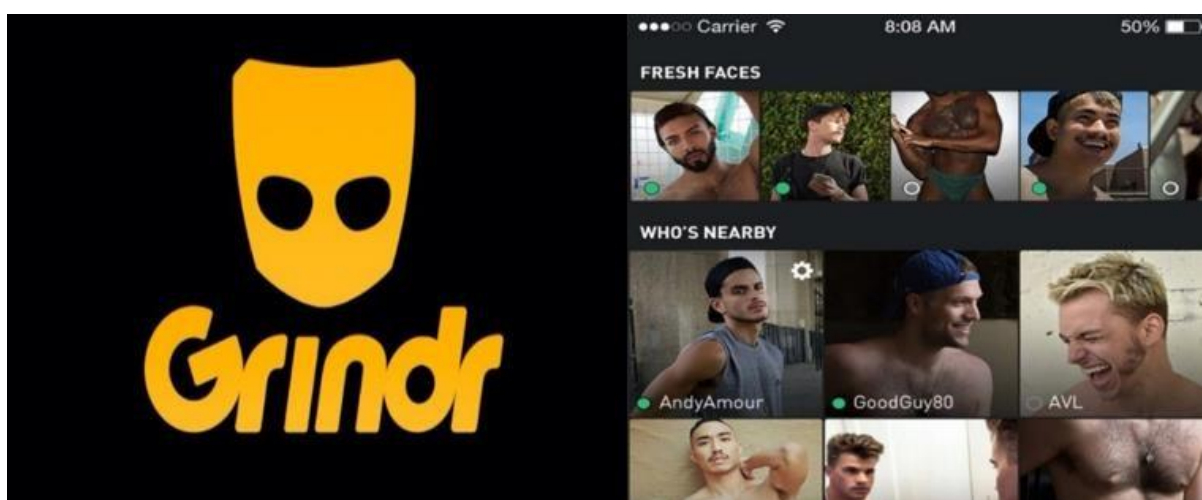
³ Termo utilizado para se referir a fotos ou imagens que não são apropriadas para serem visualizadas em ambientes de trabalho ou locais públicos. É uma terminologia utilizada pelo *app* para se referir a nudes, já conceituado acima.

opcionais. Eles exercem um papel de cartão de visitas e sua funcionalidade está atrelada a uma lógica de consumo, isto é, o usuário cria o perfil que se assemelha a uma mercadoria exposta numa vitrine. Isso vale para os aplicativos do *Tinder* e do *Grindr*, os quais são objetos desta pesquisa.

De acordo com Rocha e Coelho (2018, p. 12), o *Grindr* é uma rede geossocial criada em 2009 que pode ser usada no Android, iPhone, iPod touch, iPad, Blackberry OS. Disponível para *download* a partir da App Store e o Android Market/Play Store. Esse *app* vem em duas versões livres e o baseado em assinatura (*Grindr Xtra*). O aplicativo faz uso do dispositivo geolocalização, que permite aos usuários encontrarem outros *gays*, homens bissexuais e não binários (com a ampliação dessa diversidade de pessoas no *app* é muito recorrente que se encontre também mulheres transexuais e travestis) em estreita proximidade. Isto é possível através de uma interface simples que exhibe uma grade de imagens representativas dos homens, dispostos a partir de mais próximo ao mais distante.

Tocar em uma imagem irá mostrar um breve perfil para esse usuário, bem como a opção de bate-papo, envio de fotos e do mapa que localiza onde o usuário se encontra atualmente, mostrando a distância entre os que estão se comunicando. Criado pelo americano Joel Simkhal, de 33 anos, o *Grindr* já conta com mais de 1 milhão de usuários em 180 países, sendo mais de 6.000 deles no Brasil. Diariamente, 2.000 pessoas se inscrevem no serviço. Um total de 242,5 mil pessoas se conectam, em média, oito vezes ao dia e gastam 1,3 hora no aplicativo. O *Grindr* proíbe fotos de nudez ou obscenas, podendo bloquear o perfil dos usuários.

Figura 1 – Imagens promocionais do aplicativo *Grindr* (esquerda) divulgada em 2019 e 2018 no *Threatpost* (direita) e *PinkNews*



Fontes: <https://threatpost.com/grindr-national-security-risk/143206/> e <https://www.pinknews.co.uk/2018/04/30/what-is-grindr-gay-dating-apps/>

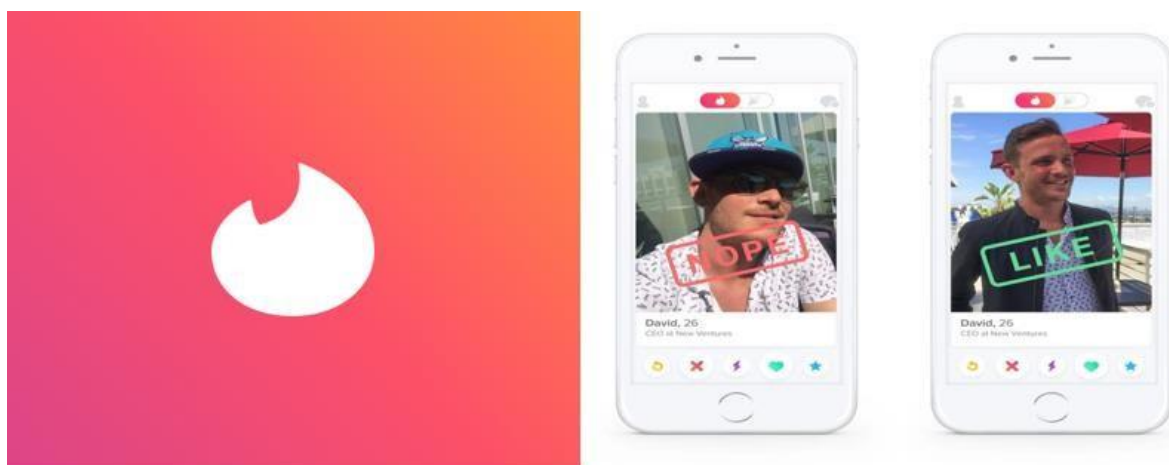
2.4 O *Tinder*

O *Tinder* é uma aplicação multiplataforma de localização de pessoas para encontros românticos online, criado em 2012, cruzando informações do Facebook, Spotify e Instagram, localizando as pessoas geograficamente próximas. Esta aplicação está disponível para os sistemas Android e iOS. Sua interface é constituída de uma sucessão de perfis de outras pessoas. O usuário então desliza o dedo sobre a tela para direita (graficamente arrastando o perfil de uma pessoa) se estiver interessado, ou para esquerda, se não estiver interessado. Isso é feito de forma anônima. Pode-se também ver mais fotos e informações, se existirem, de cada pessoa registrada. Quando dois usuários estão mutuamente interessados um pelo outro, eles são informados e podem começar uma conversa.

O aplicativo atingiu, em 2014, 100 milhões de usuários no mundo todo, sendo 10% do Brasil. Em 8 de junho de 2016 o *Tinder* anunciou que descontinuará o serviço de encontros para menores de 18 anos de idade. Até então, adolescentes a partir dos 13 anos podiam usar o aplicativo, com a restrição de visualizar apenas perfis que também estivessem nessa faixa etária, mas a partir daquela data o acesso a menores de 18 anos passou a não ser mais permitido. A partir de novembro de 2016 o *Tinder* passou a permitir a identificação no perfil de usuário de pessoas transgênero, algo que vinha sendo reclamado. Para já a possibilidade apenas existe para usuários dos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. Em março de 2017, foi divulgado pela equipe do *Tinder* a existência do *Tinder Select*, um serviço que pode ser acessado somente por pessoas convidadas, incluindo celebridades, famosos e pessoas ricas.

A ideia central é que tudo esteja funcionando dentro do mesmo aplicativo, mas quem possui acesso a essa nova rede pode procurar pessoas tanto na rede normal quanto na exclusiva. Seis meses depois, em setembro de 2017, foram lançadas duas novas versões pagas do aplicativo, chamadas de *Tinder Plus* e *Tinder Gold*. Pagando valores mensais, os usuários ganham acesso a funcionalidades ilimitadas ou novas funções. A versão Plus permite, por exemplo, curtidas ilimitadas, enquanto a versão Gold inclui a função "*Likes You*" que permite a visualização de perfis que curtiram o perfil do usuário antes de dar um "match".

Figura 2 – Imagens promocionais do aplicativo *Tinder* divulgada em 2019 e 2017 no próprio site e no *Inews* respectivamente



Fontes: <https://tinder.com/?lang=pt-BR> e <https://inews.co.uk/news/technology/tinder-introduces-a-new-no-swiping-gold-membership-who-likes-you-520952>.

Larissa Pelúcio (2015, p. 81) diz acessar esses *apps* metaforicamente “parece um jogo e, talvez, seja. Você faz o *download* do aplicativo para se *smartphone*, registra-se, aciona do GPS do aparelho e pode, a partir daí, visualizar perfis sintéticos de pessoas que estão próximas geograficamente e que também se cadastraram no Tinder, talvez o aplicativo mais popular no Brasil para a promoção de relacionamentos amorosos e/ou sexuais”.

No âmbito das sexualidades e do desejo em encontrar um sexo rápido, discordo em parte com a autora quando esta coloca que o *Tinder* é, talvez, o app mais popular no Brasil. Essa discordância ficará mais clara a partir de todas as respostas dadas pelos entrevistados que, localizados em Serra Talhada e cidades circunvizinhas, preferem acessar o *Grindr* para estabelecer relações mais imediatas.

Pelúcio (2015, p. 81) vai continuar discorrendo sobre a dinâmica das funcionalidades do aplicativo e sua praticidade. Nas opções desse aplicativo (*Tinder*) você conseguirá visualizar homens e mulheres, ou apenas um ou outro. Como cartas de baralho, o formato nos remete a esse *layout*, imagens vão suceder de acordo com a dinâmica do “curta” ou “passe”, graficamente representados por um “x” em vermelho – posicionado no lado esquerdo da tela – e o coração verde, à direita. Um ponto inovador dessas novas plataformas virtuais é a possibilidade de redes vizinhas estarem atreladas ao seu perfil. É possível saber vocês têm amigas e amigos em comum no Facebook, interesses em comum, músicas no Spotify, dentre outras funcionalidades.

Alguns procedimentos merecem cuidados, por exemplo, *off-line*, é importante filtrar para que esses diálogos íntimos por mídias digitais sejam transformados em ciência. No nosso caso, seguindo os conselhos pragmáticos das pesquisadoras e pesquisadores em mídias digitais,

não usar os nomes verdadeiros de entrevistados e/ou fornecer dados pessoais que possam identificar estes participantes. Mesmo quando esses pedirem ou sugerirem, é importante manter esse procedimento ético consolidado.

Nesta pesquisa, utilizamos nomes fictícios dos participantes, mas em diversos momentos estes pediram para usar seus nomes reais e afirmaram não ter problemas com as questões de exposição. Para além disso, atendemos aos protocolos éticos sugeridos nas literaturas de Pelúcio (2015) e Miskolci (2017) e atentamos para o não fornecimento desses dados pessoais que pudessem identificar os participantes.

2.5 Construção e entrada no campo teórico-metodológico

A proposta metodológica desta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa. Nos valem de entrevistas pessoais para identificação e compreensão de aspectos que chamamos de categorias de análises dos diversos usuários nesses aplicativos de geolocalização com finalidades de encontros/relacionamentos/paquera, a saber homens *gays*, bissexuais e não-binários. Para tanto, utilizamos entrevistas semiestruturadas com questionamentos predefinidos (APÊNDICE A). A princípio, escolhemos um *corpus* de 10 (dez) entrevistados para compreender as diferentes experiências e vivências dessas pessoas.

O nosso campo de análise centrou-se numa investigação em Serra Talhada e em cidades circunvizinhas (no raio de 30 km). Essa quilometragem foi estabelecida somente no aplicativo do *Tinder*, uma vez que este permite que escolhamos a distância, idade e diversos outros marcadores essenciais para compreensão dessas interações no sertão pernambucano. No *Grindr* não há necessidade de se colocar o raio de distância, tendo em vista que esse filtro já é feito de forma automática. Caso o usuário possua o pacote *premium* (assinando o *Grindr xtra* e/ou *unlimited*) é que se torna possível a delimitação da quilometragem, não sendo este o nosso caso.

Partindo do recorte geográfico, é importante dizer que este foi essencial para a pesquisa porque nos fez compreender aspectos socioculturais nesse processo, haja vista essas cidades carregarem marcas profundas do patriarcado e da cultura do “cabra macho”, sobretudo Serra Talhada, conhecida como a “Terra de Lampião”.

Nesse sentido, existem modelos de entrevistas e nesta pesquisa foi-se utilizada a entrevista semiestruturada, que, de acordo com Manzini:

[...] possui um roteiro de perguntas básicas previamente estabelecidas e que fariam referência aos interesses da pesquisa. Ela [a entrevista semiestruturada] difere da estruturada pela sua flexibilidade quanto às atitudes e compreensão

do pesquisador, podendo ou não alterar as perguntas no decorrer das respostas dadas (Manzini, 2004, p. 21).

Quando se está diante desse tipo de metodologia, precisa-se se concentrar na formulação das perguntas básicas. Foi exatamente o que fizemos. Durante o decorrer das entrevistas, ao se tocar em pontos específicos para compreensão desses processos de interações desses usuários provocamos e instigamos para que os participantes pudessem discorrer mais sobre suas vivências e experiências no universo dos aplicativos.

De acordo com Triviños (1987) é por meio das entrevistas semiestruturadas que é possível se descrever não só os fenômenos sociais ali presentes, mas compreender e explicar sua totalidade. Isso também permite a presença atuante do pesquisador durante o processo de coleta de informações. O autor ainda afirma que esse tipo de entrevista está focado em um assunto específico com perguntas genéricas, mas que por trás destas estão complementadas por outras questões inerentes à questão central. Será possível visualizar isso ao decorrer deste trabalho.

As entrevistas semiestruturadas são alternativas viáveis para a obtenção de resultados livres, pois o pesquisador, embora relativamente condicionado ao roteiro de entrevista, poderá obter respostas de forma livre, tendo em vista que estas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

De posse desse roteiro, é importante que haja um planejamento da coleta de informações e que sejam elaboradas questões que possam atingir os objetivos da pesquisa. De acordo com Manzini (2003), o roteiro com as questões inerentes à pesquisa não é uma ferramenta condicionante ao pesquisador, muito pelo contrário, é por meio dele que o pesquisador irá obter informações básicas, por exemplo, dados sociodemográficos dos participantes (nome, idade, orientação sexual, identidade de gênero, estado civil, cor/raça etc.) e se organizar para o processo de interação com os estes participantes.

As perguntas postas no roteiro de entrevista não devem ser amarradas de forma que possam travar a pesquisa. Essas perguntas estar soltas o suficiente para abrir perspectivas de análises e interpretação de ideias, de acordo com Triviños (1987). Além disso, o pesquisador prescinde de alguns cuidados ao formular as questões para o participante da pesquisa ou entrevistado. De acordo com Manzini (2003) são eles: “cuidados quanto à linguagem”; “cuidados quanto à forma das perguntas”; e “cuidados quanto à sequência de perguntas nos roteiros”.

Dessa forma, o presente trabalho é uma aplicação prática dos construtos teóricos apresentados naquele trabalho anterior (Manzini, 2003). Partindo do pressuposto de que uma

boa entrevista começa com a formulação de perguntas básicas, que deverão atingir o objetivo de pesquisa, é possível fazer uma análise do roteiro para identificar a sua adequação em termos de linguagem, estrutura e sequência das perguntas no roteiro.

2.6 Baixei os *apps* e agora?

Depois dessa imersão no mundo dos aplicativos e dessa discussão com teóricos sobre as nuances dos espaços de mídias digitais, passo a contar aqui como foi a entrada no campo de pesquisa.

Inicialmente, comprei, no dia 11 de março, um *Chip* da operadora TIM, através do qual criei o *WhatsApp* para facilitar a comunicação com os participantes em caso de interesse em conversar fora desse universo dos aplicativos. O nome que constava no perfil do *WhatsApp* era “PESQUISADOR”, nome também utilizado no *Tinder* e no *Grindr*. Usei uma foto para identificação. No entanto, não consegui migrar a conversa dos aplicativos para essa outra rede social do *WhatsApp*.

A foto utilizada teve como referência estudos semelhantes e realizados com esse tipo de metodologia. Dessa forma, optamos por escolher uma foto mais séria seguido do *nickname* “PESQUISADOR”. A foto que escolhemos para me identificar durante a pesquisa é uma foto mais séria, nela estou com a mão no rosto e vestindo preto. Esses elementos contribuem para convidar os participantes a entrarem em contato, uma vez que me torno “carne nova no pedaço”. Ser carne nova no pedaço é uma expressão muito utilizada nos aplicativos de pegação para se referir a um novo membro que está ali e que, dependendo dos estereótipos, é muito cobiçado e disputado entre os usuários.

Lembro de um perfil sem nome, mas com idade de 28 anos, passivo, branco, 178cm de altura, 98 kg, parrudo e com as seguintes *tags*: anime e carinhoso. Esse perfil se encontrava a 282 km de distância de mim e iniciou a conversa dizendo “Oi, moço”. Quando os usuários entravam e contato comigo eu mandava a seguinte mensagem “Boa noite! Você aceita participar da pesquisa? Estou com um roteiro para entrevista, daí a gente pode se falar por WhatsApp ou marcar em algum lugar para que a entrevista seja feita pessoalmente. Lembrando que todos os dados são sigilosos (isso significa que não haverá tua exposição).

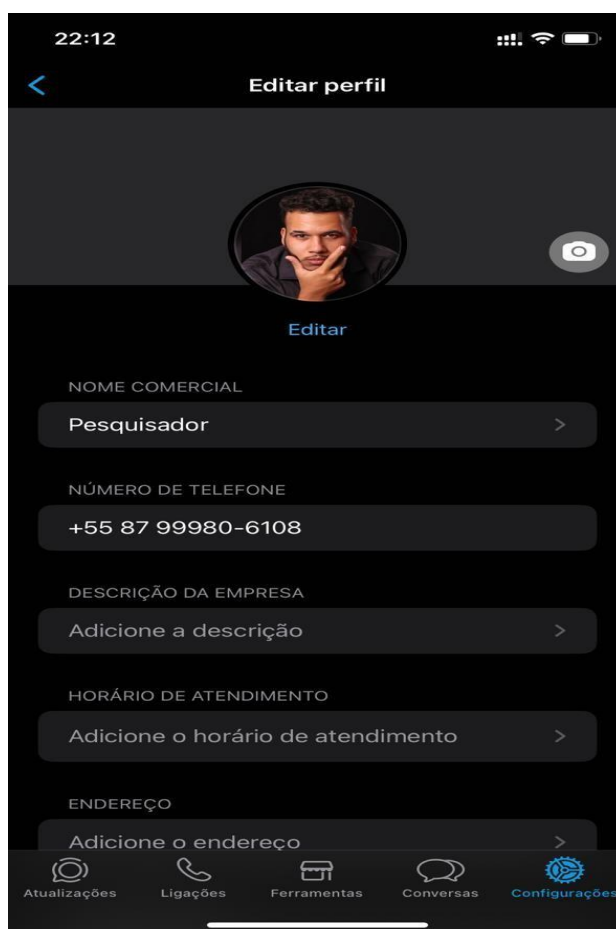
O perfil respondeu que podia ser e que eu teria que ir até ele para realizar a entrevista. Eu perguntei onde ele morava e que a entrevista seria realizada em um lugar público, mas tranquilo para não atrapalhar a gravação. Ele me respondeu que morava em Simões, no Piauí.

Eu acreditava que ele estaria em Serra Talhada ou alguma cidade circunvizinha, pois foi a quilometragem que estabelecemos para esta pesquisa, um raio de até 30 km de distância.

Ele falou sorrindo que era longe e perguntou se era solteiro e que tinha ficado curioso. Eu respondi educadamente que sim, era solteiro, mas que esse perfil havia sido criado somente para pesquisa. Ele me respondeu que sabia, mas que tinha me curtido e em seguida mandou uma foto no espelho de corpo todo. Não respondi mais, uma vez que o usuário demonstrou não ter interesse em participar da pesquisa, mas sim em estabelecer um contato afetivo-sexual.

Essa situação foi apenas uma dentre várias, alguns usuários já chegavam mandando nudes ou fotos de cueca, que demonstra que não dá para passar despercebido nessas plataformas, o que também não era nossa intenção. Em conversa com um usuário perspicaz desses aplicativos, foi relatado que é comum apagarem os perfis e recriarem novos, fazendo isso eles conseguiriam serem notados, pois esses perfis criados recentemente ocupam lugares privilegiados nos *apps*, além de serem indicados como perfis recentes.

Figura 3 – print do meu perfil do WhatsApp criado exclusivamente para esta pesquisa.



No dia seguinte a criação desse contato no *WhatsApp*, dia 12 de março, criei o perfil de pesquisador no *Grindr* e no *Tinder*. Nesses aplicativos eu coloquei a seguinte descrição: “Sou

pesquisador no Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos da UFPE. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a interação de usuários do Grindr e do Tinder. Todas as informações cedidas serão sigilosas. A gente poderia conversar um pouquinho?”.

Os elementos utilizados no *Grindr* foram os seguintes: Foi colocada a altura de 177cm, idade 27 anos, Homem Cis e os pronomes Ele/Dele. As expectativas eram que estava buscando por Conversa e o encontro seria numa cafeteria (fazendo alusão a esse espaço público), tendo em vista que todas as entrevistas foram feitas em espaços públicos. Em relação a saúde, coloquei que fui vacinado contra a COVID-19. É importante dizer que quando o perfil é criado ele se torna de domínio público, ou seja, qualquer pessoa que tenha os aplicativos baixados em seu *smartphone* poderá ter acesso ao seu perfil. No caso do *Grindr* e do *Tinder*, é possível se vincular utilizando outras redes sociais como o *Google* ou o *Facebook*.

Figura 4 – Perfil do Grindr. Imagem capturada da tela de Ipad.

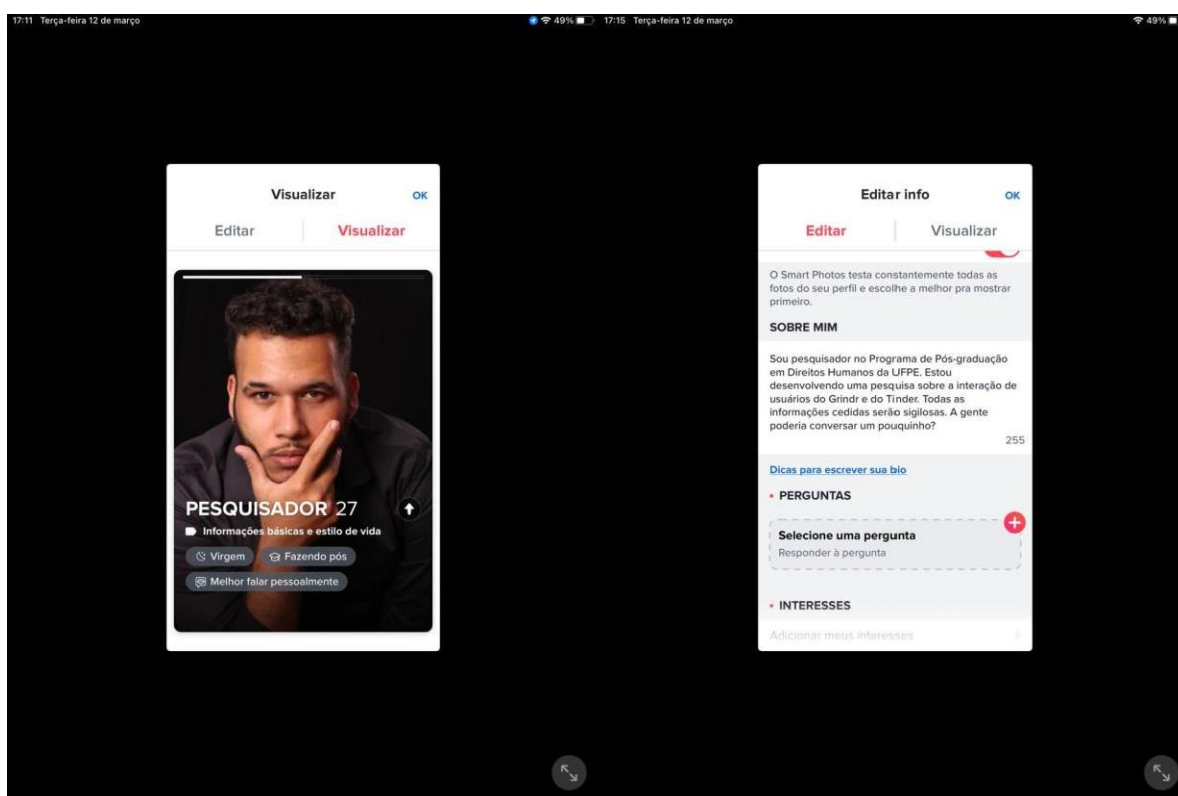


No *Tinder*, segui o mesmo esquema do *Grindr*, mas elaborando o perfil de acordo com o que era possível acessar nas funcionalidades do aplicativo. Na parte principal do aplicativo

coloquei a mesma foto que utilizei no Grindr, a idade de 27 anos, e o *nickname* de “PESQUISADOR”. Acrescentei informações na parte de informações básicas e estilo de vida como o signo de Virgem, fazendo pós e melhor falar pessoalmente.

Defini a quilometragem em 30 km de distância de Serra Talhada e repeti a descrição: “Sou pesquisador no Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos da UFPE. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a interação de usuários do Grindr e do Tinder. Todas as informações cedidas serão sigilosas. A gente poderia conversar um pouquinho?”

Figura 5 – Perfil do Tinder. Imagem capturada da tela de Ipad.



Foi feita uma observação em ambos os aplicativos no período de 02 (dois) meses, abril e maio. Essa observação e interação minha com os usuários não era estática, isto é, os aplicativos foram acessados em horários diferentes, o que me permitiu ter uma rotatividade maior e diversa dos perfis, sobretudo na madrugada.

Depois de concluir essas etapas iniciais, iniciei, definitivamente a observação no dia 01 de abril. Acreditava que seria difícil contatar com esse público, pois quando se está num aplicativo de encontro, relacionamento e paquera, queremos tudo menos responder perguntas de um desconhecido. Mas a realidade é que no mesmo dia que entrei no aplicativo já consegui contatar com alguns perfis e marcar com um usuário uma entrevista pessoalmente. Nesse processo, percebi que mesmo com o *nickname* de “PESQUISADOR”, o que denota a minha real intenção nos *apps*, alguns usuários tentaram estabelecer relações sexuais e encontros casuais comigo.

Mais uma vez reitero que tentei entrar nos aplicativos em horários distintos para que eu conseguisse encontrar a maior diversidade de pessoas possíveis, o que logrou êxito. Serra Talhada é um polo universitário, uma cidade que tem uma gama de pessoas naturais de outros lugares. O primeiro usuário que topou participar da pesquisa reside em uma cidade que fica a 30 km daqui. Os outros participantes residem aqui em Serra Talhada, mas muitos são de outras cidades, inclusive, São Paulo - SP, o que nos fornece um contraste das vivências e experiências desse participante em uma cidade do interior.

Nesse momento passo a apresentar os participantes e os dados sociodemográficos de cada um. Ao total foram 09 (nove) participantes nesse lapso temporal de dois meses de campo, abril e maio. No que conste, esses dados demográficos estão em anexo no Apêndice A – Roteiro de Entrevista e incluem os dados do participante: nome fictício, idade, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, etnia/raça, estado civil, filiação religiosa e local de nascimento.

Tabela 1 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

NOME FICTÍCIO	Sigiloso ST	GhostFace	H Discreto	Passivo c/l	Paulista Dom
IDADE	24 anos	26 anos	32 anos	25 anos	28 anos
GÊNERO	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
ORIENTAÇÃO SEXUAL	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Bissexual	Homossexual
IDENTIDADE DE GÊNERO	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero
ETNIA/RAÇA	Pardo	Preto	Branco	Pardo	Branco
ESTADO CIVIL	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
FILIAÇÃO RELIGIOSA	Candomblecista	Candomblecista	Católico não praticante	Não segue doutrina	Católico
LOCAL DE NASCIMENTO	Ouricuri - PE	Jaboatão dos Guararapes - PE	Feira Grande - AL	Tabira - PE	São Paulo - SP

NOME FICTÍCIO	R	Novinho c/l	19cm c/l	Almeidinha
IDADE	25 anos	20 anos	19 anos	19 anos
GÊNERO	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
ORIENTAÇÃO SEXUAL	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual
IDENTIDADE DE GÊNERO	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero
ETNIA/RAÇA	Pardo	Branco	Pardo	Pardo
ESTADO CIVIL	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
FILIAÇÃO RELIGIOSA	Católico	Católico	Candomblecista	Católico
LOCAL DE NASCIMENTO	São José do Belmonte - PE	Serra Talhada - PE	Serra Talhada - PE	Serra Talhada - PE

Nessa outra parte dos dados sociodemográficos de cada participante, foi feito um levantamento em gráfico pizza de alguns marcadores como a idade, local de nascimento e cor/raça. Os outros elementos não constam no gráfico porque são comuns, ou seja, todos correspondem à mesma estatística, todos solteiros e a mesma identidade de gênero.

Tabela 2 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR IDADE

IDADE	Nº ABSOLUTO	%
18 – 20 ANOS	3	33
21 – 30 ANOS	5	56
+31 ANOS	1	11

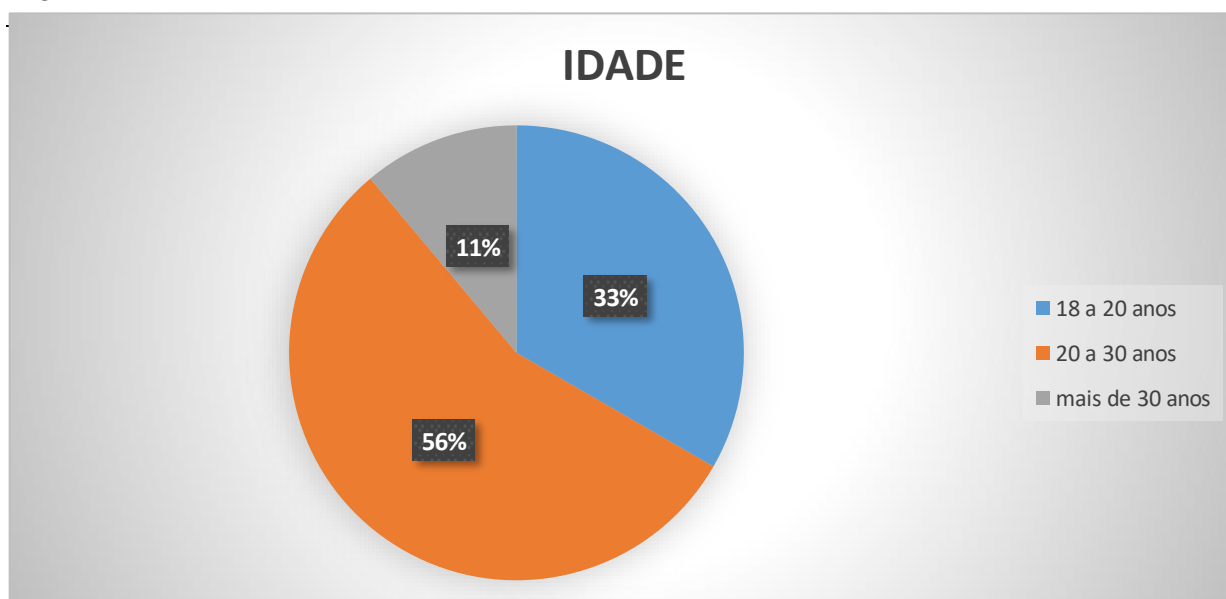


Tabela 3 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR ETNIA/RAÇA

ETNIA/RAÇA	Nº ABSOLUTO	%
BRANCO	3	33
PRETO	1	11
PARDA	5	56
TOTAL	9	100%

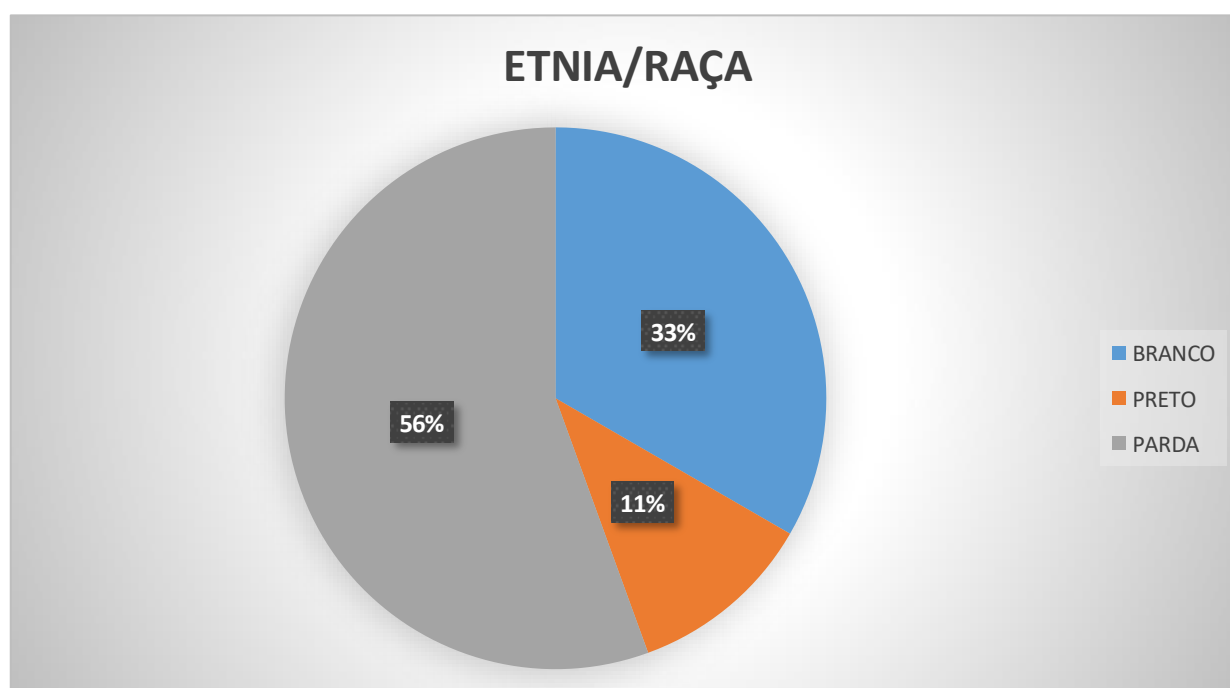


Tabela 4 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR FILIAÇÃO RELIGIOSA

FILIAÇÃO RELIGIOSA	Nº ABSOLUTO	%
CANDOMBLECISTA	3	33
CATÓLICO	5	56
NÃO SEGUE DOCTRINA	1	11
TOTAL	9	100

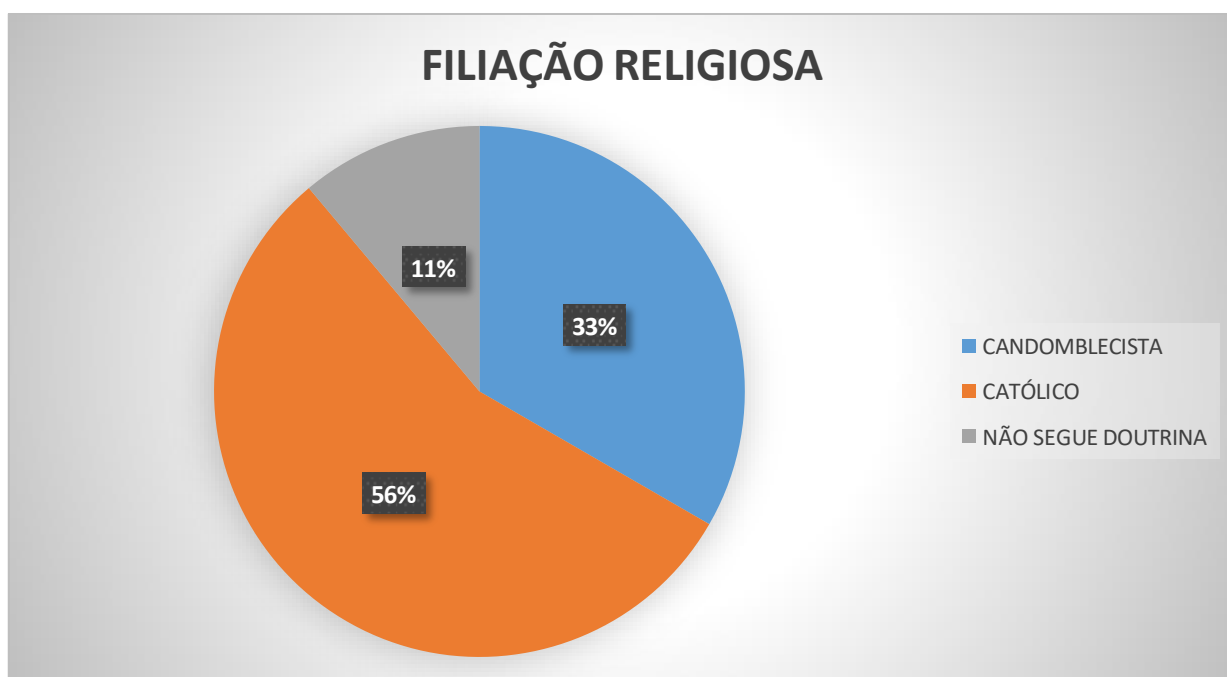


Tabela 5 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR LOCAL DE NASCIMENTO

LOCAL DE NASCIMENTO	Nº ABSOLUTO	%
SERRA TALHADA-PE	3	34
JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE	1	11
FEIRA GRANDE-AL	1	11
TABIRA-PE	1	11
SÃO PAULO-SP	1	11
SÃO JOSÉ DO BELMONTE-PE	1	11
OURICURI -PE	1	11
TOTAL	9	100

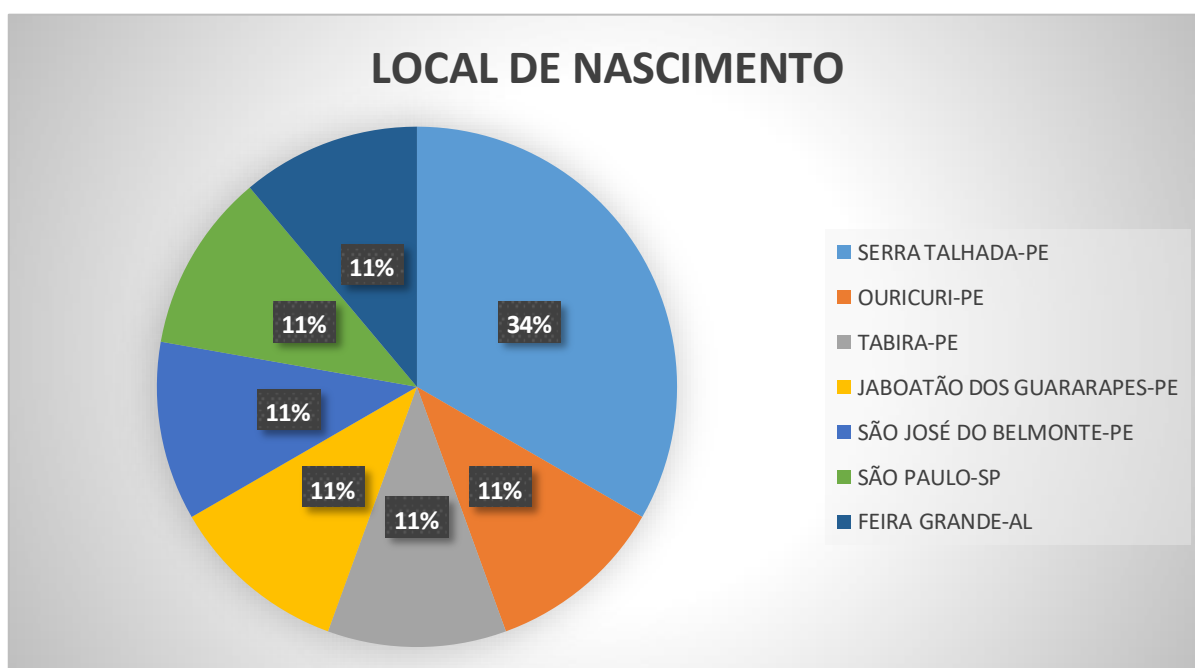
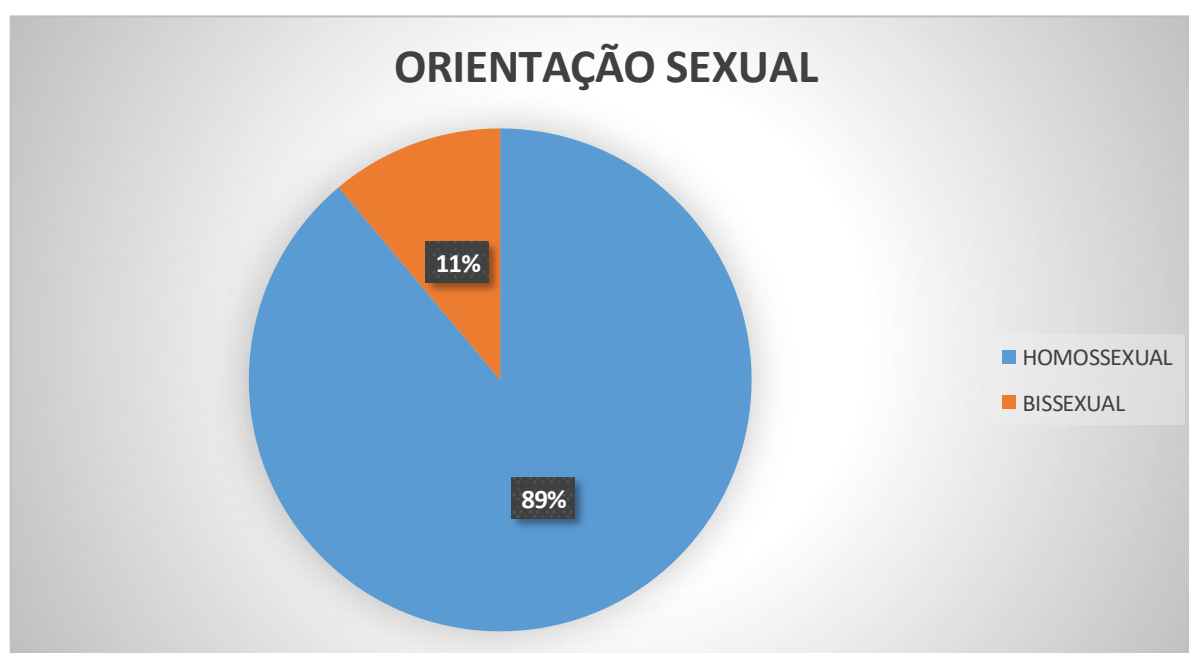


Tabela 6 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR ORIENTAÇÃO SEXUAL

ORIENTAÇÃO SEXUAL	Nº ABSOLUTO	%
Homossexual/gay	8	88
Bissexual	1	11
Total	9	100



3 ME CHAMAM DE MARIA CARIDOSA, EU PEGO TUDO, TENDO O QUE EU MORDER”: ANALISANDO OS USUÁRIOS *GAYS* DE *APPS* DE PAQUERA NO SERTÃO DE PERNAMBUCO

Neste capítulo apresentaremos o corpus de análise do material empírico coletado por meio das entrevistas semiestruturadas com os usuários dos aplicativos de encontro/paquera. Mas antes, é importante refletir sobre a metodologia utilizada, a saber, a análise de conteúdo. Abordaremos conceitos sobre essa metodologia e definiremos as categorias de análises utilizadas nesta pesquisa a partir do roteiro de entrevista mencionado no capítulo anterior.

Identificamos sete categorias. No presente capítulo, nos aprofundaremos em apenas duas, ficando quatro para o capítulo posterior, uma vez que a primeira categoria já foi contemplada no capítulo anterior. Essas categorias surgem a partir de uma observação minuciosa das entrevistas, uma vez que durante as falas dos participantes, aparecem marcadores que são enumerados e se repetem. Dessa forma, utilizaremos Bardin (1977) e outros teóricos para fundamentar a análise de conteúdo e nos possibilitar um tratamento de dados mais técnico e ético.

De acordo Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 99), as pesquisas em humanidades e nas ciências sociais podem ser realizadas se utilizando de diversas metodologias. O método apropriado para aquela pesquisa depende da natureza do objeto e dos objetivos de investigação. Esse tipo de tratamento dos dados é bastante utilizado nas pesquisas qualitativas. Estas não buscam enumerar, quantificar ou medir aquilo que está sendo estudado, mas sim obter e compreender dados descritivos sobre pessoas ou processos interativos a partir de um contato direto do pesquisador com aquilo que está sendo estudado.

Minayo (2007, p. 24) afirma que esse tipo de pesquisa “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” e é a partir disso, desse conjunto de fenômenos que se pode compreender e interpretar a realidade, de acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 99). Esta pesquisa, porquanto, se amarra nesses aparatos metodológicos com a finalidade de compreender e interpretar a realidade dessas interações entre homens *gays*, bissexuais e não-binários nos aplicativos de relacionamentos por geolocalização no sertão pernambucano.

A análise de conteúdo é utilizada constantemente para descrever e interpretar o conteúdo obtido em comunicações entre os usuários dos aplicativos, por exemplo. Por meio dela é possível se reinterpretar as mensagens captadas e atingir os seus significados para além de uma leitura comum. Bardin (1977, p. 114) defende que nas análises qualitativas é possível se recorrer

a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências; por exemplo, a presença (ou a ausência), pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição.

Dessa forma, afirma Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 100) que “a análise de conteúdo, enquanto procedimento de pesquisa, desempenha um importante papel nas investigações no campo das pesquisas sociais, já que analisa com profundidade a questão da subjetividade, ao reconhecer a não neutralidade entre pesquisador, objeto de pesquisa e contexto”. Essa não neutralidade e análise da subjetividade de forma aprofundada não exclui a responsabilidade ética, a validade da pesquisa e o seu rigor científico, uma vez que, de acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 100), “[...] tem status de metodologia, com princípios e regras bastante sistematizados”.

A questão da subjetividade nas pesquisas qualitativas é validada a partir da afirmação que a análise de conteúdo nada mais é do que uma interpretação bastante pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que ele tem dos dados. Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 100) vai dizer que “não é possível uma leitura neutra, objetiva e completa” da realidade. Os valores e a linguagem do objeto analisado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus significados, exercem uma influência sobre os dados da qual o pesquisador não pode fugir”.

Bardin (1977, p. 38) afirma que “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”.

Ainda afirma o autor que

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com *vestígios*: os «documentos» que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenómenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para *inferir* (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detective, o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (Bardin, 1977, p. 39).

O material potencial a ser analisado por meio da análise de conteúdo pode constituir-se de uma comunicação verbal ou não. Bardin (1977) elenca alguns materiais que são reforçados por Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 101), vejamos:

Material escrito como: agendas, diários, cartas, respostas a questionários, a teses, jornais, livros, anúncios publicitários, panfletos, cartazes, textos jurídicos, literatura, comunicações escritas trocadas dentro de uma empresa; Oral como: entrevistas exposições, discursos; Icônico: sinais grafismos, imagens, fotografias, filmes, pinturas etc.; Outros códigos semióticos (isto é, tudo o que não sendo linguístico, pode ser portador de significações): música, dança, vestuário, posturas, gestos, comportamentos diversos, tais como os ritos e as regras de cortesia, arte, mitos, estereótipos. (Cardoso, Oliveira e Ghelli, 2021, p. 101).

Cabe-nos, nesta pesquisa, trabalhar com os materiais obtidos a partir de entrevistas, isto é, dos materiais orais, dessa forma, fizemos as transcrições como forma de facilitar a investigação desses dados e definir, portanto, as categorias de análises. Como disposto por Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 102), “os dados advindos dessas diversas possibilidades de fontes chegam em estado bruto, sendo o conteúdo manifesto e explícito das mensagens; é com base nele que se inicia a análise”. Esse é nosso trabalho a partir de agora, mapear e tentar compreender os dados obtidos nas entrevistas.

Os dados por si só não conseguem transmitir a mensagem, é necessário trabalhá-los de forma objetiva e sistemática para que se possa extrair o que está nas entrelinhas ou o conteúdo oculto. É nesse momento em que Bardin (1977, p. 39) compara o analista ao arqueólogo, onde o que se encontra de forma bruta são vestígios, e que esses dados precisam serem tratados para atingir sua finalidade.

De forma conceitual, Bardin (1977, p. 44) vai dizer que “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. Diante disso, pode-se dizer que a análise de conteúdo nada mais é do que “uma busca de outras realidades através das mensagens”.

Em virtude da abrangência do campo da comunicação, a análise de conteúdo se desmembra permitindo a análise daquele material. Bardin (1977) *apud* Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 103) aponta que as principais técnicas de análises são: a análise categorial, análise de discurso, análise de avaliação, análise de enunciação, análise de expressão, análise das relações (Co-ocorrências e Estrutural).

A análise categorial é a mais antiga e mais utilizada dentre os tipos de análise e deve ser empregada nesta pesquisa. De acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 103),

A análise Categorical funciona por operações de desmembramento do texto em unidades (decomposição), para serem em seguida agrupadas em categorias, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou da ausência) de itens de sentido.

Foi a partir da análise de conteúdo que definimos as categorias desta pesquisa, mas antes de apontá-las, precisamos organizar o pensamento de Bardin (1977) sobre as fases da Análise de Conteúdo. O autor vai dividir em três polos: pré-análise, análise do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

De acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 104) a pré-análise se desmembra em três fases para atingir o seu objetivo: “*escolha dos documentos* a serem submetidos à análise (corpus), a *formulação das hipóteses* e dos *objetivos* e a elaboração de *indicadores* que fundamentem a interpretação final.

A análise do material é o momento de tratar o material, nesta pesquisa, por exemplo, o tratamento foi feito a partir da análise categorial fundamentada a partir de Bardin (1977). Essa análise é feita através da transformação do corpus passíveis de análise a partir de codificações, isto é, de acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 105),

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, por processos de decomposição, classificação, agrupamento e enumeração, que permitem atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices.

Está presente nesse processo de análise do material o que conhecemos como unidades de registro. Essa unidade permite que se categorize e codifique o material e, assim, possa ser feita a análise. O documento é uma unidade e dentro dele ainda existe o relato ou entrevista que servem como unidade de registro. No caso desta pesquisa, utilizamos a entrevista como material a ser analisado. Como descrito no primeiro capítulo, utilizamos um corpus com 9 (nove) entrevistas semiestruturadas.

Superada a etapa da análise do material é hora de tratar os resultados obtidos e interpretá-los. A interpretação que se vale da análise de conteúdo tem como finalidade descobrir o que está por detrás daquele discurso, das falas dos entrevistados, normalmente esses dados obtidos por meio da comunicação são, de acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 110) “simbólico e polissêmico, um sentindo não explícito”. Isso exige um grande esforço de interpretação por parte do analista.

Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 110) afirma que

Na pesquisa qualitativa a interpretação assume lugar especial. É o momento de confrontação entre teoria fundante, objetivos, hipóteses e achados da pesquisa (os indicadores), a fim de proceder inferências e redigir sínteses interpretativas. Nesse processo de interpretação dos resultados obtidos pode-se recorrer às operações estatísticas como prova de validação, conforme o tipo de estudo e a natureza do material analisado. (Cardoso, Oliveira e Ghelli, 2021, p. 110).

É, dessa forma, se valendo da análise de conteúdo como método para o tratamento dos dados obtidos nesta pesquisa que podemos trabalhar esses *corpus*. Os escritos de Bardin (1977), bem como outros estudos sobre o tema foram essenciais para a categorização das falas e definição dos marcadores que serão utilizados aqui, o que vamos chamar de categorias de análises. Essas categorias são obtidas a partir de uma investigação minuciosa das entrevistas cedidas pelos participantes, de modo que todas essas categorias e marcadores aparecem de forma recorrente nas falas destes. Dessa forma, passamos a apresentar todas as sete categorias obtidas a partir das falas dos entrevistados, mas, de antemão, ressalto que para este capítulo trabalharemos com apenas com duas categorias, ficando as outras quatro para o terceiro e último capítulo deste trabalho.

A primeira categoria se refere aos dados sociodemográficos, isso inclui o nome fictício do participante, idade, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, etnia/raça, estado civil, filiação religiosa e o local de nascimento. Nessa categoria de análise o intuito é compreender quem são esses participantes que estão nos aplicativos de relacionamento por geolocalização. Os dados sociodemográficos cedidos durante as entrevistas foi proposital e buscou alcançar a maior diversidade de participantes possível. Esses dados foram analisados no primeiro capítulo deste trabalho.

A segunda categoria buscará compreender qual o perfil que estes usuários procuram nos aplicativos de pegação, isto é, qual seria o retrato desses “homens ideias” para os participantes. Isso ajudará a refletir sobre essa masculinidade difundida nos aplicativos e como isso impacta nas relações entre homens *gays* e bissexuais. É nessa categoria de análise que tentaremos refletir sobre a realidade e a utopia de mergulhar nos espaços virtuais.

A terceira categoria tentará compreender qual o comportamento sexual entre esses usuários, não só como estes se entendem em relação à performance sexual, mas também o que procuram. Nesse momento o diálogo será feito com os escritos do teórico Peter Fry, referência nos estudos sobre homossexualidade aqui no Brasil, analisaremos, mais especificamente a obra “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil, (1982)”.

Na quarta categoria de análise refletiremos sobre os impactos dos aplicativos na vida afetiva e sexual dos usuários no interior de Pernambuco. Esse momento será fundamentalmente importante para compreender como se dá as vivências nos aplicativos e o que mudou pós uso dessas plataformas.

Destarte, analisaremos as experiências desses participantes nos aplicativos de relacionamento por geolocalização, um complemento da categoria de análise anterior. Isso ajudará a refletir sobre a dinâmica de interação, incluindo a frequência de utilização e quais são os aplicativos mais utilizados no sertão pernambucano.

Na sexta categoria de análise refletiremos sobre as vivências sertanejas, impactos dessas relações homodesejantes nos aplicativos de pegação no interior pernambucano e percepção sobre práticas sexuais entre homens. Acredito que esse ponto será crucial para demarcarmos como esse espaço interiorano é ainda reprodutor de um patriarcado, machismo que nutre constantemente a masculinidade hegemônica, tanto nesses espaços virtuais como na vida cotidiana. Essa categoria nos ajudará a compreender como se dá a dinâmica social no sertão.

Fecharemos, portanto, nossa observação com o que chamamos de “fica a dica”. Iremos trazer, nesse momento, a última questão posta durante as entrevistas, onde foi perguntado aos participantes se eles poderiam dar uma dica, isto é, sugestões estratégicas para quem utilizar os aplicativos. Isso ajudará os leitores a traçarem as melhores estratégias ao navegarem nos aplicativos de relacionamento por geolocalização. Esse tópico concluirá ou não nossas questões, uma vez que não é objetivo desta pesquisa responder todas as questões, mas sim refletir sobre as vivências e experiências de homens *gays*, bissexuais e não-binários nos espaços virtuais, bem como na dinâmica social.

Do cara atraente ao perfil procurado: dinâmicas de interações online e offline

Nessa categoria de análise buscaremos compreender quais perfis atraem esses participantes e com quem de fato eles se relacionam. É importante nesse momento refletirmos, a partir do diálogo com a metodologia desenhada por Bardin (1977) sobre essas questões em uma tentativa de explorar como esses marcadores afetam no comportamento desses usuários, bem como reflete na dinâmica de suas interações nos *apps*.

Para adentrarmos nessa categoria de análise a ponto de podermos refletir sobre qual o perfil procurado e com quem de fato esses participantes se relacionam foi necessário questionar aos entrevistados se eles poderiam descrever um cara atraente para ele. Em seguida foi perguntado com que tipo de perfil os usuários interagem e se dispõem a encontros no *Grindr* e

no *Tinder*. E como se dá a seleção em relação às características das pessoas nesses aplicativos. Isso possibilitará compreender qual o imagético ideal para esses usuários e com quem de fato eles se relacionam, bem como a imagem que se constrói a partir da imagem do outro, haja vista que os perfis são construídos com a finalidade de atrair mais contatos.

No que se refere ao perfil buscado no aplicativo, o usuário “Sigiloso ST” afirma:

Sigiloso ST: “Mais velho que eu, não ser magro, não tenho nada em questão de ele ser afeminado não, para mim é de boa, ter barba e morar sozinho, não morar com a família. Eu já tive relações com pessoas que morava com família e acaba... não atrapalhando, mas tipo, a pessoa fica tanto no sigilo, sabe? Não pode dar certo, a pessoa pode ser assumida e tudo, mas por conta da família acaba não se abrindo muito, aí acaba dificultando muito, aí eu prefiro não ter relacionamento com pessoas que ainda tipo moram com família ou tem alguma questão com a família”.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

Sigiloso ST: De idade, tipo, não muito novos. É... tipo, como no Tinder você vê rosto e têm pessoas de fora, de outras cidades também, então tem a quilometragem, aí eu prefiro pessoa da cidade, né?! Ou de uma região mais perto, e como são homens, homens, tipo, que chamem atenção visualmente porque é pela foto, né?! E no Grindr é... pessoas que procuram algo mais casual, tipo, não procurar... porque assim, entendo, eu posso até buscar um relacionamento, mas não Grindr pela pelo aplicativo não, tipo eu já namorei com pessoas do Grindr, mas não prefiro, eu prefiro não ter um relacionamento.

Pesquisador: Por quê?

Sigiloso ST: Por conta que... meio que eu tô generalizando, porque todas as vezes as pessoas [com] que[m] já fiquei, que eu já conversei, nunca buscava relacionamento então acabei criando essa opinião também de não procurar relacionamento no Grindr, procurar só algo casual mesmo.

É possível perceber que o estereótipo buscado pelo usuário Sigiloso ST é um perfil de uma pessoa mais velha e com características relacionada ao corpo, mas que, em relação aos trejeitos, o usuário não discrimina e consegue manter relações independentemente da performance da outra pessoa. No entanto, o fato de a pessoa morar com a família ou ter alguma questão familiar é um filtro para que esse usuário não interaja com essas pessoas.

O participante R diz que

R: “[...] me chamam de Maria Caridosa, eu pego tudo, tendo o que eu morder... forte, gordo, não muito magro, mas se bem que esse [cara] que eu tô agora é um pouco magrinho. Não tenho isso não, sabe? Tanto que a aparência gera até atrito, inclusive com amigos meus, né? Alguns amigos já tiveram

briga um dia, uma discussão chatíssima, porque eles não sabiam que eu tava me relacionando com esse menino. Chamaram o menino de feio, de tudo, eu não gostei, porque se é simpático e tem um bom humor... vamos conversar, sim. Aí é isso, sabe? A aparência, eu vejo primeiro, né? Se eu vejo uma [bicha?] padrão, uma Barbie⁴... eita que bicha gostosa! Não vou ser hipócrita e dizer que não, claro, mas eu, como uma pessoa insegura que sou, eu não consigo me sentir à vontade e ficar com uma pessoa dessa. Ou seja, a aparência não é o mais importante, mas sim o conteúdo que ela tem com você, é a conversa”.

Pesquisador: Que tipo de perfil você interage e se dispõe a encontros no Grindr e no Tinder? Você o seleciona a partir de quais características?

R: No Grindr eu busco perfis com foto, ou se não tem, eu peço a foto do rosto, e no Tinder eu vejo a distância, geralmente de longe, porque por perto não tem tanta gente interessante. Geralmente, eu quero quase todos e o match vem de quem se dispôs a querer também. Meu filtro não é tão assim, não. Se eu vejo que não votou em Bolsonaro, já é o suficiente.

Pesquisador: Sobre trejeitos?

R: Eu tinha um preconceito inicialmente. Eu imaginava, tipo, eu nunca tinha ficado com uma pessoa afeminada, um rapaz afeminado, só que aí eu... por que não? Entendeu? Aí eu fui um dia e fiquei [com um rapaz efeminado] e foi ótimo. A gente tava de boa, conversando e aí aconteceu. Tem tipos que eu não gosto, que eu não sinto uma atração, por exemplo, unha postiça, maquiagem branca na cara, não vai dar certo, salto alto, não vai dar certo, mas também eu não, eu não gosto do que é muito masculino. Me atrai? Me atrai, porque a gente foi criado nisso, né? A figura masculina, então o macho, atrai a gente, mas quando eu tô conversando com alguém... Um dia eu tava conversando com um menino pelo Tinder, ele é lá do Ceará, nesse dia, na conversa, eu fiz em casa um colarzinho de miçanga, aí eu mandei uma foto do que eu tava fazendo na hora, daí eu mandei uma foto usando o colar e ele criticou dizendo que era feio em mim e questionou o porquê de eu estar usando aquilo. Eu respondi que é porque eu gostei. Ele continuou questionando e eu peguei e falei: por quê? É feminino para você? Daí ele justificou que era uma questão de bom gosto, caiu numa falácia. Eu não me vejo como uma pessoa de masculinidade muito expressiva, por exemplo, se tiver uma discussão sobre uma montagem de drag... eu nunca fiz, mas acredito que faria um dia, aí eu penso: se eu ficar com uma pessoa que repudia esse tipo de comportamento? Aí eu tento fugir do que é muito macho, assim como eu também não fico com um homem que é muito feminino.

R tem 25 anos e se considera uma pessoa gorda, é universitário e foi criado em um sítio localizado no município de São José do Belmonte. Esse participante interage e se relaciona com perfis diversos nos aplicativos do *Grindr* e do *Tinder*. Para R o que importa é o conteúdo que a pessoa carrega consigo e não necessariamente sua aparência. R relata seu trauma e insegurança

⁴ A bicha Barbie pode ser conceituada como um homossexual masculino com músculos definidos, frequentadores assíduos de academias, passa grande parte do dia cuidando do corpo e dos músculos. Em relação ao comportamento sexual, pode ser passivo, ou versátil.

em se relacionar com uma pessoa “padrão”, isto é, uma pessoa musculosa, que frequenta academia rotineiramente.

O termo “uma padrão” que pode soar errado, no entanto, é um termo utilizado para se referir aos *gays* que performam uma feminilidade, mas que estão dentro de um padrão corporal, faz relação com o termo “Barbie” utilizado pelo entrevistado em seguida e que remete a uma pessoa musculosa, de academia, mas que tem trejeitos afeminados, que performa uma feminilidade e faz parte de uma das diversas tribos existentes nesses aplicativos e podem ser facilmente acessados. Esses termos são frequentemente utilizados nas plataformas digitais, sobretudo nos aplicativos de relacionamentos por geolocalização.

Existe um limite para R interagir com outros perfis. Na fala do entrevistado é possível identificar que este não se relaciona com uma pessoa afeminada que usa unha postiça, maquiagem branca na cara, salto etc. O participante afirma que, embora não sinta atração por estes perfis, também não gosta de muito masculinos.

No trecho da fala do entrevistado R, ele diz: "... , mas eu, como uma pessoa insegura que sou, eu não consigo me sentir à vontade e ficar com uma pessoa dessa. Ou seja, a aparência não é o mais importante, mas sim o conteúdo que ela tem com você, é a conversa." A fala sugere uma tensão entre a atração pela aparência ("bicha padrão, uma Barbie") e a capacidade de se sentir confortável em um relacionamento devido à insegurança. O entrevistado valoriza o conteúdo e a interação emocional e intelectual ("a conversa") mais do que a aparência física.

Diante disso, é possível perceber que a insegurança mencionada pelo entrevistado é um ponto crucial. Em um contexto em que a aparência é altamente valorizada, como em muitos aplicativos de paquera, essa insegurança pode ser exacerbada. A figura do "homem gay Barbie" pode representar um padrão de beleza inalcançável ou intimidante para o entrevistado, gerando um sentimento de inadequação.

Algumas dessas interações partem do interesse dos usuários, ou seja, de acordo com o participante Paulista Dom pela “vibe atrativa”, que prefere se relacionar com

Paulista Dom: Um cara atraente... bom, fisicamente falando eu não gosto muito de caras musculosos, então ele tem que ser um pouco definido, porém não muito, altura cerca de 1,70 a um pouco mais, porque se encaixa um pouco mais na minha altura e sem pelos, acho que isso daí é importante para mim. Eu não gosto de barba, bigode nada do tipo.

Pesquisador: Como relação a trejeitos?

Paulista Dom: Eu me relaciono com ambos os tipos, isso daí depende muito da minha "vibe atrativa" naquele dia. Às vezes eu prefiro um cara mais

afeminado, às vezes eu prefiro um cara mais masculinizado, depende também do tipo de relação que eu quero ter naquele momento.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

Paulista Dom: Geralmente são características que envolvam submissão, quando os meus contatos eles envolvem ter muita submissão aquilo dali já me chama atenção para que eu tenha um contato maior com eles ou características também que demonstram muita atratividade, muita excitação sexual, isso daí também me chama atenção para que eu interagir mais com eles.

Paulista Dom explora conceitos como submissão e fetiches. Dentre os participantes da pesquisa, este foi o único usuário que explorou esses conceitos, mas que imageticamente falando, se relaciona também com perfis diversos, mas que isso dependerá da sua “vibe atrativa”.

Para Pass c/l⁵, um cara atraente tem que ser um cara

Pass c/l: [...] másculo, que não dê muita pinta, parrudinho, forte e que fale grosso, né? Que tenha um diálogo não feminino.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder? Você o seleciona a partir de quais características?

Pass c/l: Físico, eu analiso, né? Questão de imagem, se é bem cuidado, se a pessoa se cuida e questões financeira, se tem um carro para me levar para algum lugar, se tem condições para poder não só me proporcionar um sexo, né, mas também algumas coisas mais.

Observa-se que esse participante prefere pessoas que não deem “pinta”, isto é, que não externem seus trejeitos em relação à fala, ao jeito, à forma de se comportar em ambientes públicos ou privados. “Falar grosso” é um símbolo de virilidade, é se comportar como um homem deve se comportar socialmente. Nesse sentido, Pass c/l tem o mesmo gosto que o Novinho c/l, que prefere se relacionar com

Novinho c/l: [...] musculoso e dotado, não afeminado.

Pesquisador: Por que não afeminado?

Novinho c/l: Não é preconceito, mas é porque eu acho que não rolaria comigo, porque eu já sou afeminado e acho que não rolaria.

⁵ A sigla Pass c/l significa que a pessoa que utiliza esse perfil exerce o comportamento sexual da passividade e possui local para dispor de um encontro com outras pessoas. Normalmente os usuários abreviam seus comportamentos sexuais como passivo (pass), ativo (atv), versátil (vst), versátil mais passivo (vst + pass) ou versátil mais ativo (vst + atv). Siglas como com local (c/l) ou sem local (s/l) também são comumente utilizadas nessas plataformas.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontro nos aplicativos? Você os seleciona a partir de quais características?

Novinho c/l: Com os usuários que têm fotos, os que chegam já querendo desenrolar uma conversa e que seja com o perfil que eu estou procurando.

Pesquisador: E quais são esses perfis?

Novinho c/l: Como eu falei, que seja musculoso, dotado, que seja ativo.

O entrevistado começa sua fala dizendo "Não é preconceito", o que indica uma tentativa de se distanciar de atitudes discriminatórias. No entanto, essa introdução também pode ser vista como um mecanismo defensivo para justificar um preconceito internalizado, inclusive, praticado e reproduzido por essas mesmas pessoas que são passíveis de serem discriminadas. Ele reconhece sua própria afeminação, mas utiliza isso como uma razão para não se envolver com outros homens afeminados.

Diante disso, Novinho c/l sugere que, por já ser afeminado, não pode se relacionar com outro homem afeminado. Esse argumento revela como os padrões de masculinidade influenciam a atração e as relações dentro da comunidade *gay*. A masculinidade normativa é frequentemente valorizada, mesmo entre homens *gays*, e a combinação de dois parceiros afeminados pode ser vista como indesejável devido a esses padrões.

Nesse sentido, a percepção de que dois homens afeminados não poderiam formar uma relação pode estar ligada a dinâmicas de poder e desejo. Na cultura *gay*, a masculinidade é frequentemente associada ao poder e à dominância, enquanto a feminilidade é vista como passiva. Essa dicotomia pode levar o entrevistado a acreditar que uma relação entre dois homens afeminados seria desequilibrada ou menos desejável.

O comportamento da pessoa afeminada deve corresponder às expectativas que um corpo masculino deve se portar, de acordo com Murillo Nonato (2020, p. 116). Pode-se afirmar que o corpo e trejeitos da pessoa afeminada fazem parte da construção imagética do que é tido socialmente como virilidade, isso significa, por exemplo, não se "requebrar" ou rebolar. Quando um corpo não corresponde a essa expectativa social, é totalmente passível de violência ou exclusão. Isso fica facilmente comprovado na fala dos participantes Pass c/l e do Novinho c/l.

Nonato (2020, p. 116) aponta que a performance vocal também é algo que soa como um incômodo social, isto é, quando sua voz não corresponde ao comportamento "normal" do seu corpo isso também deve ser passível de exclusão e violência. Na fala do entrevistado Pass c/l ele diz que tem preferência por caras que não "deem pinta" e que "falem grosso". O usuário "H discreto" é um homem *gay* que não se considera afeminado, o único entre os entrevistados que não se considera afeminado. Ele é o usuário mais maduro dentre todos os

participantes e tem uma opinião formada sobre o perfil desejado. Eu o perguntei qual tipo de cara o atrai e ele responde que

H discreto: Ó, antigamente, alguns anos atrás, eu prezava pelo corpo, eu focava mais no corpo. Hoje não, eu foco na pessoa em si. Um cara atraente é um cara simpático, um cara que tem uma boa conversa, um cara alegre, um cara com planos e objetivos, um cara de bem com a vida, ou seja, não tanto o físico hoje em dia, mas a pessoa.

Pesquisador: Essa característica do cara assim, tem que ser másculo?

H discreto: Sim, sim! Com relação à característica, eu prezo mais para um cara mais masculino, com um biotipo mais masculino.

Embora não se considere afeminado ou uma pessoa com trejeitos aparentes de feminilidade, o entrevistado prefere se relacionar com caras mais másculos. Nas interações em aplicativos de relacionamento que utilizam a geolocalização, ser masculino e querer se relacionar somente com pessoas que também performam essa masculinidade é terminologicamente conceituada como “semelhantes”, ou seja, uma pessoa não afeminada que procura por semelhantes – outras pessoas não afeminadas ou com traços de feminilidade.

Na fala do entrevistado GhostFace é possível perceber o reforço do discurso excludente do corpo afeminado. Durante a entrevista, o perguntei se ele poderia descrever um cara atraente. A resposta veio de forma imediata. GhostFace disse que um cara atraente para ele é “o mais próximo do masculino e do heteronormativo possível. O feminino não me atrai em nenhuma instância, assim, eu acho que quanto mais másculo, quanto mais virilidade apresenta mais me atrai. O feminino de fato... com mulher só gosto de amizade, e ainda nem com todas.” (Entrevista com GhostFace, 23 de abril de 2024).

Butler (1993) ressalta que a constituição de um sujeito inteligível requer a identificação com as normas socialmente estabelecidas para o gênero e a sexualidade, de modo que cause repúdio às performatividades que rompem com as normatividades. Isso tudo dá em ensejo ao que conhecemos como abjeto. De acordo com Nonato (2020, p. 72), “o ato de repudiar, cria o sujeito abjeto, sujeito este que passa a ser considerado como um espectro ameaçador da normalidade”.

Há várias formas de definir um corpo abjeto ou uma pessoa abjeta. Nonato (2020, p. 72) diz que o termo remete a uma pessoa ininteligível, inumana, desprezível ou aqueles que não devem existir dentro da matriz cultural ou que não possuem existência legitimada.

Ao se reproduzir discursos como estes nos aplicativos ou em qualquer espaço de sociabilidade estamos diante de uma violência cruel contra corpos e existências que fogem dos padrões impostos socialmente e tidos como “normais”. Os discursos acima demonstram essa

exclusão e violência. Quando os entrevistados mencionam a questão de gosto” para justificar seu rechaço a indivíduos efeminados, temos que lembrar que o gosto é uma construção social.

Nesse sentido, a reprodução desses discursos de exclusão e violência não se limita a indivíduos que se conformam aos padrões de masculinidade, mas também é observada entre pessoas afeminadas. Isso revela um aspecto profundo e complexo da internalização de normas heteronormativas e de masculinidade hegemônica.

Pessoas afeminadas, ao reproduzirem esses discursos, mostram que internalizaram os preconceitos e normas que os marginalizam. Esse fenômeno é um exemplo clássico de opressão internalizada, onde os indivíduos assimilam e replicam as normas e valores que os excluem, na tentativa de se protegerem ou se alinharem a uma estrutura social que os desvaloriza.

A reprodução desses discursos pode ser vista como um mecanismo de autopreservação. Indivíduos afeminados podem adotar essas narrativas na esperança de serem aceitos ou de se destacarem positivamente em um ambiente que valoriza a masculinidade normativa.

Esse comportamento perpetua um ciclo de exclusão e violência, onde a discriminação não apenas vem de fora, mas é reforçada internamente pela própria comunidade. A aceitação de normas heteronormativas por pessoas afeminadas cria uma dinâmica de opressão contínua, dificultando a quebra dessas normas e a promoção da diversidade e aceitação plena.

No final da entrevista com GhostFace é possível perceber uma relação que o entrevistado faz de um homem *gay* que performa uma feminilidade com uma mulher. São discursos como estes que nos fazem refletir sobre a manutenção dessa heteronormatividade não só nos espaços virtuais, mas na vida como um todo.

GhostFace se sente atraído por caras que performem o máximo de masculinidade e heteronormatividade possível. Nesse sentido, é importante trabalhar esse conceito na tentativa de compreender imgeticamente como o entrevistado se vê e qual sua preferência. O participante não se considera um homem *gay* afeminado e parece preferir semelhantes. A heteronormatividade se sustenta no marcador de que “possuir um pênis implica na obrigatoriedade de refletir um comportamento masculino e, portanto, reivindica que o gênero faz parte da ‘natureza’, de acordo com Nonato (2020, p. 79). Diante disso, está fora das interações com o GhostFace todos aqueles que não se performam uma masculinidade, aqueles que “requebram” e/ou que expressam trejeitos típicos da feminilidade.

Quando questionei ao participante GhostFace se ele consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona e ao que ele atribui isso, afirmou:

GhostFace: Falando do Grindr, geralmente não, mas aí é como eu disse, de fato eu só fui para dois encontros no Grindr e eu falo por mim também que às vezes eu tenho um perfil lá assim super sigiloso, às vezes, eu até coloco no meu perfil: casado... coisa que eu não sou e eu acho que isso também parte de muitas outras pessoas que é como eu volto lá para o negócio da máscara é muito mais mascarada, é muito mais objetiva de chegar lá onde você quer chegar do que você se mostrar em si, e eu atribuo muito ao preconceito, né? Porque existe uma afeminofobia no nosso meio, a gente sabe que tem e eu até não me acho afeminofóbico mais em questão de me relacionar de convivência, mas me relacionar sexualmente eu não consigo me relacionar com afeminadas, e acho que tem muito disso dentro do Grindr, tem muito disso também.

Pesquisador: Ao que você atribui isso não se relacionar com afeminados?

GhostFace: No meu caso, é esse distanciamento do feminino, de fato, assim, o que é feminino não me atrai. Não sei, talvez sejam traumas que eu talvez precise identificar em terapia, né? Mas talvez seja isso... não sei, não sei definir uma resposta fatídica agora.

No entanto, nem todos os perfis nutrem esses discursos da masculinidade hegemônica e da virilidade. Dois entrevistados flexibilizaram as dinâmicas de interações. É o caso de Almeidinha, homem *gay* de 19 anos que prefere uma pessoa que tenham as seguintes características

Almeidinha: Tem que ser moreno, alto, que fosse assim no corpinho, buchinho de cerveja e que ele não fosse aquele homem muito musculoso, que tivesse aquela característica, mas ser moreno, cabelinho cacheado e ser nesse corpinho meio termo seria ótimo para mim.

Pesquisador: E sobre trejeitos?

Almeidinha: Ser afeminado não seria um problema, porque eu já sou muito afeminado e me relacionar com outra pessoa afeminada também não seria um problema, mas ela sendo ativa, tenho preferência por ativos, porque eu sou só passiva.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros nos aplicativos? Você os seleciona a partir de quais características?

Almeidinha: Tem que ser moreno, alto, que tenha local ou que seja alguém que queira sair e se expor, mas quando eu quero só sexo eu busco homens mais ativos, que sejam mais rústicos e mais atraentes.

Interagir e encontrar com pessoas afeminadas não é um problema para o usuário “Almeidinha”, desde que a pessoa assuma o papel ativo no ato sexual. Para encontros casuais, o entrevistado prefere uma pessoa que queira sair, que queira se expor, que não queira descrição.

O entrevistado “19cm” também tem 19 anos e é um homem *gay*. Durante sua entrevista afirmou que tem preferência com pessoas

19cm: Hum... mais alto que eu, tenho 1,70, mais alto, mesmo estilo de corpo, peludinho, barba, cabelo cacheado e assim vai.

Pesquisador: E em relação a trejeitos?

19cm: Em relação trejeitos?! Mesmo estilo que eu, não me incomodo que seja afeminado, mas também não gosto que seja demais, tem que ser um pouco “durinho”. Na verdade, não tenho problema nenhum em relação ao jeito, muitas pessoas me atraem seja sexualmente ou não, mas eu acho que realmente me atraem são os perfis que eu descrevi anteriormente.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

19cm: Acredito que... quando eu entro no aplicativo do Grindr eu procuro uma pessoa que se apresente da mesma forma que eu, ou a depender muito do meu tesão, se eu tiver com muito, não tenho com a pessoa que aparecer, o jeito como ela se porta, mas normalmente sempre procuro alguém másculo.

O participante afirmou que, em relação aos trejeitos, não se importa que a pessoa seja afeminada, mas que não gosta que seja demais. Para interagir com 19cm tem que ser um pouco “durinho”. Ser um pouco durinho é não performar em sua integralidade uma feminilidade, é não andar requebrando, por exemplo. É aquela máxima do: “pode ser *gay*, só não seja tão espalhafatoso”. Esses discursos são recorrentes e é muito fácil, durante a navegação nestes aplicativos encontrar termos como “durinho” ou “molinho”, que significam os trejeitos externados pelos usuários em relação à performance.

A partir dessas falas, é possível que se problematize algumas questões que já ligam à nossa próxima categoria de análise sobre o comportamento sexual desses participantes e toda essa dinâmica na interação desses usuários de aplicativos de relacionamentos por geolocalização.

A construção social do que é ser um homem homossexual no Brasil está intrinsicamente ligada ao binarismo ou o que Peter Fry (1982) vai chamar de papéis de gênero e é pautada quase que exclusivamente nas relações de poder entre estes. Em uma análise mais aprofundada é possível se perceber que a bicha afeminada ou o homem *gay* que performa uma feminilidade é, ainda, atribuída a este o comportamento sexual da passividade, aquele que tem uma afinidade com determinados assuntos como moda e beleza, por exemplo, e que acompanha divas pops (termos identificados na fala do participante R). Além dessas questões, gera-se um conflito com outros *gays* afeminados ao se disputar o espaço tanto no online, quanto no offline.

Na outra face do binarismo está o homem *gay* que performa uma masculinidade, aquele que é facilmente desejado por corresponder aquilo que a sociedade nos impõe. Alguns com o padrão do corpo, musculoso, com o comportamento sexual da atividade, discreto e que rejeita

toda performance de feminilidade (o padrão de cara que a maioria dos entrevistados procura nos espaços virtuais e físicos, o ideal para se estabelecer uma interação).

As falas dos entrevistados parecem sugerir que essa limitação em relação a uma identidade e expressão *gay* online e offline⁶, isto é, essa manutenção da lógica sexista nos aplicativos virtuais de relacionamento por geolocalização dificulta essa identificação como grupo e gera conflitos intermináveis na lógica do desejo, da atração e da própria existência de corpos dissidentes.

“Eu prefiro os dotados, os que tem pau grande e são ativos”

Essa categoria de análise busca compreender quais são as dinâmicas sexuais estabelecidas nos espaços virtuais, bem como nos espaços físicos entre os entrevistados a partir das reflexões sobre as práticas e identidades sexuais elaboradas por Peter Fry (1982) no âmbito da homossexualidade masculina no Brasil. Nesse momento, utilizamos como unidade de registro as descrições de comportamentos e práticas sexuais dos participantes da pesquisa. Destarte, temos como categoria os tipos de comportamentos sexuais relatados por estes. Por fim, podemos interpretar essa categoria a partir da variedade de comportamentos sexuais e suas motivações.

Antes de trazermos esses marcadores, é importante abordar sobre a história da homossexualidade em Peter Fry (1982), uma vez que o autor seus é uma referência nos estudos sobre a homossexualidade masculina no Brasil. De acordo com Peter Fry (1982), a homossexualidade masculina no Brasil pode ser demarcada a partir de uma construção histórica e social, isso se subtrairmos o conceito da psicologia e da medicina. O autor afirma que é a “bicha” nada tem a ver com o que conhecemos como homossexual ou *gay* em certas áreas de classe média das grandes metrópoles. Nesse sentido, “o ato sexual nas relações entre pessoas do sexo masculino é constitutivo da hierarquia que se estabelece nas relações sociais.” (Fry, 1982, p. 92).

A figura do homem homossexual passivo ocuparia o lugar de subalternidade, passível de expulsão, de rejeição e de abjeção. O passivo ocupa esse lugar da mulher, enquanto o ativo é detentor de toda respeitabilidade. O autor identifica nas classes médias urbanas na década de 1970 a emergência de um outro modelo de homossexualidade masculina, que ele identifica como igualitário, no qual a “atividade” e a “passividade” no ato sexual não seria mais relevante

⁶ Termos utilizados para se referir ao status de estar online nos espaços virtuais ou estar offline desses espaços (nos espaços físicos, na vida cotidiana).

na identificação social. Neste modelo, que o autor identifica como “igualitário”, haveria uma igualdade entre “entendidos”, que se diferenciam dos heterossexuais pelo desejo sexual por outros indivíduos do mesmo gênero.

O sistema A identificado por Peter Fry (1982), destaca a hierarquia existente entre homens e bichas em relação não só aos papéis de gênero, mas também ao comportamento sexual. Esse é o sistema hierárquico (sistema A) tanto combatido pelos homens e entendidos. No sistema A, Peter Fry (1982, p. 91) temos, em relação ao sexo fisiológico⁷ o homem (macho) e a bicha (macho), no papel de gênero⁸ o homem (masculino) e a bicha (feminino), no comportamento sexual⁹ o homem (ativo) e a bicha (passivo), por fim, em relação à orientação sexual¹⁰ o homem (heterossexual e homossexual) e a bicha (homossexual).

De acordo com o autor, o entendido é uma figura que tem certa liberdade em relação ao seu papel de gênero e ao seu comportamento sexual, mas diverge dos homens em relação à orientação sexual, isto é, o mundo deixa de estar dividido entre homens masculinos e homens efeminados e passa a ser dividido entre heterossexual e homossexual. O sistema proposto por este sistema é o sistema B, que destaca a igualdade a simetria entre os entendidos em relação ao seu comportamento sexual (atividade e passividade).

Para os entendidos, a coabitação não significa casamento e a reprodução da dicotomia dos papéis de gênero nos afazeres domésticos e no comportamento sexual impostos aos seus parceiros. Peter Fry (1982, p. 93) classifica os entendidos a partir do seguinte esquema: em relação ao sexo fisiológico o homem é macho e o entendido é macho também, sobre os papéis de gênero o homem é masculino e o entendido pode ser masculino ou feminino, no comportamento sexual o homem exerce a atividade e o entendido pode ser ativo ou passivo, por fim, em relação à orientação sexual o homem é heterossexual e o entendido é homossexual.

Há uma ressalva relacionado à classe e ao local onde esses homens e bichas estavam inseridos, uma vez que, de acordo com Peter Fry (1982) nas periferias o sistema A continuava sendo reproduzido para as bichas, uma vez que essas são menosprezadas não só por sua

⁷ O sexo fisiológico é compreendido, de acordo com Peter Fry (1982, p. 90) como aqueles atributos físicos através dos quais distinguem-se machos e fêmeas. Esses sistemas são universais, isto é, não variam de um sistema cultural para outro.

⁸ O papel de gênero compreende o comportamento, os traços de personalidade e as expectativas sociais normalmente associadas ao papel masculino e feminino. De acordo com Peter Fry (1982, p. 91) “cada cultura define a natureza desses papéis de gênero de tal forma que não são determinados pelo item 1, sexo fisiológico. Noutras palavras, é cabível em qualquer cultura que um macho adote papel de gênero feminino e vice-versa”.

⁹ O comportamento sexual refere-se ao comportamento sexual esperado de uma determinada identidade. Pode-se dizer que é o ato da penetração ou de ser penetrado no ato sexual. No Brasil, demarcamos como atividade e passividade.

¹⁰ Sobre a orientação sexual é possível definirmos como sendo o sexo fisiológico do objeto de desejo sexual (homo, hetero ou bissexual).

identidade espalhafatosa, quanto por sua posição de classe. Essa é uma realidade facilmente deslocada para as cidades de interior – sertão pernambucano – recorte geográfico desta pesquisa.

Em relação às falas dos entrevistados, é possível perceber algumas flexibilidades sobre o comportamento sexual. Alguns marcadores que possibilitaram identificar as dinâmicas em relação ao comportamento sexual dos participantes da pesquisa aparecem de forma aleatória e em diversos contextos. Por exemplo, no caso do entrevistado Sigiloso ST, este se reconhece como uma pessoa versátil e que coloca na descrição somente informações pessoais e suas preferências sexuais.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoas que você procura ou o contrário que você não procura?

Sigiloso ST: Não, não coloco, eu coloco informações só minhas. Só minhas informações que tipo, no Grindr deve ter altura, idade. Aí tem a parte biografia coloca alguma informação, mas nada tipo assim, que eu procuro. Eu coloco lá que eu sou versátil, aí procuro uma pessoa que seja passivo ou versátil também, mas nada do outro, sempre são informações minhas.

O participante Sigiloso ST ainda afirmou que é frequente as interações com homens casados, normalmente homens heterossexuais – casados com mulheres e que estão no aplicativo em busca sexo com outros homens.

Sigiloso ST: [...] E outra vez também, eu conversei com um homem daqui mesmo, mas no começo e ele mandou foto de outra pessoa e quando chegou era outra, muitas pessoas fazem isso e passam por essa situação.

Pesquisador: Você acredita que por que elas fazem isso?

Sigiloso ST: [...] era por conta que esse homem ele era noivo, casado. Parece que era noivo na época, aí ele não expunha a foto dele, aí ele botou a foto de outra pessoa.

19 cm¹¹ relata sobre a facilidade na interação com homens casados. Quando eu o questionei sobre quais são as estratégias para conseguir mais contato no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder. O participante respondeu que

¹¹Apelido bastante utilizado por alguns usuários de aplicativos. É comum que estes usuários coloquem o tamanho da sua genitália na descrição ou até mesmo no perfil. De acordo com estes usuários, isso seria uma técnica de captação de outros usuários.

19cm: Colocar alguma foto máscula, normalmente funcionava ou uma foto só da bunda, porque isso deixa bem claro a intenção, ou ainda alguma foto de algum membro e tal.

Pesquisador: Por que máscula?

19cm: Porque normalmente é o que atrai as pessoas, tanto as bichas quanto aqueles que se dizem casados, né? Que são os *gays* no off[line], porque eles se sentem mais atraída por essa questão da masculinidade mesmo. Se colocasse uma foto que você apresentasse o mínimo de feminilidade já não queriam mais, "não, muito feminina! Não dá certo."

Em seguida 19 cm afirmou que, partindo de sua experiência nos aplicativos "[...] eu tenho muita mais facilidade de arrumar um homem casado para me relacionar do que com uma bicha, porque para eles, eles só querem sexo e não importa com o que tá vindo, tá ligado?"

O caso mais emblemático desta pesquisa é sobre o participante Pass c/l, o entrevistado é o único usuário bissexual, mas utiliza o nome fictício de Pass c/l ou Passivo com local. A bissexualidade, aqui, não corresponde socialmente ao comportamento sexual da passividade, mas o participante desconstrói esse conceito. Quando foi perguntado ao perfil Pass c/l se ele coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário, a resposta veio imediatamente.

Pass c/l: Eu coloco tipo de pessoa que eu não procuro, eu coloco lá, tipo, "não afeminados", "não passivos".

Pesquisador: Por quê?

Pass c/l: Porque eu acho que facilita e já economiza tempo em relação à tipo, tá conversando e lá para no final da conversa descobrir que a pessoa é só passivo e só a pessoa sendo passiva não me atrai, eu gosto ou do versátil ou totalmente ativo.

Pesquisador: Mas acontece de, por exemplo, uma pessoa afeminada chegar e falar com você mesmo tendo na descrição que você não curte pessoas afeminadas?

Pass c/l: Sim, muitas vezes, só que eu nunca dou fora assim na tora, eu sempre vou arrodeando, achando um jeito mais fácil de dizer que eu não curto ficar com gente com trejeitos afeminados tal, eu prefiro mais... eu não vou dizer durinho né? Mas eu digo mais com trejeitos masculinos e não com gestos afeminado.

O entrevistado admite que evita dar um "fora" diretamente, preferindo "arrodear"¹² a questão. Isso indica uma consciência do preconceito embutido em sua preferência, mas uma

¹² Arrodear é uma expressão regional bastante presente nos diálogos sertanejos, sobretudo no sertão pernambucano, para dizer que alguém não foi direto ao ponto ou que enrolou muito para dizer algo, não foi diretivo. A palavra em questão significa dar uma volta ao redor de algo, contornar, rodear ou cercar. Também pode ser usado para descrever a ação de evitar algo ou alguém, ou usar rodeios ao falar.

tentativa de suavizar o impacto de sua rejeição. Esse comportamento revela uma forma de preconceito velado, onde a discriminação é comunicada de maneira indireta.

A fala reforça normas de gênero que valorizam a masculinidade e desvalorizam a feminilidade, mesmo dentro da comunidade *gay*. A preferência por pessoas "com traços masculinos" sobre aquelas "com gestos afeminados" evidencia uma hierarquia de gênero internalizada que considera a masculinidade mais desejável e aceitável.

Novinho c/l apresenta o comportamento sexual da passividade. Ele diz que prefere caras musculosos, dotados e que não sejam afeminados. O perfil desejado por esse entrevistado é o que apresente uma atividade.

Novinho c/l: Um cara atraente pra mim é que ele seja musculoso e dotado, não afeminado.

Pesquisador: Por que não afeminado?

Novinho c/l: Não é preconceito, mas é porque eu acho que não rolaria comigo, porque eu já sou afeminado e acho que não rolaria.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontro nos aplicativos? Você os seleciona a partir de quais características?

Novinho c/l: Com os usuários que têm fotos, os que chegam já querendo desenrolar uma conversa e que seja com o perfil que eu estou procurando.

Pesquisador: E quais são esses perfis?

Novinho c/l: Como eu falei, que seja musculoso, dotado, que seja ativo.

Assim como H discreto, que embora o próprio nome diga (apresenta uma descrição) tem preferência por homens ativos. O participante, como já relatado no tópico anterior, não se considera uma pessoa afeminada.

Pesquisador: Com que perfil você interage e dispõe a encontros no aplicativo Grindr? Você os seleciona a partir de quais características?

H discreto: a partir da posição na relação se ele é ativo eu prefiro os ativos, não que eu não prefiro os versáteis, mas a minha preferência são os ativos.

O usuário Almeidinha se considera uma pessoa somente passiva e, por isso, tem preferência com homens somente ativos.

Almeidinha: Ser afeminado não seria um problema, porque eu já sou muito afeminado e me relacionar com outra pessoa afeminada também não seria um problema, mas ela sendo ativa, tenho preferência por ativos, porque eu sou só passiva.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros nos aplicativos? Você os seleciona a partir de quais características?

Almeidinha: Tem que ser moreno, alto, que tenha local ou que seja alguém que queira sair e se expor, mas quando eu quero só sexo eu busco homens mais ativos, que sejam mais rústicos e mais atraentes.

Além da preferência por homens ativos, o participante descreveu que na descrição do seu perfil nos aplicativos de relacionamento por geolocalização coloca que “[...] eu só quero se for moreno, tivesse **pica grande** e que fosse de Serra Talhada. Ah, e que fosse do Centro da cidade, se for de outro bairro eu não queria.” Ser dotado e ter a “pica grande” é, para muitos dos entrevistados um requisito para estabelecer contato, isso está ligado ao comportamento sexual explícito. Foi a partir dessas falas que demos nome a este tópico da pesquisa – categoria de análise sobre o comportamento sexual desses participantes.

Neste capítulo, foi apresentado o corpus de análise do material empírico coletado por meio de entrevistas semiestruturadas com usuários de aplicativos de paquera *gays* e bissexuais no Sertão de Pernambuco. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, com base em Bardin (1977), permitindo uma interpretação aprofundada dos dados qualitativos e destacando a importância da subjetividade na análise das comunicações dos entrevistados.

Identificamos sete categorias de análise, das quais duas foram detalhadas neste capítulo: dados sociodemográficos dos participantes e o perfil procurado nos aplicativos de pegação. As outras quatro categorias serão abordadas no capítulo posterior, enquanto a primeira já foi discutida no capítulo anterior. A análise de conteúdo permitiu mapear e compreender os dados obtidos nas entrevistas, destacando os significados subjacentes às comunicações e proporcionando uma leitura que vai além da interpretação comum.

A primeira categoria de análise focou nos dados sociodemográficos dos participantes. A ideia foi compreender quem são os participantes dos aplicativos de relacionamento por geolocalização. A análise desses dados no primeiro capítulo mostrou uma diversidade significativa entre os participantes, refletindo diferentes contextos sociais e culturais.

A segunda categoria de análise buscou entender o perfil que os usuários procuram nos aplicativos de pegação. Isso inclui características físicas e comportamentais que os participantes consideram atraentes em potenciais parceiros. As respostas dos entrevistados revelaram padrões e preferências específicas, destacando a masculinidade normativa como um fator importante.

A partir da análise desses dados, foi possível perceber que essas preferências refletem a valorização da masculinidade normativa e a exclusão de perfis afeminados, indicando uma internalização das normas de gênero e hierarquias dentro da comunidade *gay*. Esses *corpus* destacam como essas dinâmicas influenciam as interações e relações nos aplicativos de paquera,

proporcionando uma compreensão mais profunda das vivências e experiências dos usuários no Sertão de Pernambuco.

4 CONFLITOS, TENSÕES E DINÂMICAS VIOLENTAS NOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO POR GEOLOCALIZAÇÃO NO SERTÃO PERNAMBUCANO

Neste capítulo abordaremos duas categorias de análises, a saber: 1) os impactos dos aplicativos de relacionamento por geolocalização na vida afetiva e sexual dos participantes da pesquisa; 2) as experiências de violência nesses aplicativos;

A primeira categoria de análise refletirá sobre os impactos desses aplicativos na vida afetiva e sexual dos participantes da pesquisa. Utilizamos como unidade de registro as falas dos entrevistados sobre a frequência de uso dos aplicativos de relacionamento, bem como as mudanças percebidas nos aspectos afetivos e sexuais de suas vidas depois dessas interações. Diante disso, a nossa interpretação será feita com a finalidade de explorar os efeitos positivos e negativos dos aplicativos nas vidas dos usuários.

4.1 Com que frequência você usa os apps? “Viciantemente! O que você procura?”

Costa (2020, p. 190) aponta as transformações vivenciadas pelas formas de relacionamentos e interações que perdem as sensações e o aspecto presencial e passa para o contexto virtual. O surgimento e avanço da internet e da tecnologia como um todo é o marco para esses acontecimentos. As sociabilidades são constantemente mediadas pela tecnologia, que, de acordo com o autor, fomenta as relações de mercado, identidade, economias e culturas inseridas no ciberespaço. Ela não apenas facilita a comunicação, mas também influencia as dinâmicas sociais e econômicas, promovendo novas formas de relação e consumo, ao mesmo tempo que redefine a construção de identidade no ambiente digital.

Junto ao avanço tecnológico surgem diversos aplicativos que permitem essas interações, dentre eles estão o *Tinder* e o *Grindr*, aplicativos por geolocalização já classificados neste trabalho. Citei esses dois aplicativos de encontros/relacionamento/paquera, porque, de acordo com as entrevistas feitas com os participantes desta pesquisa em Serra Talhada – PE, são os aplicativos mais utilizados para mediar essas interações.

Nesse contexto de interações e encontros mediados por aplicativos virtuais é importante entendermos questões como a frequência no uso desses aplicativos, os impactos desses aplicativos na vida afetiva e sexual desses usuários para entendermos o que esses perfis procuram nesses *apps*.

O título deste tópico que fundamenta a categoria de análise sobre os impactos desses aplicativos na vida afetiva e sexual desses usuários, mais especificamente os participantes desta

pesquisa, é proposital. R é um usuário que utiliza os aplicativos desde 2019. Ele relata que começou usando o *Tinder* e que depois migrou para o *Grindr*. R afirma que tinha preconceito com o Grindr e que o app é “pesado”, por isso demorou um tempo para migrar.

Perguntei-o quais aplicativos ele mais usava e, se mais de um, quais diferenças ele consegue perceber entre eles. R respondeu que,

R: Eu iniciei com o Tinder, né? Que eu percebi, que eu tinha mais controle sobre quem me falava comigo, né? Não era tão aberto porque tem que dar match para falar e responder, aí depois fui para o Grindr, só que sempre mais instável, saindo e voltando, saindo e voltando. Aí uma amiga minha me apresentou um tal do Happn, que era muito chato... que era tipo assim, ele mapeia quando você anda e mapeia quem andou perto de você também, e aí mostra, sabe? Até achei uma pessoa na minha rua e eu fiquei assim, meu Deus! Só que foi pouco tempo que eu usei esse. Já baixei também o da Universidade, que tem um de universitário que é o Umatch, que é restrito a pessoas do nicho de graduação e pós-graduação e eu também percebi esse preconceito, por exemplo, quando uma pessoa falava comigo e não era do mesmo ramo eu não sabia o que conversar, entende? Eu prefiro alguém que fosse academicamente falando, que desse para conversar comigo. A maior diferença é essa. Tem o aplicativo de paquera e namoro do Facebook também. Acho que são só esses, pelo menos que eu me lembre, na verdade.

Em seguida o perguntei sobre com qual frequência e quais vantagens o uso do aplicativo o possibilitou. As respostas pareciam fluir de forma tão instantânea quanto o uso dinâmico e prático dos *apps*.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

R: Viciantemente! Apesar de não pegar ninguém. Tipo assim, eu tô sem agora porque eu desinstalei, né? Até porque o menino que eu tô ficando agora ele não usa, daí ele perguntou se eu usava, contou um drama que ele tinha passado, uma experiência com isso, daí eu disse que ia tirar, mas eu geralmente volto. Já passei um tempo sem Grindr, porque eu sofri homofobia, né? Me xingaram lá dentro e enfim as coisas lá, eu passei um tempo sem usar, aí depois eu voltei sem a foto do rosto, aí depois eu botei a foto do rosto, porque se eu tô aqui quero que me vejam, não tô fazendo nada de errado.

Pesquisador: Quais as vantagens o uso dos aplicativos te possibilitou?

R: A facilidade em conhecer pessoas do meu nicho, né? Porque eu passei sete anos de armário, e aí eu não tinha... por exemplo, meu primeiro encontro com outro homem foi em 2021, dia 29 de outubro. O papo era sobre divas pops, aquela coisa toda, mas eu não tinha esse conhecimento, sabe? Eu gostava, mas eu não era uma "garota do ramo pop internacional", sabe? Eu fui aprendendo também, aí isso ajudou a ter esse contato e até porque o pessoal aqui da comunidade é muito diferente um do outro, tipo, não tem um rótulo, tem as semelhanças, mas cada um tem uma particularidade. Tem uns que são muito tóxicos, outros nem tanto, outros são de boa, né? Outros causam traumas, os outros não causam traumas.

Perguntas como o que você procura nos aplicativos são frequentes e demarcam a exploração desse espaço afim de se definir quais relações poderão surgir a partir dali. De acordo com Costa (2020, p. 195), o “estar procurando algo” tem diversos direcionamentos e significados como: relações amorosas, amizade, sexo casual, companhia, distrações etc. Seja qual for a procura ou o que o parceiro sinalizar que está buscando também, tendo em vista que essas interações são dinâmicas e mútuas, esses aplicativos impactam na vida desses usuários. Durante a entrevista com R sobre como esses apps impactam na vida sexual e afetiva dele, ele respondeu que

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

R: Cansativa! É cansativo, não é um uso agradável. Quero sair de lá o mais cedo possível, porque sempre é... como cada um tem um jeito de ser, nem sempre todos são aquela vez de conversar, de responder com educação, no mínimo, sabe? Uma gay uma vez perguntou se eu era afeminado ou normal, ela mandou um áudio perguntando... agora ela é uma garota, daí eu botei: eu não sei responder essa pergunta não, mas eu respondi do jeito que deu lá, mas tipo, desnecessário, sabe? Ou então eu tô conversando e perguntam: ativo ou passivo? Eu não gosto muito quando perguntam, mas eu respondo no automático. Eu prefiro dizer um: oi, boa tarde! Tudo bem? E continuar a conversa.

Nem todas as interações acontecem de forma pacífica e isso fica claro a partir da experiência de R. Os relatos dos participantes parecem sugerir que a maioria das interações nos aplicativos é de natureza sexual e normalmente pautadas por certo imediatismo. Certamente, a partir desses relatos, os aplicativos não têm a mesma dinâmica das sociabilidades cara a cara, dos encontros presenciais e isso explica, por exemplo, uma suposta “falta de educação” de algumas pessoas nas abordagens. Por detrás da tela de um *smartphone* é mais fácil externar coisas negativas que jamais ou nem sempre seriam externadas.

A fala do Novinho c/l também demarca esse espaço de violência ainda no começo da interação. Quando eu o perguntei quais mudanças ele conseguia perceber na sua vida sexual e afetiva posteriores ao uso dos aplicativos, com a finalidade de compreender como essas interações virtuais impactam em sua vida, ele respondeu que

Novinho c/l: Eu não percebi nenhuma mudança, porque tipo assim, se a gente começa uma conversa com uma pessoa ela já quer sexo, não sabe nem que você é direito e te bloqueia e apaga. Não vi nenhuma diferença. Sobre o sexo, nem aumentou nem diminuiu, permaneceu a mesma coisa.

No entanto, nem todas as experiências são negativas e pejorativas. O participante Sigiloso ST é o único dentre os nove participantes que relatou ter tido um relacionamento estável (namoro) com alguém que conheceu no aplicativo. O entrevistado é um dos membros das plataformas digitais mais antigos, ele utiliza os apps desde 2017.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?

Sigiloso ST: O Tinder, né?! Que é um aplicativo de namoro no geral, e o Grindr que é um aplicativo de relacionamento entre homens... aí a diferença é que tipo o Tinder é mais focado em relacionamentos, tipo, seja afetivo, seja de amizade, mas aí o Grindr é mais especificamente para relacionamento e relação sexuais.

Pesquisador: Quais vantagens o uso dos aplicativos te possibilitou?

Sigiloso ST: Conhecer pessoas novas, que eu já tive namoro que saíram do Grindr e do Tinder também e facilitou essa comunicação entre com as pessoas.

Quando o questioneei sobre quais mudanças ele conseguia perceber na sua vida sexual e afetiva, a resposta também foi no sentido positivo, mostrando que nem sempre essas dinâmicas de interação são marcadas por toxidade e experiências desagradáveis. Mesmo assim, Sigiloso ST sinaliza que existe uma dificuldade nas dinâmicas interativas.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos? Como esses aplicativos interferiram na sua vida?

Sigiloso ST: Eu acredito que, é... eu consegui ter uma vida sexual mais ativa por conta dos aplicativos. Há tempos que eu não uso os aplicativos, minha vida sexual fica mais... não tem uma vida sexual, aí a partir dos aplicativos que a gente consegue encontrar pessoas com o mesmo intuito acaba facilitando isso. Acredito que seja essa facilidade que ajuda a deixar a vida sexual ativa.

Pesquisador: E afetiva?

Sigiloso ST: Afetiva, é... vez ou outra eu consigo encontrar uma pessoa que eu consiga ter uma relação afetiva, mas não é muito, é raro, então não sinto que mudou muito em relação afetiva. Facilitou eu encontrar pessoas para conversar e tal, mas não foram para frente, então relação afetiva mesmo pelos aplicativos a não senti muita mudança.

Nesse sentido, podemos destacar a diversidade não só em relação à possibilidade de interações e encontros, mas também em relação às características das pessoas que estão dispostos a interagir. Paulista Dom é um exemplo explícito dessa dinâmica ao apontar sobre essa diversidade.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

Paulista Dom: Eu acredito que ele dá uma gama maior para conhecer outras pessoas e se relacionar, porque muitas das vezes as pessoas não se identificam na orientação sexual, não são assumidas e com o uso do aplicativo tem a possibilidade de você ser sigiloso, então, você pode se relacionar com as pessoas sem que elas revelem a sua orientação sexual, então, essa daí dá uma gama maior de relacionamento com o uso dos aplicativos.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

Paulista Dom: Eu acredito que isso daí acabou se tornando um pouco mais fácil de lidar sexualmente falando após o uso dos aplicativos, porque como o uso do aplicativo você passa a ter uma intimidade maior com as pessoas, que era uma intimidade que não se dividia antes assim, e principalmente por ser vamos dizer com desconhecidos. Quando você tem essa intimidade sexual com pessoas conhecidas fica mais fácil de você lidar, se abrir, e tudo mais. Quando você começa a se relacionar com desconhecidos essa intimidade que você tem que às vezes é se sentir um pouco preso ela acaba sendo transmutada para uma forma mais fácil de lidar, então, isso daí auxilia muito nas práticas sexuais para você lidar com as pessoas que você ainda não conhece ou que você ainda está conhecendo.

O participante estende essa gama de possibilidade interativa com pessoas que escondem sua identidade e orientação sexual na vida real, isto é, que não são assumidas e afirma que nos aplicativos você pode ser sigiloso. Nesse sentido, os aplicativos impactam, na visão do entrevistado, de forma positiva e extensiva, uma vez que além da variedade de pessoas, a transparência nas práticas sexuais e afetivas são marcadores presentes nas suas interações nos aplicativos de relacionamentos.

De acordo com Costa (2020, p. 195)

“O processo de digitalização das relações homossexuais está vinculado ao desenvolvimento cada vez mais específico de redes sociais destinadas para esse público. Isso não significa que homens busquem parceiros, ou se relacionem, apenas por meios digitais, mas demonstra o crescimento desse mercado e uma modificação nas formas de interação sexual e/ou afetiva.

Pass c/l utiliza os aplicativos há cinco anos e, segundo ele, de “forma incansável”. Quando o perguntei sobre a frequência no uso desses aplicativos de relacionamento ele me respondeu de pronto sobre esse imediatismo de interação quase que por turnos (manhã, tarde e noite) com vistas a relações sexuais.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

Pass c/l: Agora não muito frequente, mas eu usava praticamente três [a] quatro vezes ao dia procurando relações.

Pesquisador: Que tipos de relações?

Pass c/l: Sexuais, a maioria só por prazer mesmo só para transar e tchau.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

Pass c/l: Experiências tanto gays quanto bi, né? Tipo homem e mulher e várias transas, só.

O entrevistado afirma que os aplicativos afetaram de forma negativa sua vida sexual e afetiva ao afirmar que

Pass c/l: Eu vejo que eu não consigo mais me apegar como antes, porque na concepção que eu tive depois do uso do aplicativo é que, tipo, a maioria do pessoal só vai querer sexo e realmente no século que a gente vive 90% dos homens só querem sexo e nada mais.

Esse processo de substituir os encontros presenciais e as interações mais intensas tem incomodado e contribuído de forma negativa na vida sexual e afetiva segundo o relato de diversos participantes. H discreto é o entrevistado mais experiente dentre os participantes da pesquisa e utiliza os aplicativos há sete anos. Ele afirma que os aplicativos possibilitam encontros, mas que estes não satisfazem o que ele realmente procura – relacionamento e intimidade, somente satisfaz na questão do sexo.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

H discreto: A quantidade. O aplicativo ele te proporciona maiores interações sexuais, né? Mas só isso, intensidade não, não muito.

H discreto quantifica os contatos, as interações com outros usuários, mais uma vez confirmando a vasta gama de interações possíveis nos aplicativos, mas que limita ao sexo. A intensidade, o relacionamento e a intimidade que são prioridades para este participante não é algo correspondido a partir dessas interações virtuais.

GhostFace não utiliza mais os aplicativos. Na época de sua entrevista em 23 de abril deste ano, fazia 15 dias que ele havia parado de usar os aplicativos depois de cinco anos imerso no mundo virtual. Os aplicativos de relacionamentos também proporcionam descobertas.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

GhostFace: Descobrir que eu não curto apenas sexo. No Grindr eu consegui descobrir isso que, realmente para mim eu preciso ter uma profundidade maior para chegar nas vias de fato e também descobri que também tenho muita paciência pra tá de conversa, que foi o que eu Tinder me possibilitou descobrir.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

GhostFace: Afetiva... depois que eu passo dois meses usando o Grindr eu percebo que gays são muito difíceis de se relacionar, e sexual, eu percebo que quando eu uso eu passo a transar menos porque a maioria das pessoas do Grindr elas têm uma exposição sexual no sentido de prevenção mesmo, sabe? Da Saúde sexual, eu acho que não rola muito lá. Principalmente quando eu vejo coisas como, assim, por nós estarmos em Serra Talhada e quando eu vejo um perfil *bareback*, só faço sem camisinha, e aí eu não vejo o rosto dessa pessoa, isso faz com que eu ache que pode ser qualquer pessoa que eu tenho um tipo de conversa, né? Como eu não vi o rosto daquele que faz *bareback*, eu meio que generalizo. Pode ser essa pessoa, pode ser aquela, pode ser esse menino que eu tô conversando aqui não Tinder, pode não ser. E aí isso me faz ter um pouco mais de repulsa da prática sexual. Consequentemente eu transo menos.

O entrevistado aponta para um problema de prevenção em relação à saúde sexual de outros perfis que estão nos aplicativos. É comum encontrarmos pessoas que queiram fazer “sexo no pelo” ou *bareback* (termo utilizado, nesse contexto, para se referir à prática sexual de penetração anal sem o uso do preservativo). Isso se agrava em Serra Talhada, em virtude do tamanho da cidade e todos conhecerem todos.

Nem todos os entrevistados almejavam encontrar ou construir um relacionamento com pessoas que estejam nos aplicativos. Essa premissa caminha junto com o que GhostFace e Pass c/l externaram em suas falas e que é corroborada pela fala do participante 19 cm sobre quais mudanças ele consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos.

19cm: Eu tento sempre não construir relacionamento com pessoas que sejam do aplicativo, minha intenção no aplicativo é realmente só transar. Não tem uma outra. Apesar que, olhando os perfis, sempre vejo um outro à procura de relacionamento e tals, acho uma coisa bem difícil mesmo conseguir relacionamento através do Grindr. Do Tinder até vai, é um pouco mais flexível pra isso, o pessoal que tá no Tinder não procura tanto sexo, já no Grindr é realmente sexo. Pra mim a única intenção realmente é só sexo, não tenho outra, então, não tento manter contato com as pessoas para alguma outra coisa, mas ter um contato outro casual para a hora do tesão, bora se encontrar que dá certo. Então essas mudanças foram mais sexuais mesmo.

Comentários como esses são recorrentes e refletem um estigma presente nos perfis dos aplicativos de relacionamento por geolocalização, sugerindo que todos os usuários buscam apenas sexo ou podem ter infecções sexualmente transmissíveis. Mesmo quando alguém não está buscando um relacionamento, observa-se que a casualidade parece ser uma característica predominante nesses ambientes, especialmente no Grindr.

Dessa forma, é a partir dessa categoria de análise, compreendendo a frequência no uso dos aplicativos e os impactos na vida sexual e afetiva desses usuários que passaremos a refletir sobre outras dinâmicas de interações, mas desta vez, em relação às violências sofridas e acometidas por estes participantes.

4.2 “Você pode mandar áudio?” “Inhaíí!” “Segura esse Block!”: dinâmicas violentas nas interações em aplicativos de relacionamentos

A escrita da dissertação foi um processo desafiador, pois em alguns momentos, os relatos dos entrevistados fizeram eco a experiências traumáticas por mim vivenciadas. São dores e delícias, uma vez que ocupo esse lugar de privilégio e posso denunciar tais violações – por mais que doa – de forma acadêmica, um grito de liberdade que ecoa não só nas dentro da academia, mas também e, principalmente, para além de seus portões.

Cada fala dos entrevistados, cada discurso sobre o corpo ideal ou sobre o que permitido ou não nos aplicativos e cada violência simbólica ou não corta o coração e dilacera a alma - de dentro para fora, mas é crucial discutir essas questões e denunciar que um corpo belo não é só um corpo “bombado”, que podemos ir ou não a uma academia; que uma voz fina ou requebrar não é coisa de mulher e podemos performar uma feminilidade sem que sejamos colocados num lugar de abjeção, num lugar de desprezo e exclusão.

Diante disso, nesse momento refletiremos sobre as dinâmicas de interações entre os usuários de aplicativos de relacionamento a partir dos relatos de violência tanto vivenciados como perpetrados pelos usuários.

Nesse sentido, definimos algumas questões centrais que nortearam nossas reflexões em uma tentativa de compreender como se dá tais dinâmicas e quais são as questões mais sensíveis, desde perseguições em ambientes online e offline, isto é, dentro dos aplicativos e fora deles, até xingamentos e outras formas de exclusão e apagamentos dessas identidades. Dessa forma, definimos como categoria de análise as experiências violentas nos aplicativos, como unidade de registro e investigaremos relatos de experiências negativas e violentas nos *apps* a partir de alguns textos e conceitos como, por exemplo, abjeção, masculinidade e heteronormatividade. Posteriormente, é importante identificar e compreender quais os tipos de violências e a frequência de seu acometimento. Por fim, convergindo com nossa interpretação se faz necessário identificar padrões de violência e suas causas nos aplicativos.

Para corporificar e tentar compreender essa categoria de análise foi necessário trabalhar com três perguntas (que constam no roteiro de entrevista em anexo) utilizadas durante as

entrevistas: a primeira pergunta é se o usuário já bloqueou alguém? Se sim, por quê? Posteriormente foi perguntado se o participante já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? E se você poderia descrever o ocorrido? E por fim, se o usuário já teve alguma discussão com algum usuário?

Durante a entrevista com os participantes, algumas falas demonstram um incômodo em relação aos aplicativos e as interações que dele surgem. As tensões são constantemente acentuadas desde a demora dos encontros, às dificuldades dos relacionamentos sérios, as expectativas em relação aos padrões corporais e de masculinidade. De acordo com Nogueira (2020, p. 86), nos aplicativos é facilmente identificável uma moral sexual inerente à ideia de promiscuidade, à pouca troca de informações e diálogos e uma infinidade de razões que causam cansaço e fadiga nos indivíduos que visitam esses espaços virtuais.

Embora existam queixas de cansaço e fadiga, até mesmo ameaça de sair dos *apps* relatados pelos participantes da pesquisa, somente um dentre os nove entrevistados abandonou definitivamente os aplicativos. Normalmente, existe uma rotatividade, isso significa que alguns saem e retornam, mas ainda assim há vários relatos de insatisfação com os aplicativos, conforme explica Nogueira (2020, p. 87).

[...] a experiência da rejeição, da “não seleção” (ou exclusão) por não atender a alguma exigência é marcante na vida desses sujeitos. Além dessa rejeição, os indivíduos têm a difícil tarefa de construir um perfil do outro. Quando o indivíduo monta seu perfil psicológico, escolhe texto e adjetivos, acessando a sua história de vida, o que lhe oferece mais conhecimento de si mesmo. Montar o perfil do outro significa construir uma ideia do sujeito, suas vivências apenas a partir das representações fornecidas, construídas através do texto e da imagem. (Nogueira, 2020, p. 87).

Durante a entrevista com usuário Sigiloso ST o fiz as três perguntas em sequência norteadoras desta categoria.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

Sigiloso ST: Nos dois aplicativos, no Tinder você só pode mandar mensagens depois de dar o match e tudo, né? Mas no Grindr, você, a pessoa pode mandar mensagem na hora que quiser e a pessoa acaba me mandando mensagens inconvenientes, sabe? Acaba fazendo comentários maldosos, sabe? Até preconceituosos, eu acho melhor tipo, além de parar de conversar, bloquear.

Pesquisador: Comentários de que tipo?

Sigiloso ST: Maldosos sobre o corpo, tipo, você mandou uma foto sua, falam mal do seu corpo. Falam mal de sua aparência e preconceituosa no sentido, tipo assim, enquanto no meu caso veem que sou um rapaz mais afeminado, aí fazem comentários relacionado a isso, que isso é feio, isso e aquilo, que não gosta disso. Aí eu prefiro bloquear.

Pesquisador: Você poderia dizer alguns desses comentários? Você lembra de alguma situação?

Sigiloso ST: É... lembro e foi aqui na cidade, em Serra Talhada. *Um homem entrou em contato comigo e a gente conversou, isso pelo Grindr, e a gente trocou foto, foto de rosto normal, só que eles agora hoje dia muito deles, pedem áudio para escutar sua voz, né? E ele pediu áudio, eu mandei e ele escutou minha voz e tal e minha voz, assim, eu considero ela um pouco fina, aí ele falou que eu tenho voz de mulher, voz de frango, sabe? Que era voz de viado, não gostou, aí eu só bloqueei [grifos meus].*

Pesquisador: Sim, e aí a próxima pergunta é sobre isso, né? Se você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? E se você poderia descrever o ocorrido?

Sigiloso ST: Sim, foram violências verbais, né? Que ocorreram mais uma vez, tipo, teve esse caso, mas teve outros casos já também, tipo assim, a pessoa manda mensagem, eu não tô a fim de responder, então a pessoa xinga você, fala um monte de coisa porque você não tá respondendo, faz xingamentos bem fortes e eu acho que só ocorreu uma vez, mas não foi nem tanto a situação, foi uma situação do Grindr, mas acabou que ocorreu fora dele de que eu encontrei um rapaz, isso foi na minha cidade [...], e a gente saiu, só que aí nesse esse rapaz se mostrou violento, ele não me machucou, mas violento nas palavras, sabe?! Na forma de agir. Aí eu senti tipo, teve uma violência verbal, sabe? Não teve violência física, mas foi uma pessoa que eu encontrei lá, sabe?

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Sigiloso ST: Já, mas no começo quanto eu ainda, né? Quando falava alguma coisa eu retrucava, mas a questão que eu falei... quando falava de meu corpo, alguma coisa minha sempre retrucava ou quanto tipo mandavam mensagem e eu não respondia aí começava a xingar e respondia também por conta, né? Que a gente no fervor, né? Na raiva a gente responde, mas hoje em dia não, tô mais... só bloqueio.

Sigiloso ST pontua que o motivo do bloqueio na primeira pergunta foi a reprodução e feitura de comentários maldosos por parte do outro usuário. Ao invés de somente parar de conversar, ele prefere bloquear a pessoa para que esta não o mande mais mensagem. O bloqueio é uma ferramenta localizada à direita do menu do aplicativo e pode ser usada sem limitações. No entanto, dentro das funcionalidades do aplicativo, ao bloquear uma pessoa, caso essa pessoa crie outro perfil, voltará a aparecer para o usuário novamente.

É normal durante as interações que os usuários troquem fotos não só de rosto ou perfil, mas também de corpo. Nesse sentindo, os comentários relatados pelo Sigiloso ST são sobre o seu corpo e sobre sua performance de um homem *gay* afeminado, daí a justificativa do bloqueio e conseqüentemente da falta de interação com aquele usuário. A voz também é um marcador que está sendo muito analisada durante as conversas. Os perfis além de pedirem foto de rosto – normal, pedem áudio para verificarem se a voz é grossa ou fina, demarcando esse espaço de

exclusão no caso de o usuário ter a voz fina, relacionando a voz fina à voz de ‘mulher’ ou voz de ‘frango’.

Nesse sentido, aponta Nonato (2020, p. 73) que

A feminilidade no corpo dito como masculino é interpretada, geralmente, na atualidade, como uma expressão da homossexualidade. O ato de apresentar características estereotipicamente associadas ao feminino, como desmunhecar, rebolar os quadris, emitir voz fina, utilizar peças de vestimenta e adereços “de mulher”, entre outras, são identificados, para utilizar os termos de Halberstam (1998), como “o sinal de uma sexualidade aberrante” e não de um gênero no imaginário popular. (Nonato, 2020, p. 73)

Pode-se, dessa forma, dizer que a pessoa afeminada é construída a partir de um esquema ambíguo, isto é, incertezas a partir do olhar de quem os enxerga. Essa prática é um “soco no estômago da sociedade” que violenta essas pessoas por não compreender suas nuances. Essa prática de exclusão é, também, fortemente reproduzida nos aplicativos de relacionamento, conforme podemos perceber no relato do participante da pesquisa Sigiloso ST.

Diante disso, indo mais além nas formas de violência online e offline, é possível afirmar que as pessoas afeminadas são vistas como indignas de serem vidas, um corpo que não importa e, por isso, sua existência não é legitimada, de acordo com Nonato (2020, p. 75). De acordo com o autor, “a pessoa afeminada se enquadra no domínio do abjeto, seguindo a perspectiva butleriana. A pessoa afeminada não goza de status de sujeito, sua vida é circunscrita a partir de signo de invisibilidade social e, [...] se encontra sob o constante desejo de apagamento pelo outro.” (Nonato, 2020, p. 75).

Trabalhando um pouco mais o conceito de abjeção em Butler (1993) é possível dizer que, conforme afirma Nogueira (2020, p. 71),

A constituição do sujeito inteligível requer identificação com as normas socialmente estabelecidas para o gênero e a sexualidade. Essa identificação implica o repúdio às performatividades que rompem com essas normatividades, formando assim o domínio do abjeto. O ato de repudiar, como vimos, cria o sujeito abjeto, sujeito este que passa a ser considerado como um espectro ameaçador da normalidade. (Nogueira, 2020, p. 71).

Conforme explica Nogueira (2020, p. 72), “os sujeitos abjetos podem ser definidos como aqueles que são ininteligíveis; inumanos; desprezíveis; como aqueles que não deveriam existir dentro dessa matriz cultural ou que não possuem existência legitimada.” São, pois, vidas que não são consideradas vidas e corpos que não são considerados importantes.

A entrevista com o participante R aportou elementos imprescindíveis para nossa reflexão sobre as violências sofridas e cometidas nos aplicativos de relacionamentos e que se estendem para o mundo real.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém?

R: Várias!

Pesquisador: Por quê?

R: Porque eu não tenho paciência para ninguém chata e gente que, por exemplo, garotos de programa. Conversei com meu psicólogo sobre o que aconteceu quando eu conversei com um garoto de programa recentemente e ele disse para eu tomar cuidado porque ele pode ser perigoso. Tipo, ele queria a todo o custo me ver, se declarou muito intensivamente de forma prematura, sendo que a gente não tinha construção para aquilo ainda e ele queria a todo custo ir na minha casa, vir me visitar, me ver ou querer que eu fosse na casa dele. Enfim, aí eu bloqueei porque tava chato e insistindo uma coisa que não era para ser, aí nesse caso eu bloqueei ou então quando a pessoa vem com homofobia, com perguntas idiotas, por exemplo, dei match com um no Tinder e ele me passou o Instagram dele, eu fui e segui, aí ele mandou mensagem e eu respondi, aí ele perguntou: "tu é gay, mano?" Aí eu disse: sou sim, você não? Aí ele disse: "Não, sou não!" Eu deixei ele lá, depois dei um unfollow¹³ e removi.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos?

R: Já! já me chamaram de caranguejeira, que eu sou feia, já chegaram também não xingando, mas, tipo, como se eu fosse uma quenga¹⁴, tipo assim, me falaram que você sente muito bem, eu quero sentir... eu sou um homem gordo, apesar de ser um gordo menor, bem menor, na verdade, né? Aí já ouvi falar... tipo assim, perguntaram do meu peso, aí eu disse: por que tu quer saber? Aí ele disse assim: por que deve ser muito gostoso sentir seu peso em cima de mim. Aí eu perguntei: eu sou gordo, mas e você pesa quanto? Ele disse: 60 kg, aí eu pensei: vou ser uma pessoa tóxica, daí eu falei eu não gosto de pessoas magras e que pessoas magras não me aguentam não, aí eu bloqueei. Mas eu já passei por homofobia e gordofobia nos aplicativos, no caso, aí é isso!

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

R: Eu acho que... já sim! Gente inconveniente. Recentemente, inclusive, porque como eu falei no começo eu saio e volto para o Grindr, então, quem eu bloqueei na primeira vez vai estar desbloqueado na segunda e essa pessoa sempre voltava a falar comigo e não se identificava, entendeu? Chegava como se não me conhecesse, até chegar no ponto de eu perguntar: quem é você? E a

¹³ O termo "unfollow" refere-se à ação de deixar de seguir alguém nas redes sociais, ou seja, deixar de receber as atualizações, postagens ou conteúdos daquela pessoa ou conta. Quando alguém realiza o "unfollow", isso não significa que a pessoa está sendo bloqueada, mas sim que ela opta por não acompanhar mais as publicações dessa conta. O "unfollow" pode ser feito por diversas razões, como desinteresse no conteúdo ou simplesmente a necessidade de reduzir o fluxo de informações.

¹⁴ No sertão pernambucano, o termo "quenga" é uma gíria pejorativa e ofensiva, usada para se referir a uma mulher de forma desrespeitosa. Tradicionalmente, é uma expressão que denota alguém que seria considerada promíscua ou de comportamento sexual considerado imoral pela sociedade. Esse termo carrega um forte estigma e é usado para humilhar ou diminuir a pessoa a quem é direcionado, geralmente com conotações de desvalorização moral e social.

pessoa responder que me conhecia, e eu: sim, mas quem é você? A pessoa dizia o nome e eu falava: tu de novo? Daí eu boqueava novamente. Isso é gente chata, gente que não se toca.

A partir dessa fala podemos refletir sobre a descorporificação do desejo, conceito trabalhado por Nogueira (2020). Em uma análise mais aprofundada é possível dizer que as relações na internet e/ou aplicativos de relacionamento se diferenciam das relações “cara a cara”. É nesse contexto que a descorporificação irá entrar em cena, fundamentando a ideia do “eu autêntico”, ou seja, os sofrimentos, anseios, perspectivas e desejos do usuário é transmutado para os aplicativos e se corporificam (materializam) de modo que aqueles indivíduos possam textualizar ou expor nos seus perfis questões que talvez não conseguissem expor em outro espaço ou contexto.

De acordo com Nogueira (2020, p. 101), falar em descorporificação não exclui a importância do corpo nessas relações, uma vez que durante a apresentação pessoal a aparência física adquire bastante importância, de modo que beleza e corpo são requisitos para se obter mais contatos ou interações. O impacto sobre beleza e corpo na vida dos usuários é tão grande que a ideia de um corpo belo gera um mercado competitivo e diversas vezes obrigam esses indivíduos a mudarem suas práticas e atividades para buscarem um “corpo ideal” no mundo virtual. O corpo assume esse lugar de estilo de vida, sujeito a muitas intervenções.

Na fala de R, é possível perceber a presença desses elementos ao entrevistado ter sido chamado diversas vezes de “feio”, “caranguejeira” e ter o seu corpo abordado como um objeto de desejo a partir da fala do outro usuário que disse “deve ser muito gostoso sentir seu peso em cima de mim.” Nesse sentido, é possível perceber uma violência não só em relação à performance do usuário afeminado, mas também em relação ao corpo que não corresponde ao ideal.

É, assim, possível dizer que o corpo nessas relações ganha uma conotação do ideal, ou seja, para muitos dos usuários dessas plataformas há um ideário de corpo perfeito como aquele que deve ser forte, saudável e musculoso, onde a masculinidade reproduzida nesses espaços valida o corpo desejado a partir da prática esportiva e diversos outros cuidados.

No relato de violência sofrida por GhostFace, é possível perceber sua angústia ao ter sido mandado para casa porque um usuário (após marcar um encontro) disse que ele era mais gordo pessoalmente, e isso foi motivo de diversos bloqueios mentais no entrevistado.

Pesquisador: Você já sofreu violências nos aplicativos? Se sim, qual o tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

GhostFace: No aplicativo, não, mas eu falei que eu já saí duas vezes, né? De fato, eu cheguei a transar com duas pessoas, mas teve uma que foi quando eu passei a ter esse hábito de não mostrar mais meu rosto, de a priori, e também de demorar muito a enviar uma foto de rosto que foi quando eu cheguei na casa do cara e ele disse que eu era mais gordo pessoalmente do que eu era nas fotos e mandou eu voltar para casa. E aí talvez ia ser bem tu tenha causado isso de eu não querer mandar foto.

Nogueira (2020, p. 102) afirma que o corpo malhado explicita a forma como o desejo é inato e intrínseco ao sujeito; é construído socialmente por padrões sociais que mudam de acordo com a cultura. A dualidade corpo e desejo está relacionada à saúde e ao cuidado e produzem padrões estéticos. Diante disso, podemos relacionar essas violências aos indivíduos que não correspondem esteticamente ao padrão que se espera nos aplicativos à relação feita dos homens passivos ou “bichas”, onde possuíam corpos não másculos ao que hoje conhecemos como másculos ou malhados (que se estende para qualquer indivíduo).

Existe uma contradição em relação à procura pelo corpo ideal nesses aplicativos de relacionamento, uma vez que muitos desses homens que desejam encontrar esse corpo perfeito não atendem aos padrões corporais. Durante a entrevista com Pass c/l, essas nuances das interações problemáticas e que causam bastante mal-estar sobre corpo e trejeitos fica bem demarcadas, vejamos:

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

Pass c/l: Sim, várias pessoas. Eu bloqueei pelo fato, tipo, não me agradava a forma física e também os trejeitos por ser afeminado, por eu gostar do lado mais masculino e mais discreto.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

Pass c/l: Violência, violência, eu acho só questão de julgamento mesmo, físicos e algumas vezes quando eu mandava tipo foto de rosto ou então de corpo o pessoal falava que era fake, alguma coisa do tipo, só, mas outras coisas não.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Pass c/l: Já, e o motivo foi porque eu falei na tora que não queria nada pelo simples fato não curtir o lado feminino tal e fui criticado, né? A gente bateu boca por conta disso.

De acordo com Nogueira (2020, p. 108), essa tensão e sentimento de mal-estar têm uma profunda relação com o fato de que a maioria dos sujeitos busca dentro de determinado padrão, mas não se enquadra nesse mesmo padrão.

É possível, pois, afirmar que a maioria dos usuários que acessam esses aplicativos está à procura de um corpo padrão, um homem másculo sem trejeitos ou performance de feminilidade, ainda que nem todos os usuários que ali estão estejam aptos a atenderem essa expectativa. Durante a fala do entrevistado 19 cm é possível perceber esses conceitos de forma muito explícita.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém?

19cm: Já, já bloqueei algumas bichas da cidade porque estava só mandando foto do corpo... para mim, não sentia tesão nenhum em ver aquilo, não era o que me atraía e algumas pessoas de idade que não tavam me atraindo e ficava mandando sempre mensagem, acabei bloqueando porque não queria manter contato.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

19cm: A que realmente ficou na memória foi aquela da pessoa colocar no perfil uma coisa e na hora demonstrar ser outra, porque no perfil conhecer a pessoa, né? Mandando mensagem, olhando perfil, aquela coisa e no perfil tava que não curtiu pessoas gordas, não curtia pessoas afeminadas e não queria ter para ele esse tipo de relação, mas só conversando com a pessoa, uma conversa sem conexão nem nada, a pessoa demonstrou ser algo que ela era contra. É uma pessoa gorda, é uma pessoa afeminada, mas não queria se relacionar com um semelhante. Para mim isso foi bastante ofensivo porque eu não entendi e não fazia sentido a pessoa ser e viver aquilo que ela é contra, discrimina.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

19cm: Já, já, inclusive com essa mesma pessoa, aí eu cheguei a encontrar a pessoa pessoalmente, aí não teve uma bateção de boca longa, mas foi uma coisa, tipo: bicha, se toca, tu vive no Grindr usando o aplicativo e se diz ser contra aquilo que tu mesmo vive, tá ligado? Não foi nada demais, não, pessoalmente não, mas por internet foi mais bateção de boca mesmo, porque para mim não fazia sentido isso.

Pesquisador: Como foi essa discussão?

19cm: Virtual foi um pouco mais agressiva, porque a pessoa dizia me conhecer, já ter me visto outras vezes, então, discorria sobre o que eu vivia e o que eu era, o que para mim não fazia sentido nenhum porque apesar dos pesares, a minha única questão de não me relacionar muito é só por eu ser afeminado mesmo, e as pessoas não querem isso para elas, então, a pessoa pautar o meu lado feminino de ser como um problema não faz sentido para mim, não faz sentido, nenhum de verdade. Querer expor algo que é inerente a mim como um problema para ela, eu não escolhi se afeminado, é o meu jeito e não acho que isso seja um problema para eu não me envolver com as pessoas. Apesar que as pessoas tornassem um problema muito grande, até mesmo com relação ao trabalho e tals, em convívio com outras pessoas, e não acho que isso seja algo a ser pautado... sou eu, você tem que trabalhar comigo, você tem que viver comigo, se relacionar comigo do jeito que eu sou e é isso. Você não tem que querer escolher ou não, mas a pessoa ficou pautando muito a questão pelo fato, nem tanto de eu ser gordo, mas por eu ser afeminado mesmo, querendo mostrar isso como se fosse um problema, como se ele tivesse se

relacionando com uma mulher, enfim, coisa que não tem sentido algum, porque o ser mulher vai muito além de ser uma pessoa que transcorre e externa trejeitos femininos, mas a pessoa querer pautar isso como um problema foi o que me deixou mais estressado mesmo, foi uma coisa com muito xingamento e tudo.

Pesquisador: Quais eram os xingamentos?

19cm: Eram bichinha “pão com ovo”, até mesmo transfobia mesmo, tipo, você é uma mulher trans, viadinho assim não precisa tá em aplicativo não, porque eu tenho muito costume de usar short curto, aí viu isso como um problema também. Vive muito você de short curto não tem por que você parecer um homem, você não transcorre, você não passa a visão de um homem másculo, entre outras coisas, mas aí começou a parte muito pro lado da gordofobia, do lado físico.

Nesses aplicativos, é muito mais fácil encontrar sujeitos que estão fora de forma procurando e desejando esse corpo ideal, do que o oposto. Segundo Nogueira (2020, p. 109), o grupo de sujeitos idealizados é muito maior que o número de sujeitos que podem atender a essas expectativas. Essa é a causa de tamanha frustração nesses aplicativos.

Esses conflitos entre corpo e trejeitos são recorrentes e aparece como um marcador passível de reflexão em diversas falas dos participantes da pesquisa. A questão é que muitos utilizam desses discursos para excluírem e violentarem outros usuários, como é o caso de H discreto, que passou por situações bem degradantes, mas assume não ter ficado cabisbaixo e ter rebatido à provocação.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

H discreto: Já, pelo papo, por ser passivo... não só por ser passiva, mas pelo papo e também por ser passivo. Quando uma pessoa tem um papo que não me agrada eu já bloqueio ou então quando ela se acha demais, né? Porque tem muitas pessoas no aplicativo que se acham "a última Coca-Cola do deserto", vamos dizer assim, eles por terem um estereótipo de beleza melhor que o seu, eles se acham no direito de escolher ele se acha no direito de estar acima de você, então, muitas vezes vem muitas respostas rudes, então isso me faz ter ranço, aí acaba bloqueando.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

H discreto: Não, nunca sofri não. Violência não, já assim... só em questão de uma pessoa não me achar bonita, mas isso não me atingido de uma forma que eu trato como uma violência.

Pesquisador: Você se considera uma pessoa afeminada?

H discreto: Não.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário? Poderia relatar o ocorrido?

H discreto: Já, foi exatamente o que eu expliquei anteriormente por questão de estereótipo, que eles se achavam melhor que eu por ser um padrão, uma pessoa padronizada, só que isso não me deixou cabisbaixo, entendeu? Simplesmente rebati da forma que ele merecia.

Na fala de H discreto é possível perceber que ele nunca sofreu violência nos aplicativos por ser afeminado ou performar uma feminilidade. Apesar de não corresponder imagetivamente aos padrões de desejos nesses *apps*, afirma o participante que não encara isso como uma violência e que isso não o atingiu de forma violenta. H discreto é um homem *gay* que não se considera afeminado, as questões que o atravessam estão ligadas à imagem e corpo. O entrevistado é adepto à prática do futebol e seu ciclo de relacionamento é definido a partir da heterossexualidade, sendo também uma preferência dele – se relacionar com “marginais” e/ou homens que performam uma masculinidade/virilidade.

4.3 “De mulher, o mundo tá cheio e só quero amizade!”: conflitos e exclusão do homem gay afeminado nas dinâmicas de sociabilidades no *Grindr* e no *Tinder*

As discussões traçadas até aqui nos fizeram refletir sobre as violências sofridas e/ou praticadas pelos participantes da pesquisa de forma transversal, isto é, não só uma discussão que atravessa o que é ou não legitimado nos aplicativos em relação aos trejeitos de homens *gays* afeminados, mas em relação ao corpo e outras características que transportam esses usuários para um lugar de exclusão e abjeção, corpos que são subversivos ao padrão social imposto e que violam essas normas.

Diante disso, a partir desse momento, nossa discussão será traçada em relação ao nosso objeto de pesquisa, que compreende a **afeminofobia** ou **efeminofobia** e vem sendo pincelada e preparada para esse momento. Destarte, é fundamental compreender como a afeminofobia é constantemente mantida e reproduzida nos aplicativos e conceitos que sustentam essa forma de violência – masculinidade hegemônica.

O termo performatividade de gênero foi proposto por estudiosos pioneiros dos estudos queer e significa a reprodução de comportamentos determinados dos seres humanos (homens e mulheres) em um contexto sociocultural. Nesse sentido, afirma Baydoun (2020, p. 61) que

Tanto a masculinidade quanto a feminilidade são atravessados por fatores históricos e culturais, ou seja, passam por transformações de acordo com o contexto social e histórico no qual os sujeitos estão inseridos. Apesar de tais transformações, esses conjuntos são vistos como padrões hegemônicos, quase que incontestáveis, dentro de cada cultura. Por isso, quando um homem apresenta comportamentos culturalmente associados ao feminino no contexto

social atual (rebolar, gesticular com as mãos, ter voz fina, cuidar muito da aparência), ele tem sua identidade como “homem” questionada, pois, segundo a lógica *status quo*, para ser considerado homem é necessário apresentar um conjunto de comportamentos e características que podem ser associados à masculinidade como concebida pelo contexto sócio-histórico em questão. (Baydoun, 2020, p. 61).

Trabalhar com o conceito de masculinidades hegemônica, sobretudo a partir dos escritos de Connell (2005), é fundamental no processo de reflexão sobre interações violentas de homens *gays* em aplicativos de relacionamentos por geolocalização, ainda mais se nos localizarmos no contexto interiorano sertanejo, uma vez que a cultura tem uma forte influência nessas dinâmicas de sociabilidades. De acordo com Baydoun (2020, p. 65), é possível dizer que as masculinidades são caracterizadas como um conjunto de comportamentos, características físicas, atitudes e traços de personalidade que são determinados e associados por cada cultura àqueles que se nomeiam e se identificam como “homens”.

As questões psíquicas influenciam nesse processo de construção das masculinidades de modo tão contundente que, de acordo com o contexto sociocultural em que este sujeito está inserido, aquele modelo de masculinidades hegemônica reverbera na forma como os homens se enxergam, se constituem e são tratados pelos demais, como coloca Baydoun (2020, p. 66).

Mas o que é hegemonia? De acordo com Baydoun (2020, p. 66), a hegemonia é um conceito utilizado para explicar as concepções reducionistas de gênero e sexualidade e o modo como tais ideologias se radicaram na estrutura social ao longo da história. Um exemplo utilizado pelo autor são os meios de comunicação de massa e a indústria cultural, que exercem um papel central na formação de opiniões e na reconfiguração de preferências, desejos e dogmas de acordo com o *status quo* e as exigências do sistema capitalista. Isso explica o porquê de se trabalhar esses conceitos aos abordarmos sobre dinâmicas e sociabilidades em aplicativos virtuais.

Essa hegemonia ganha força porque sua estrutura é mantida a partir de um contexto em que os próprios subalternizados apoiam os dominantes. Essa hegemonia, de acordo com Miskolci (2012), é resultado da cumplicidade dos dominados com os valores que os subalternizam. É por isso que podemos identificar marcadores que comprovem essa manutenção das masculinidades hegemônicas durante as falas dos entrevistados e das dinâmicas de interações entre esses usuários nos aplicativos de relacionamento, onde homens *gays* não estão isentos de praticarem homofobia e/ou afeminofobia contra outros homens *gays*.

De acordo com Baydoun (2020, p. 26), muitos usuários dessas plataformas digitais sobrevalorizam os padrões hegemônicos de masculinidade socialmente atribuídos à

heterossexualidade e transformam os aplicativos em um campo fértil para disseminação de discursos contaminados por machismo, afeminofobia e pelo culto a um tipo específico de corpo (malhado, másculo e viril) em detrimento de todos os outros tipos que são violentados e excluídos dessas dinâmicas de interações.

De acordo com Baydoun (2020, p. 26), esses discursos opressores privilegiam e superiorizam usuários que adotam padrões imagéticos e comportamentos socialmente atribuídos à heterossexualidade/masculinidade hegemônica, o que os tornam o centro de desejos dos demais. A outra face de modelo é a discriminação contra homens que adotam padrões de comportamentos socialmente atribuídos à homossexualidade/efeminamento, gerando grande sofrimento e sentimentos de exclusão, e impedindo-lhes de adotar medidas que os tornem mais “desejáveis”.

Baydoun (2020, p. 27) afirma ainda que, a partir dessas interações e processos de exclusão pautados na masculinidade hegemônica e manutenção dela, fica evidente essa população historicamente oprimida passa a reproduzir discursos segregacionistas e opressores de preconceito contra si mesma. Nas entrevistas transcritas, é possível perceber diversos discursos como estes, além de conteúdos que estão na descrição de alguns perfis como, por exemplo, “Nada contra, só não curto afeminados”, ou “De mulher o mundo tá cheio e só quero amizade!” (entrevista com GhostFace).

O termo *efeminofobia* ou *afeminofobia* foi trabalhado pela autora Eve Kosofsky Sedgwick e é utilizado para se referir a uma forma específica de preconceito e exclusão que atinge homens afeminados ou aqueles que, de acordo com Baydoun (2020, p. 73), o comportamento “jeito de ser” ou preferências não se enquadram nos padrões impostos de masculinidade hegemônica, isto é, aquilo que a sociedade espera de um homem.

Neste trabalho, o termo afeminofobia é utilizado para se referir aos sentimentos de aversão e atitudes de discriminação contra homens que performam uma feminilidade. Empregando um conceito reducionista, podemos dizer que a afeminofobia é também interpretada como uma manifestação da homofobia. No entanto, Baydoun (2020, p. 74) vai dizer que afeminofobia e homofobia são dois tipos de discriminação distintos.

De acordo com autor, “a homofobia se refere à aversão àqueles que possuem desejos homo-orientados, a efeminofobia é caracterizada pelo horror aos homens que possuem comportamentos/atitudes socialmente associadas ao feminino, independente da orientação de seus desejos sexuais. (BAYDOUN, 2020, p. 74). Podemos, porquanto, dizer que a afeminofobia é uma forma específica e reducionista da homofobia, uma vez que se destina a um grupo específico, normalmente em aplicativos de relacionamentos.

Baydoun (2020, p. 74) vai dizer que

A efeminofobia é amplamente disseminada tanto em culturas anglo-saxônicas quanto latino-americanas, nas quais, dependendo do contexto, o “homem afeminado” torna-se uma figura caricatural ou um monstro a ser temido, uma vez que desestabiliza as expectativas patriarcais tradicionais que não levam em consideração a distinção entre sexo de nascimento, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação afetivo-sexual, e presumem uma única forma de ser/existir/desejar como homem. (Baydoun, 2020, p. 74).

Usuários de aplicativos de relacionamento por geolocalização reproduzem e se alinham, no contexto dos desejos e das relações, ao binarismo de gênero e normatividade, isto significa que suas relações são pautadas na aversão ao efeminamento. De acordo com Baydoun (2020, p. 75), essa aversão fica evidenciada através das formas que esses usuários se colocam/apresentam nos aplicativos, isto é, baseando-se na reprodução de discursos que colocam o homem afeminado numa posição de *turn-off* erótico (“algo desinteressante”, “broxante”).

Baydoun (2020, p. 75) afirma que

A misoginia também se estabelece como um dos pilares da efeminofobia, embora as vítimas desta última sejam homens. Levando em consideração alguns termos efeminofóbicos do português brasileiro, tais como: “bicha”, “bichona”, “florzinha”, e o uso de adjetivos e substantivos no feminino para se referir a homens que não se enquadram nas normas impostas pela matriz heterossexual, observamos que todas as expressões se referem diretamente à “feminilidade” do sujeito. Em nosso contexto sócio-histórico, descrever o sujeito como *feminino* é um insulto, uma vez que a feminilidade ocupa o lugar do subalterno nas hierarquias de gênero instituídas pelo *status quo* machista, misógino e patriarcal. (Baydoun, 2020, p. 75).

Muitos usuários dessas plataformas digitais que buscam relações e interações com outros usuários culpam esses homens afeminados por disseminar “imagens negativas” sobre os desejos homo-orientados por sua preocupação excessiva com assuntos “superficiais” como roupas, moda e encontros sexuais casuais, conforme explica Baydoun (2020, p. 76).

Na entrevista com Almeida, é possível, de acordo com sua fala, vislumbrar esses marcadores não só da afeminofobia de forma muito contundente, mas também de questões imagéticas e corporais, onde diversos termos como “viadinho”, “voz fina”, chegando, inclusive, a ameaçar o participante da pesquisa de agressão caso o encontrasse na rua, porque não gostava de homossexual muito afeminado. Isso gerou ressentimento e medo no entrevistado, uma vez que não se podia andar tranquilamente na rua e nem ser ele mesmo, ainda que nos aplicativos, relata Almeida.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos?

Almeidinha: Já! Uma vez eu tava falando com um rapaz e aí o rapaz foi falar assim: "ah, mas você é afeminado?", eu respondi que sou afeminado, aí ele foi e disse que não curtia, que ele era homem, que ele não gostava de ficar com um viadinho que tinha voz fina, só gostava se fosse fora do meio e que se me visse na rua ia me bater porque ele não gostava de homossexual muito afeminado, aqueles gays que têm trejeitos. Isso me marcou muito porque para mim era como se eu não pudesse sair na rua e ser quem eu sou, nem mesmo no aplicativo.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Almeidinha: Já, já briguei bastante. Quando eu usava o aplicativo teve uma vez que eu bati boca, entre aspas, ele começou a dizer que eu era muito gordo, sendo que ele também era gordo, daí eu disse que ele não podia falar nada porque ele também era gordo e que se fosse falar de peso ele era mais gordo ainda, daí ele acabou me bloqueando.

Esta pesquisa não tem como objetivo discutir os gostos/desejos ou preferências de usuários dos aplicativos de relacionamento por geolocalização, mas tentar compreender como se dão essas interações, normalmente violentas e regadas por discursos excludentes, no sertão pernambucano, uma vez que existem diversas pesquisas com essa temática em regiões metropolitanas, mas nenhuma com esse recorte geográfico. Sabemos que homens *gays* sertanejos também utilizam aplicativos, por isso o nosso olhar.

Compreender esses conceitos de masculinidade hegemônica e refletir sobre discursos afeminofóbicos nos *apps* a partir de outras pesquisas e de uma vivência duradoura nesses espaços, além da interação com pessoas que ainda frequentam esse ambiente virtual é o que propõe essa pesquisa.

Diante disso, é comum que qualquer pessoa que acesse os aplicativos de relacionamento se depare com discursos já citados, mas que reitero aqui, discursos que se caracterizam por se enquadrarem como um tipo específico e explícito de afeminofobia: “Nada contra, só não curto”, “Afeminados podem passar”, “De mulher o mundo tá cheio”, ou “Seja *gay*, mas não seja afeminado”. Essas expressões, normalmente encontradas na descrição desses usuários, nos faz questionar o que há na figura do homem afeminado que o coloca nesse lugar de abjeção e não ser desejado, na medida em que pensamos no que tem no homem “macho” que o coloca nesse lugar de desejo.

De acordo com Baydoun (2020, p. 84), a outra manifestação afeminofóbica pode ser observada a partir de discursos de “isenção”, isto é, uma tentativa do usuário em se eximir de uma “culpa”, mas por que temer ou se justificar se é só questão de gosto ou preferência sexual? Essa isenção da culpa pode ser encontrada também na descrição dos perfis de alguns usuários

e normalmente aparece com expressões “longe de ser preconceituoso” ou “me desculpem os afeminados”.

Parece que temos um problema de contradição entre o que se deseja e o que se expressa no perfil numa tentativa de “se desculpar ou se isentar da responsabilidade daquilo que se publica acerca de preferências sexuais e exigências em relação à masculinidade” (Baydoun, 2020, p. 87).

A afeminofobia é uma faca de dois gumes. Baydoun (2020, p. 99) vai dizer que

Embora todos os homens de desejos homo-orientados sejam marginalizados pelo *status quo* e relegados ao campo do abjeto, aqueles que não se adequam à estigmatização e à discriminação, não apenas por parte da sociedade como um todo, mas sobretudo por parte de outros homens que buscam relações homodesejantes, que possivelmente já foram estigmatizados e taxados de “afeminados” na infância. (Baydoun, 2020, p. 99).

Nesse contexto, é possível dizer que a heterossexualidade se coloca como uma regra a ser seguida, pautando a perpetuação de lógicas binárias de gênero e sexualidade (homem-mulher, masculino-feminino, heterossexual-não-heterossexual), conforme explica Baydoun (2020, p. 101). Por isso, é fundamentalmente importante a reprodução de tais violências como forma de manter uma hierarquização entre os gêneros, ainda que essa imposição não favoreça quem violenta outros corpos - o que acontece.

[...] ser – ao menos “parecer ser” – homem viril e heterossexual é a norma, a única possibilidade de ser-existir-desejar sem julgamentos ou represálias. O enquadramento no alinhamento pênis-homem-masculinidade-heterossexualidade garante um lugar de superioridade nas hierarquias binárias de gênero e sexualidade historicamente perpetuadas. Já a “mulher” como identidade de gênero, o “feminino” como expressão de gênero e o não-heterossexual (viado) como orientação afetivo-sexual são situados no mesmo lugar (ou melhor, no mesmo não-lugar): a esfera do abjeto. (Baydoun, 2020, p. 101).

A partir das falas dos entrevistados, pudemos extrair diversos marcadores que puderam ser analisados neste tópico tão sensível sobre interações violentas nos aplicativos. Agora volto a respirar um pouco mais e passo a apresentar-lhes a nossa próxima categoria de análise.

No capítulo 3 da dissertação, foram abordadas duas principais categorias de análise: os impactos dos aplicativos de relacionamento por geolocalização na vida afetiva e sexual dos participantes e as experiências de violência nesses aplicativos. Os aplicativos como Tinder e Grindr foram os mais mencionados pelos entrevistados em Serra Talhada-PE, que relataram tanto benefícios quanto desafios no uso dessas plataformas.

Os impactos positivos incluem a facilitação de conhecer novas pessoas e a possibilidade de vivenciar uma vida sexual mais ativa. No entanto, muitos participantes também relataram experiências de discriminação e violência, especialmente relacionadas a preconceitos contra indivíduos que não se encaixam nos padrões tradicionais de masculinidade.

As dinâmicas violentas nos aplicativos são diversas e abrangem desde comentários ofensivos e homofóbicos até exclusão e bloqueio de perfis. A afeminofobia emergiu como um tema recorrente, com muitos entrevistados relatando exclusão devido a trejeitos considerados femininos. Isso reflete um preconceito profundo e enraizado na cultura local, onde a masculinidade hegemônica dita as normas de aceitação social. Além disso, a exposição ao corpo idealizado e a pressão para corresponder a esses padrões também são fatores que contribuem para experiências negativas.

Esses resultados destacam a necessidade de um entendimento mais profundo das interações virtuais e das formas de violência que podem ocorrer nesses espaços, especialmente, em contextos mais conservadores como o sertão pernambucano.

5 VIVÊNCIAS DIGITAIS SERTANEJAS! ATUALMENTE, UM CANGACEIRO USARIA O GRINDR OU O TINDER?

Neste capítulo, abordaremos as últimas duas categorias de análises desta pesquisa, qual seja: as vivências sertanejas e os impactos dessas relações homodesejantes nos aplicativos de pegação no interior pernambucano e percepção sobre práticas sexuais entre homens; e o tópico que chamamos de “fica a dica”, momento em que os entrevistados discorreram sobre as estratégias de uso desses aplicativos.

Esta categoria de análise abordará sobre as vivências sertanejas de homens *gays* que se encontram geograficamente posicionados no interior de Pernambuco. É uma tentativa de compreender como a cultura do patriarcado e do machismo tão empregadas e reproduzidas nessa região interfere nas relações entre esses indivíduos que utilizam os aplicativos de relacionamento.

A observação feita na categoria em questão tem como temática as vivências sertanejas e os impactos dos aplicativos na vida afetiva e sexual nas relações homodesejantes (Baydoun, 2020). Utilizaremos como unidade de registro as descrições sobre a interferência da cultura sertaneja nas interações entre os usuários de aplicativos. Dessa forma, analisaremos como o contexto sertanejo molda as experiências e percepções dos usuários. Essa categoria de análise foi construída em cima da seguinte pergunta: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Nesse sentido, é sabido que boa parte das pesquisas sobre os aplicativos virtuais de relacionamento, sobretudo aqueles criados para que homens *gays* possam interagir uns com os outros, são desenvolvidas nos grandes centros urbanos, onde há uma pluralidade de indivíduos e o anonimato possibilitam uma vivência mais livre das sexualidades dissonantes dos padrões heteronormativos. Em seguida faço o meu recorte para esta pesquisa, um recorte geográfico para compreensão das dinâmicas de sociabilidades em aplicativos por homens *gays* sertanejos.

Serra Talhada é uma cidade localizada no Sertão do Alto Pajeú e fica a aproximadamente 415 km de capital pernambucana, Recife. É uma cidade considerada berço do cangaço, onde Lampião (figura central do movimento) nasceu. Em função disso, carrega-se muito no imaginário social da cidade a cultura do “cabra macho” ou “cabra da peste” e internaliza esses discursos nas raízes mais profundas da cidade. Isso molda, por exemplo, a figura do homem viril, do sertanejo sofredor e forte.

Em outubro de 2009 houve a primeira parada da diversidade, na época parada *gay*. Foi um marco histórico para a cidade, uma vez que nesses 173 anos, Serra Talhada nunca tinha tido

uma movimentação política desse porte. A parada *gay* reuniu cerca de 15 mil pessoas, de acordo com dados da Polícia Militar. Um movimento que ganhou espaços até nos telejornais de grande circulação como, por exemplo, o programa Fantástico da Rede Globo de Televisão.

Um bloco conhecido como “os Canga-gay” ficou responsável por abrir a movimentação. Nesse momento, homens *gays* serra-talhadenses se vestem de cangaceiros, utilizam indumentárias, acessórios e armas símbolos do cangaço na cor rosa, do “cabra da peste” ou dos “cabras machos” de Lampião. A cor rosa na vestimenta significa uma apropriação de símbolos que eram utilizados para oprimir e que agora eram utilizados como forma de protesto em função de uma orientação sexual destoante do que é imposto pela cultura conversadora patriarcal da região.

Figura 6: O fotógrafo Benjamin Abrahão Botto se encontrou com o bando de Virgulino e a foto foi tirada pelo cangaceiro Juriti



Fonte: BBC News Brasil

Na imagem acima é possível perceber o Bando de Virgulino ou Lampião. Uma imagem que, embora preto e branco, demonstra os acessórios utilizados por estes cangaceiros. Suas vestes eram na tonalidade marrom, muito parecida com a tonalidade da caatinga ou da poeira das terras secas para servir de camuflagem. Até as mulheres do Bando, aqui representada por

Maria Bonita, eram consideradas “mulher macho”. Uma característica latente do patriarcado e do conservadorismo impostos durante essa época e que são legitimados até hoje.

Figura 7: “Os Canga-gay”



Fonte: Hans von Manteuffel / Agência O Globo

Figura 8: “Os Canga-gay”



Fonte: Revista Época/Babel das Artes

Nas duas fotografias acima, é possível visualizar os Canga-Gay, movimento de composto por LGBTQ+ influentes na cidade, que resolveram polemizar o machismo dominante na cidade por meio de uma reivindicação por direitos e respeito à orientação sexual tão violentada pela cultura da cidade.

É possível refletirmos se aquilo que a população serra-talhadense chama de “zelo cultural”, na verdade não é um comportamento homofóbico, é a macheza na fala, nos discursos, conforme afirma Ferreira Júnior e Santos (2024, p. 6).

A “parada gay¹⁵” aconteceu, mas houve uma série de restrições¹⁶, fruto de uma cultura machista, conservadora e religiosa. Aquilo que chamamos de liberdade de expressão perdeu força sob um argumento cultural e religioso. Afirma Ferreira Júnior e Santos (2024, p. 7) que o acordo para que a parada acontecesse foi realizado frente às autoridades judiciária e envolveu também a igreja católica que não permitiu que houvesse beijos entre indivíduos homoafetivos

¹⁵ Deixei o ter parada gay para preservar culturalmente o termo que era usado na época para se referir ao que homem conhecemos como parada da diversidade. Ainda hoje, para aqueles que não são do movimento LGBTQ+, conhecem e pronunciam esse movimento por parada gay.

¹⁶ Essas restrições incluíam não permitir beijos de casais homoafetivos em cima do trio elétrico e de não passar na frente da Igreja Católica, que fica em frente à Praça Sérgio Magalhães, onde foi montado um palco para o desfecho do desfile.

no trio elétrico durante a movimentação e tampouco passasse em frente à Igreja Católica da Matriz, sob argumento de que isso influenciariam “as crianças”, conforme expõe Ferreira Júnior e Santos (2024, p. 7).

De acordo com Ferreira Júnior e Santos (2024, p. 10), após o episódio dos canga-gays foi elaborado um projeto de lei

“que faz das vestimentas e acessórios tidos como usados pelos cangaceiros patrimônio cultural e histórico de Serra Talhada e, torna crime contra o patrimônio público seu uso de forma pejorativa, que vise denegrir ou ridicularizar os elementos culturais e históricos do cangaço, como afirma terem feitos os membros do Canga-gay.” (Santos, 2024, p. 10),

Esse projeto de lei virou a Lei nº 1249/2009 e torna terminantemente proibida o uso das vestimentas cor de rosa utilizadas pelos membros do Canga-Gay, essa lei tem sido utilizada não só para coibir práticas como a do Canga-Gay, mas também de outros movimentos de militância LGBT+ na cidade. A resistência cultural conservadora guardava por detrás um discurso violento, inclusive, após o movimento político da parada gay, organizadores da parada sofreram atentados contra suas vidas, legitimando ainda mais a intocabilidade da honra do “cabra macho”, de um enraizamento cultural do patriarcado e da religião.

Esse episódio demonstra que um homem *gay* no interior sertanejo de Pernambuco sofre as pressões sociais a se conformar um padrão de masculinidade viril, uma personificação do “cabra macho”. Nesse contexto me localizo não só enquanto pesquisador, mas como um homem *gay* afeminado que precisou encarar de frente o preconceito e discriminação não só nos espaços públicos e reais, mas em espaços de sociabilidades virtuais. Já sofri perseguição, violências verbais, nunca físicas, mas o receio de que isso aconteça é real e cotidiano.

Lembro-me dos primeiros dias que cheguei em Recife para cursar o mestrado, pedi a um amigo uma carona para casa e ele gentilmente se dispôs. Durante nossa conversa, nosso primeiro momento junto, ele me questionou como é ser um homem *gay* e um homem *gay* afeminado no sertão pernambucano. Respirei um pouco antes de falar, pois mesmo que a pergunta esteja “na ponta da língua”, nossos traumas e gatilhos vêm à tona como uma bola de neve ou fogo. A resposta foi que é bem complicado ser um homem *gay* no sertão, em virtude de todo o preconceito e discriminação que parecem brotar como uma praga no solo, mas que criamos estratégias de sobrevivência por meio de movimentos e coletivos, por exemplo, o Movimento Diverso, criado com essa finalidade.

Nossos encontros normalmente acontecem em bando e raramente andamos só, temos uma rede apoio bem estruturada, mas ainda sim encontramos problemas constantes em

expressar o que somos. Não nos aproximamos nem um pouco da normalidade, embora tenham pessoas que nos achem muito parecidos com pessoas normais. Estamos sempre indo na contramão de tudo que querem nos impor e esperam que sejamos.

Nesse contexto, cabe uma discussão sobre a geografia desse espaço para nos localizarmos na discussão sobre a influência sertaneja regional nas relações afetivo-sexual dos indivíduos que aqui estão inseridos. Dessa forma, Albuquerque Júnior (2011, p. 35) vai dizer que

Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza. (Albuquerque Júnior, 2011, p. 35).

Compreender o Nordeste é compreender também a sua construção a partir de uma invenção imagético-discursiva, isto é, toda a imagem que foi criada não só da região, mas também do seu povo. Um povo que tem como característica o sofrimento, a virilidade e o patriarcado enraizados em sua veia.

De acordo com Albuquerque Júnior (2013, p. 137), até as primeiras décadas do século XX, o tipo regional nordestino não existia. “O Nordeste é então inventado como espaço regional” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 138). Nesse sentido, o regionalismo adentra as formas políticas no Brasil, de se pensar a realidade e contar sua própria história, cultura e arte, através do que até hoje se conhece como consciência regional e formas regionais de expressão de cultura, juntamente com a cultura nordestina, o movimento regionalista e tradicionalista começa a traçar características (personalidade e fisionomia) que hoje são intrínsecas aos indivíduos que vivem nessa região.

Albuquerque Júnior (2013, p. 137) afirma que era preciso educar o gosto da população, para que, em vez de admirar tudo que era estrangeiro, gostasse do que era regionalmente nosso.

Era preciso que a “matutinha sonhadora do interior deixasse de se entusiasmar pelos heróis do faroeste americano e visse que a seu lado Zé Vaqueiro era capaz de inúmeras proezas, que ela desvalorizava por conviver com elas cotidianamente, e sem recorrer aos truques do cinema americano”. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 145).

É a partir desse molde de pensamento e estrutura de uma sociedade em construção que a identidade do homem nordestino começa a ser construída e articulada. O movimento regionalista e tradicionalista, por sua vez, investe na construção desse homem tradicional rural, patriarcal.

O movimento regionalista e tradicionalista no Brasil, especialmente no Nordeste, buscava valorizar a cultura local, idealizando a figura do homem nordestino como um modelo rural, patriarcal e resistente. Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-Grande & Senzala* (1933), foi central nesse processo, ao promover a ideia de uma identidade nordestina marcada pela convivência entre brancos, negros e os povos indígenas, mas também ao reforçar a visão de um modelo de sociedade tradicional e conservadora, com forte ênfase na figura do homem patriarcal e rural.

De acordo com Albuquerque Júnior (2013, p. 150), na transição temporal secular, para o movimento regionalista e tradicionalista, parecia que o patriarcado estava sendo substituído pelo matriarcado. É nesse momento que há a necessidade de definir o homem nordestino como aquele que vai na contramão do mundo moderno, que rejeita as superficialidades. É um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. “O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação da passividade e subserviência em que se encontrava.” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150).

Albuquerque Júnior (2013, p. 150) afirma que

“[...] o nordestino é inventado como um tipo regional, como uma figura que seria capaz de se contrapor às transformações históricas em curso, desde o começo do século, que eram vistas como “feminizadoras” da sociedade e que levavam a região ao declínio. Faltava à região o resgate de um modelo de masculinidade e virilidade que, no passado, teria garantido a predominância econômica e política desta área, no país. Era preciso resgatar o patriarcalismo, não apenas como modelo familiar e de relação entre os “sexos”, mas também como ordem social. O Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar a virilidade, um homem capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização, a República haviam trazido. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150).

É dessa forma que o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, um macho por excelência, a encarnação do falo. Essa imagem e cultura são ainda perpetuadas na sociedade contemporânea, um homem viril, macho e ligado ao passado, à “honra”, sobretudo, nas regiões interioranas, de costumes enraizados e conservadores.

Essa construção do homem nordestino como sendo esse “macho”, gerou sérias consequências que hoje tentamos combater. A valentia junto com a virilidade desse homem legitimou diversos tipos de violência social, uma delas entre os gêneros, conforme explica Albuquerque Júnior (2013, p. 178). O autor diz que basta percorrer as páginas do Diário de Pernambuco do começo do século XX para que tenhamos acesso à diversos casos de violência

envolvendo homens e mulheres. Esse comportamento agressivo parece estar ligado à honra pessoal de homens, isto é, sua honra não podia e não pode até hoje ser atacada nem por outro homem, nem por sua mulher.

Ser efeminado, nessa época, estava ligado ao fato de outros homens não praticarem exercícios (homens nobres), por não terem uma vida rústica. Podemos, a partir disso, dizer que existem tipos de homens nordestinos, mas aqui vamos nos ater ao sertanejo. De acordo com Albuquerque Júnior (2013, p. 186), “os sertanejos são habitantes do sertão das caatingas, de clima semiárido, produto do caldeamento do branco com o índio, ligado à ocupação do interior e à atividade pecuária.

O autor afirma que esse sertanejo é “uma reserva de virilidade, macheza, bravura, capacidade de luta, de enfrentamento, de energia para as batalhas que o espaço regional parecia carecer, o sertanejo era um valente, um brigão, em defesa da honra e do bem.” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 191).

Discursos que envolvem a construção do homem sertanejo naturalizam e legitimam os papéis de gênero e justificam a dominação masculina. Nessa segregação, mulheres estariam destinadas aos afazeres domésticos e os cuidados com as crianças, enquanto o homem dominava o mundo político e estaria na rua, nos espaços públicos.

Trazendo para nosso contexto atual, esse modelo de masculinidade fomentado pela construção do “homem macho”, “cabra de Lampião” é refletido não só na “vida real”, mas também em aplicativos de relacionamento. A partir dos relatos dos entrevistados, foi possível identificar a busca por aproximar as relações entre homens *gays* das relações heterossexuais, ou até mesmo de reprimir outros usuários com o discurso de “seja gay, só não seja afeminado”, uma tentativa de combater a “feminização do passado”. Muitas das vezes esses discursos se transformam em receio até de andar de mãos dadas em cidades interioranas, mais especificamente no sertão pernambucano, como é o caso do relato de R ao lhe ser perguntado se ele acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens.

R: Muito, muito, muito! Tanto que até hoje... tipo, eu sou de[cidade], até hoje eu nunca saí com ninguém lá, entendeu? Por ser minha cidade natal, uma cidade pequena, onde todo mundo se conhece. Eu sou do sítio? Sou! Mas eu fiz o ensino médio numa escola de tempo integral na cidade. Eu não me sinto à vontade em [cidade], também nunca surgiu um convite, um convite que valesse a pena tentar. Em Serra eu consigo sair normalmente, mas eu tenho muito receio de andar de mãos dadas. Vem uma pessoa, daí eu peço para a pessoa soltar minha mão um pouco. Eu tava num estabelecimento aqui para não citar nomes, e tava no encontro com um menino e aí a gente recebeu

olhares bem indesejáveis, sabe? Não soltaram nenhuma verbalização, nenhum preconceito e discriminação verbal, mas o julgamento... que a gente tava de mãos dadas na mesa, um do lado do outro e conversando, aí eu que percebi que atrás dele, né? Uma família e o pai da família ficava olhando pra gente direto.

A maioria dos entrevistados, ainda que estejam vivenciando a cultura sertaneja momentaneamente, sinalizou que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens, na maioria das respostas, essa interferência se dá de forma negativa.

Os traços desse conservadorismo e tradicionalismo, impostos pelo movimento regionalista de interiorização cultural, de dizer o que é ser um homem sertanejo e como ele deve agir diante da sociedade refletiram diretamente nas dinâmicas de sociabilidades. O sertão pernambucano, por exemplo, é caracterizado, em diversos aspectos, por ser “atrasado”, isto é, em relação às regiões metropolitanas e com uma densidade populacional maior, esse sertão está bem atrás. Isso reflete nos indivíduos que aqui estão localizados, uma vez que esse “atraso” é uma marca acentuada da perpetuação do conservadorismo e ainda mais do patriarcalismo, onde a honra não pode ser desrespeitada e o homem continua carregando traços de rusticidade e virilidade, indivíduos muitas vezes chamados de “mente fechada”, como fica claro na fala do participante da pesquisa Pass c/l.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Pass c/l: Sim, porque pelos interiores tem muito julgamento e a maioria da mentalidade do pessoal é muito pequena, muito fechada e acaba atrapalhando isso porque às vezes a gente pode ter sim um relacionamento, mas pelo fato de ser o interior e ter esse julgamento a gente acaba reprimindo, aí fica só por sexo mesmo.

Esses comportamentos patriarcais (figura paterna e do homem másculo como centro das relações familiares) são ainda mantidos e reproduzidos, transportados e passados para a vivência desses usuários, um reflexo negativo para as dinâmicas de sociabilidades não só em aplicativos, mas também na vida real. A partir da fala do Pass c/l é possível perceber essa influência familiar conservadora, sobretudo moldada a partir de uma cultura do que se deve ou não fazer na sociedade, com quem se deve ou não se relacionar.

Pesquisador: Ao que você atribui não se relacionar com pessoas afeminadas?

Pass c/l: Talvez seja algo de infância em questão de retrato de relato familiar, porque minha mãe sempre pregava isso "você pode ser gay, mas você não precisa ser afeminado nem tá demonstrando para o povo", tá entendendo? Aí eu acho que isso realmente isso, esse paradoxo que ela colocou na minha cabeça que em relação a isso, que tipo, você pode ser gay, mas não precisa estar demonstrando, e na cabeça dela era como se fosse assim, você é gay, você é discreto, isso é bonito para você, é bonito para a família, é bonito para a sociedade.

Pesquisador: E aí você leva isso para suas relações.

Pass c/l: Eu levo, eu levo isso para minhas relações. 90% das minhas relações são com pessoas discretas e quanto aos 10% que não são discretos, são totalmente.... como pode dizer... não dão pintas que eu falo, trejeitos de afeminados e tal.

É possível, nesse contexto, dizer que a localização geográfica tem uma influência significativa na forma como esses indivíduos se relacionam online e offline, afetivo e sexualmente com outros indivíduos, especialmente e áreas do interior pernambucano, que marca o recorte geográfico desta pesquisa. Existem alguns fatores que influenciam nessas dinâmicas, no relato anterior, é possível se perceber uma pressão social e familiar, que se desdobra entre: visibilidade e expectativas familiares.

Partindo desse contexto cultural em que estamos inseridos, a visibilidade é essa necessidade se manter uma imagem socialmente aceitável, isto significa manter uma maior privacidade nas relações, em virtude de a cidade ser pequena e conhecermos “todo mundo”. Se expor, dessa forma, pode acarretar consequências sociais graves como “ficar mal falado” ou até mesmo ser violentado, de modo que o comportamento desses indivíduos tende a ser mais reservado ou discreto, portanto, não queiram se relacionar com uma pessoa assumida e/ou afeminada, tampouco performar uma feminilidade. Isso gera diversas consequências em relação à saúde mental desses indivíduos, pois sentimentos de exclusão e rejeição das dinâmicas de sociabilidades são tão graves quanto violências corpóreas e físicas.

O sigilo nessas relações é algo que está diretamente relacionado à visibilidade social e o que se espera de um “homem macho” nas cidades interioranas, mais especificamente no sertão. É possível, ainda, perceber os reflexos da manutenção do conservadorismo cultural em Serra Talhada a partir do que expõe o participante da pesquisa 19cm.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

19cm: Tem, tem muito peso!

Pesquisador: Isso dificulta ou facilita?

19cm: Depende muito do contexto, por exemplo, eu tenho muita mais facilidade de arrumar um homem casado para me relacionar do que com uma bicha, porque para eles, eles só querem sexo e não importa com o que tá vindo, tá ligado? Então é muito mais fácil, agora com as gays, eu acho que com a maneira que a gente cresce aqui no sertão, tipo, daquela ter crescido no meio de uma certa forma másculo, machista, viril e patriarcal, aí de trabalhar na roça, toda aquela coisa do homem ser mais bruto, eu acho que acaba dificultando sim, tendo essa certa dificuldade entre as relações homossexuais, porque a gente pega, por exemplo, as capitais, a gente vê muito uma certa facilidade entre as bichas afeminadas se pegarem, até mesmo com outros tipos de pessoas, já que no Sertão não, tem essa maior dificuldade, esse certo preconceito com quem é afeminada, porque não ver nela a capacidade lhe dar tesão ou de se atrair naquele corpo, por mais que seja um corpo belo. As pessoas por serem afeminadas não querem se relacionar com elas, preferem excluir e deixar quieto, deixar de lado só por ser afeminada. Essa questão de viver no sertão realmente dificulta muito. Essa temática não é algo que é discutida com uma certa frequência e quando é as pessoas levam na brincadeira, não é pautado.

Já as expectativas familiares são geralmente mais intensas em comunidades menores e podem restringir a liberdade individual em termos de expressões sexuais e relacionamentos. Na fala do entrevistado GhostFace, por exemplo, é possível identificar uma expectativa familiar, sobretudo em função da ausência da figura paterna nessa relação. Embora também afirme que os homens *gays* vivem em grupo no interior e isso dificulta essas interações.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

GhostFace: Com certeza. Eu acho que aqui no interior, né? Porque eu sou de outro interior, eu não sou daqui eu nasci em [cidade], cresci em [cidade] e vim morar em Serra e eu percebo que, no interior rola muito um... não sei se é um tipo de despeito entre os gays, mas é como se todos os gays aqui fossem inimigos, né? A gente se reúne em grupos e os grupos parecem ser territorialistas, eu não sei explicar, mas é como se um grupo fosse inimigo declarado do outro, quando se encontra na rua é um clima de tensão, é uma um mal-estar e eu acho que interfere muito isso na relação dos aplicativos, né? Sei lá, às vezes você tá lá, manda uma foto para o cara e aquele cara já te dá um "block" porque aquele cara já é de outro grupo como se fosse uma facção vizinha, eu acho que é tenebroso. Eu não sei se é uma percepção minha ou se é uma percepção geral, mas eu tendo a ter essa percepção das relações daqui.

Pesquisador: Em termos de machismo e do patriarcado? Você acredita que exista a manutenção dessa cultura em cidades do interior?

GhostFace: Sim, inclusive, nas minhas preferências, características talvez tenha enraizado o machismo e o patriarcado, eu atribuo muito também a uma ausência paterna que eu tive, talvez eu procure me relacionar com pessoas que expressem mais o masculino por ter tido essa ausência, mas aí são questões que eu preciso tratar em terapia e descobrir lá, mas eu, um dia eu pretendo descobrir o porquê de repelir tanto o feminino e de querer tanto me aproximar do viril.

Essa influência regional e cultural na forma como esses indivíduos se relaciona nem sempre é encarada como uma forma de violência pelos próprios indivíduos que são acometidos e afetados. A cultura do machismo e do patriarcado é tão presente nesses espaços e nessa região que se torna comum normalizar essas agressões em função de transgressões de indivíduos que não se enquadram nessas normas impostas do “homem macho” ou da “mulher macho”. Isso fica evidente a partir da fala de H discreto. O participante afirma que a violência no interior está relacionada à perda de oportunidade de trabalho, por exemplo, por performar uma feminilidade, mas não relaciona a cultura conservadora as questões de violência contra corpos afeminados, nem em aplicativos, nem na vida real.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

H discreto: Não, acredito que não. Não exatamente violência, mas na questão do preconceito em si, de perder a oportunidade de trabalho, de perder oportunidades que ela sonhe, aí sim nesse sentido, mas não questão de violência... violência também, mas não exatamente.

Se compararmos culturalmente a forma como esses indivíduos se relacionam online e offline no interior e a forma como eles se relacionam em regiões com uma densidade populacional maior, além dos espaços de sociabilidades proporcionarem uma diversidade, veremos que existem uma diferença fundamentalmente importante para compreendermos essas dinâmicas de sociabilidades no sertão pernambucano. Nesse sentido, é possível, através da fala de Almeidinha identificarmos alguns marcadores.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Almeidinha: Tem bastante, porque se a gente for para uma cidade grande, por exemplo, Recife, Petrolina, São Paulo, tem aquela diversidade de homens gays e também tem aquele aquela quantidade de homens mais, então tipo, aqui em Serra Talhada principalmente por ser uma cidade pequena e que todo mundo ou já pegou ou vai se pegar, como fica uma coisa repetida os homens acabam por não quererem repetir e eles também não querem pegar aqueles afeminados, não querem pegar aquele aqueles homens gays que têm trejeitos e é o que mais aqui em Serra tem e é muito difícil para quem quer ter uma relação sexual. Isso faz parte da cultura da cidade porque não é uma coisa que acontece só agora em 2024, já vem acontecendo há muitos e muitos tempos, eu, por exemplo, quando eu fui em Recife eu tive aquele plural de homens, tinha homens para dar e vender que me queriam, aqui em Serra é muito difícil, porque aqui em Serra eles não curtem afeminados, não curtem gordos, tem

que ser aquele jeitinho todo malhadinho, padrão, e já em Recife eles não estão nem aí, eles só estão a fim de fazer sexo e pronto.

A densidade populacional em cidades menores gera uma limitação também no número de pessoas que utilizam esses aplicativos, consequentemente diminuindo as interações com um quantitativo maior de pessoas. Esse é um dos fatores que dificulta as dinâmicas de interações entre homens *gays* nos aplicativos. A outra problemática, como já citado, é a expressão “todos se conhecem”. Existe, dessa forma, uma necessidade de se manter um sigilo maior, o que influencia significativamente na maneira como esses indivíduos interagem e se encontram, nem sempre essa influência é positiva, sendo na maioria das vezes experiências negativas, conforme expõem os participantes da pesquisa.

Outro fator identificado na fala de Paulista Dom é a questão da distância e dificuldade no deslocamento. Esse é um ponto negativo para o participante. A distância entre uma cidade e outra, até mesmo a distância entre a zona urbana e a zona rural tem sido apontada como uma característica que influencia nas dinâmicas de sociabilidade entre homens *gays* negativamente. É uma região onde o transporte público ainda é limitado, mas que aos poucos vem se modernizado.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Paulista Dom: Eu acredito que há sim, porque tem duas questões: a primeira questão é a distância. Os aplicativos revelam pessoas de locais de cidades próximas, e aí tem a questão da falta de transporte, a falta principalmente de transporte público, isso daí seria interessante que essas cidades tivessem, para que as pessoas pudessem se relacionar. A outra questão é, por ser uma cidade não tão grande, uma cidade pequena, as pessoas se conhecem como uma facilidade maior, então, muita gente tem essa questão de se travar um pouco para se relacionar com um certo receio de sair na rua e ser conhecido, tanto que eu já percebi que é muito comum o pessoal colocar ou no nome do perfil ou na descrição: sigilo, sigiloso, sigiloso com local, discreto. Isso daí é uma coisa muito comum.

Diante disso, é possível dizer que nos aplicativos de relacionamento, homens afeminados enfrentam discriminação direta, como ser ignorados, receber comentários ofensivos ou ser explicitamente rejeitados por não se encaixarem nas expectativas de masculinidade predominante, além de ter que lidar diariamente com dificuldades morais e estruturais do espaço geográfico em que estão inseridos.

Em contextos interioranos, onde a diversidade de parceiros é menor e as normas sociais mais rígidas, essa discriminação pode ser ainda mais comum e acentuada. Muitos usuários

podem preferir manter suas interações e preferências mais discretas, evitando qualquer associação com comportamentos afeminados, além de rejeitarem que performam essa feminidade. Essa rejeição vem de forma violenta e por meio de discursos excludentes (que vêm em forma de “questão de gosto”), um discurso legitimado pelo conservadorismo, pelo patriarcalismo e pela masculinidade hegemônica imposta culturalmente.

Esses homens que têm medo de serem vistos como "afeminados" podem optar por suprimir esses aspectos de sua personalidade em plataformas de relacionamento, adotando comportamentos mais masculinizados para evitar a afeminofobia. Isso pode criar uma pressão interna significativamente negativa para esses indivíduos.

A afeminofobia pode levar esses indivíduos violentados ao isolamento social, baixa autoestima e sentimentos de inadequação. Em contextos regionais específicos, onde essa aceitação é limitada, esses indivíduos podem enfrentar dificuldades significativas em encontrar apoio e comunidades onde possam ser eles mesmos.

O constante esforço para esconder aspectos de sua identidade para evitar discriminação pode levar a estresse crônico, ansiedade e depressão, especialmente em ambientes onde a aceitação é escassa. Dessa forma, faz-se necessário continuar fomentando esse debate e buscar ao máximo mitigar tais violências, para tanto, é fundamentalmente importante compreender essas dinâmicas de sociabilidades e demarcar um espaço segura para esses indivíduos.

5.1 Fica a dica: traçando estratégias de sobrevivência nos aplicativos de relacionamento

Nossa última categoria de análise versará, de forma explanatória, sobre sugestões importantes de sobrevivência nos aplicativos de relacionamentos dadas por cada participante da pesquisa. O intuito aqui é identificar como cada entrevistado vislumbra possíveis estratégias para que outras pessoas que queiram utilizar esses apps possam adentrar nesses espaços.

Para isso, utilizaremos como unidade de registro os conselhos e estratégias apontadas pelos nove entrevistados de forma descritiva. Utilizamos dicas e *insights* pessoais de cada participante da pesquisa. Podemos, dessa forma, interpretar tais dicas a partir da sintetização desses conselhos e reflexões para entender melhor as estratégias de navegação nos aplicativos, visto que os *apps* de relacionamento por geolocalização exigem que, homens *gays* e/ou homens *gays* afeminados tracem lógicas de interativas e dinâmicas de sociabilidades do desejo nesses espaços.

Esta categoria de análise foi pensada a partir da seguinte pergunta: você poderia dar uma dica para quem quer usar os *apps*? Diante disso, estruturamos as falas de acordo com a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Sigiloso ST: Não se expor muito... por conta que praticamente no Grindr é... já teve vezes de fazerem fake com minha foto e tudo, então é só não expor muito, ter cuidado com quem conversar que, tem muita gente lá, ainda mais pessoas fantasmas que você não vê foto, é só para não se expor tipo no Grindr e não Tinder é filtrar, tipo assim, distância, filtrar a idade que ajuda bastante na nuvem pessoas indesejáveis... e também colocar informações úteis, tipo, no Tinder e no Grindr, informações que ajudem você a não deixar seu perfil sem nada, sabe? É bom colocar informações.

O entrevistado fala sobre a necessidade de não se expor muito em aplicativos como Grindr e Tinder. Ele menciona que já teve experiências negativas, como perfis falsos usando suas fotos. Para evitar problemas, ele sugere filtrar usuários pela distância e idade, além de preencher o perfil com informações úteis. Sua fala destaca a importância da cautela e da privacidade ao utilizar essas plataformas.

R: Não se coloque por trás da máscara que não pertence a você, porque uma hora ela cai e você não vai valer a pena. Quanto mais cedo a pessoa que não tá a fim de você ir embora, melhor.

R aconselha a não esconder a própria identidade verdadeira, pois, eventualmente, a "máscara" cairá. Ele enfatiza que é melhor que pessoas desinteressadas se afastem cedo. Sua fala sugere autenticidade e honestidade como formas de proteger a si mesmo e evitar decepções.

Paulista Dom: É muito importante quem tá iniciando o aplicativo saber com quem está se relacionando, saber as propostas ideais da outra pessoa, deixar sempre um amigo avisado para quando você vai encontrar uma pessoa, manter a localização ativa e prestar muita atenção em relação aos interesses da pessoas, se são práticas sexuais, se é interesse na pessoa em si e, acima de tudo, não aceitar nenhum tipo de abuso, nenhum tipo de assédio, nenhum tipo de violência, porque isso daí é uma coisa que é um pouco comum dentro da rede social, afinal de contas, ninguém conhece ninguém ali e a partir do momento que você aceita a primeira vez você se torna passivo a aceitar uma segunda, uma terceira, uma quarta e essa situação ir aprofundando e se tornar uma bola de neve que não tem como sair depois, então acho que todo cuidado não é pouco, todo cuidado é necessário, principalmente porque é a nossa segurança e a nossa saúde que está em risco ali.

O entrevistado reforça a importância de conhecer bem a pessoa com quem se está interagindo no aplicativo. Ele sugere sempre avisar um amigo sobre encontros, manter a localização ativa e estar atento aos interesses do outro, especialmente em relação a práticas

sexuais e possíveis abusos. Sua fala sublinha a necessidade de segurança e de não tolerar comportamentos abusivos.

Pass c/l: Sim! Sejam o mais explícito possível, não por forma de tipo, ah querer machucar alguém, mas para tipo já deixar claro e não perder tempo, nem você nem a outra pessoa e nem correr o risco de machucar os sentimentos da outra pessoa.

Pass c/l sugere ser explícito sobre as intenções para evitar perder tempo e para proteger os sentimentos das pessoas envolvidas. Ele destaca a clareza e a honestidade como estratégias para uma interação eficiente e respeitosa.

Novinho c/l: Se for só para só curtir, conversar, arrumar alguma coisa, tipo, sexo, eu acho que seria uma boa, mas em questão de namoro eu acho que não rolaria porque é muito difícil.

O entrevistado acredita que os aplicativos são bons para curtir e ter encontros casuais, mas não para namorar, pois acha difícil encontrar um relacionamento sério nessas plataformas. Sua fala reflete uma visão pragmática sobre o uso dos aplicativos para diferentes fins.

H discreto: A minha dica é a seguinte: se você utiliza o aplicativo almejando encontrar alguém que você queira se relacionar, queira um relacionamento intenso, a minha dica é que procure em outro ambiente, porque o aplicativo hoje em dia ele tá muito banal, né? É uma ferramenta que é utilizada apenas para o sexo, porque pelas histórias, a pessoa percebe que uma a cada dez relações acontecem, né? Relações intensas, então é uma ferramenta que eu acredito que ela não é viável para esse fim.

H discreto aconselha procurar relacionamentos intensos fora dos aplicativos, pois os vê como ferramentas mais voltadas para encontros sexuais casuais. Ele expressa ceticismo quanto à viabilidade de usar esses aplicativos para relações profundas e duradouras.

GhostFace: (Risos)... a dica que eu dou é que não use. Tente... sei lá as relações elas estão muito líquidas ultimamente e eu acho que é... depende do objetivo, sabe? Se você quer só transar vai para o Grindr, se você tá a fim de conhecer gente legal, eu acho que tem como conhecer de outras formas sem ser no aplicativo, sabe? Às vezes você sair, você passa a frequentar mais ambientes e enfim tá mais presente em mais de rolês conviver com mais pessoas. Eu acho que é uma forma muito mais segura de se conectar com pessoas do que pelo aplicativo, porque a internet ela vende uma coisa que não existe, né? A venda da imagem perfeita a gente encontra na internet e eu acho que as relações elas precisam ser muito mais verdadeiras do que... do que visuais e estéticas, né? E acho que é muito, muito mais prazeroso você conhecer uma pessoa sei lá, você conheceu um amigo de um amigo que você se identificou e aí rolou alguma coisa é melhor do que você procurar no Tinder ou no Grindr.

GhostFace sugere não usar os aplicativos, argumentando que as relações se tornaram muito líquidas e que é melhor conhecer pessoas em ambientes físicos, onde as conexões podem ser mais autênticas. Ele critica a superficialidade das interações online e valoriza relações mais genuínas e verdadeiras.

Almeidinha: Só entre no Grindr se você tiver realmente vontade de transar e saiba que você ali vai encontrar pessoas fakes, vai encontrar pessoas que só querem padrão, então quando você for rejeitado não pense que é sobre você, às vezes você não tá no padrão que a pessoa quer, igualmente se uma pessoa que não tivesse seu padrão e fosse dar em cima de você, você também ia bloquear ou então ia achar ruim, só entre ali no aplicativo se você tiver a cabeça aberta para entender que ali existem vários tipos e se você não tá no tipo da pessoa... parte da outra!

Almeidinha recomenda usar o Grindr apenas para encontros sexuais e estar preparado para encontrar perfis falsos e pessoas com preferências específicas. Ele alerta para não levar a rejeição de forma pessoal e entender que muitas vezes isso se deve a padrões de preferência dos outros usuários.

19cm: Use, entre só quando realmente tiver com muito tesão, por exemplo, de vez em quando eu entrava só para olhar o que tinha, zero interesse em transar nem nada, mas entrava só para olhar o que tinha de interessante pra talvez surgir algum interesse. No entanto, quem for usar entre para usar realmente só algo casual, não busque relações amorosas... de vez em quando aparece um ou outro que dá certo, mas não vá na expectativa que vai ser sempre isso. As pessoas são ríspidas lá, não têm consideração nenhuma pelo que tá conversando com outra pessoa, não entende que aquilo ali é outra pessoa do outro lado, então vai falar o que vier na telha e é isso. Não espere que as pessoas sejam empáticas no aplicativo, vá com o mesmo intuito: sexo, sexo, sexo e acabou.

O entrevistado sugere usar os aplicativos apenas para sexo casual e não para buscar relacionamentos amorosos. Ele destaca a falta de empatia e consideração nas interações e aconselha os usuários a terem expectativas realistas sobre o que podem encontrar nesses espaços.

A análise das falas dos entrevistados revela uma série de estratégias e preocupações comuns entre os usuários de aplicativos de relacionamento, especialmente entre homens gays sertanejos de Serra Talhada - PE. Há uma ênfase significativa na necessidade de cautela e privacidade, destacada por Sigiloso ST e Paulista Dom, que recomendam filtrar interações e avisar amigos sobre encontros para garantir a segurança. A autenticidade e a honestidade também são temas recorrentes, com R e Pass c/l incentivando os usuários a serem claros sobre suas intenções e a não esconderem sua verdadeira identidade.

Por outro lado, há um ceticismo generalizado sobre a possibilidade de encontrar relacionamentos sérios nesses aplicativos, como expressado por H discreto e Novinho c/l. GhostFace critica a superficialidade das interações online e sugere formas alternativas de conhecer pessoas. Além disso, Almeidinha e 19cm enfatizam a prevalência de perfis falsos e a natureza efêmera dos encontros nesses aplicativos, aconselhando os usuários a não levarem a rejeição para o lado pessoal e a focarem em encontros casuais.

Essas falas destacam uma tensão entre os desejos de conexão e as realidades muitas vezes frustrantes e desumanizantes das interações nesses espaços virtuais. Os entrevistados expressam uma necessidade de se protegerem emocionalmente e fisicamente enquanto navegam por essas plataformas, revelando um panorama complexo de expectativas e experiências nos aplicativos de relacionamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NÃO VEJO A HORA DE DESINSTALAR OS APPS”

Finalizar esta dissertação requer um esforço imensurável, uma vez que esta temática é tão subjetiva que é impossível esgotar essa discussão somente a partir de tudo que lemos e analisamos ao longo da pesquisa. Nesse sentido, o nosso trabalho aqui foi o de refletir sobre como se dá o processo de interação entre homens gays sertanejos localizados na cidade de Serra Talhada – PE, no intuito de compreender as dinâmicas de sociabilidades a partir da **afeminofobia**.

Utilizamos os discursos de cada participante da pesquisa para fomentar nossas discussões num cruzamento bem-sucedido com estudos consolidados sobre homossexualidade e masculinidades, bem como esse olhar tão particular e singelo sobre o nosso recorte geográfico. Investigar essas interações em aplicativos tão dinâmicos a partir da vivência não só como usuário dessas plataformas, mas também a partir do eu-pesquisador enriquece ainda mais essa discussão, pois ser “bicha”, ser um homem *gay* afeminado que utiliza esses espaços virtuais para dinâmicas de sociabilidades nunca foi simples, e poder falar de onde eu venho e o que pretendo alcançar com esta pesquisa é um privilégio.

Precisamos compreender que os aplicativos de relacionamentos por geolocalização exerce uma relação mútua com os aspectos sócios-culturais de uma determinada região. Isso porque eles refletem e são passíveis de influência de um determinado contexto cultural. Portanto, compreender marcadores como o patriarcado, o machismo e a masculinidade hegemônica são fundamentalmente importantes para entender como esses homens *gays* interagem e se relacionam também nos espaços virtuais, e não só na vida real.

Dessa forma, é possível compreender como a afeminofobia e como a cultura de uma determinada região legitimam discursos que violentam e excluem corpos subversivos camuflando essas falas de “zelo cultural” e do outro lado “questão de gosto”. É ainda possível perceber a influência da igreja e tantas outras instituições frente a uma temática tão sensível e privada.

A partir das falas dos entrevistados pudemos definir quais marcadores serviriam para definir nossas categorias de análises. Dessa forma, fizemos uma apresentação desses participantes da pesquisa a partir dos dados sociodemográficos (primeiro capítulo), no segundo capítulo trabalhamos com duas categorias de análises que correspondem ao perfil desejado e procurado por esses entrevistados e as dinâmicas do comportamento sexual desses usuários.

Refletimos sobre os impactos desses aplicativos na vida afetivo e sexual dos entrevistados, as experiências de violências e as vivências sertanejas a partir das relações

homodesejantes. O que chamamos de “fica a dica”, foi retirado das falas dos entrevistados como forma de traçar estratégias de sobrevivência nos aplicativos de relacionamentos, aconselhando outros usuários como se pisa em um terreno fértil, mas de areia movediça.

Observamos que existe uma naturalização dessas dinâmicas violentas a partir da cultura do patriarcado, do machismo e das masculinidades hegemônicas, que isso é adoeceador para os entrevistados. A despeito do desejo que não frequentar esses espaços, das reclamações, esses usuários continuam pisando nesse campo minado. O perfil procurado e desejado é sempre o perfil do macho hétero, “dotado¹⁷”, embora alguns entrevistados não tenham problema em se relacionar com homens *gays* afeminados, “parrudos¹⁸”, existindo, porquanto, nesse último caso uma flexibilização dessas dinâmicas de sociabilidades.

A partir da revisão da literatura sobre hetero(homo)normatividade, foi possível compreender que esses entrevistados ainda legitimam certas normas de desejo e de procura do homem ideal para se estabelecer interações. São normas tão hegemônicas, muitas vezes inquestionáveis e impositivas que existe um processo de naturalização pelos próprios usuários dessas plataformas virtuais, o que alguns chama de “aplicativos de caça”. Discursos como “é só questão de gosto”, ou “nada contra, só não curto” apesar de vir camuflado a partir de um “zelo cultural” no caso dessas experiências no sertão pernambucano, mais especificamente em Serra Talhada, é perceptível que existe uma tentativa de se desculpar por algo que se internaliza naturalmente, os oprimidos que oprimem e o desejo de ser contemplado por uma norma hegemônica que, ainda que esses homens que reproduzem tais discursos não performem uma feminilidade, jamais os alcançarão.

Na categoria de análise sobre o perfil procurado foi possível perceber uma flexibilização em relação a alguns entrevistados, mas no geral, esses perfis estavam de acordo com normas hegemônicas de raça, classe, corpo e masculinidade. Oliveira Neto (2021) vai dizer que “é ingênuo acreditar que as relações no aplicativo apenas refletem um contexto anterior marcado por essas verdades sobre sexualidade e gênero. As interações digitais atualizam, reformulam, ratificam e promovem novos pressupostos sobre masculinidades, inclusive estão imbricadas no contexto face-a-face.”

¹⁷ Nos aplicativos de relacionamento *gay*, o termo “dotado” é usado para se referir a alguém que possui um pênis de tamanho considerado grande, de acordo com os padrões ou expectativas de alguns indivíduos na comunidade. É uma expressão informal e, em muitos casos, associada à valorização do tamanho do órgão genital como um critério de atratividade sexual. Contudo, vale destacar que esse tipo de termo reflete um estereótipo e não define a totalidade da sexualidade ou das preferências dentro dessa comunidade.

¹⁸ Nesse mesmo contexto, pode-se dizer que “parrudo” geralmente é utilizado para descrever alguém que tem um corpo musculoso, forte e robusto, com um físico atlético ou “cabeludo”. O termo pode ser associado a homens que têm um porte mais avantajado, com músculos definidos, geralmente com aparência de quem pratica atividades físicas de forma regular.

Aproximar os Direitos Humanos das discussões sobre gênero e sexualidade nos espaços virtuais é de suma importância para se combater ou tentar mitigar discursos que excluem e violentam corpos, discursos que subalternizam e colocam esses corpos afeminados em um lugar de abjeção, um lugar de pouco desejo e que o tempo inteiro legitima a figura do macho viril, nesse contexto, empregado pela cultura como o “cabra macho”..

Como forma de mitigar essas violações o *Grindr*, especificamente, fez parceria com a Secretaria LGBT do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. Segundo informações da Agência do Gov/Via MDHC, “Desde a última sexta-feira (15), quem acessa o aplicativo de relacionamentos *Grindr* recebe um alerta: “Não toleramos violência!”. Ao clicar na mensagem, o usuário é direcionado ao anúncio “Se rolar close errado, Disque 100”. A frase é um convite para que as pessoas LGBTQIA+ usuárias do *app* denunciem violações de direitos ao canal do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC)¹⁹.”

Nesse sentido, ficou evidente que esses espaços de sociabilidades são para algumas pessoas, diria para todos, até mesmo os indivíduos que acreditam estar dentro das normas hegemônicas de masculinidade, mas que na verdade não são contemplados por elas. São homens que procuram uma virilidade, mas que não capazes de corresponderem a isso, procuram caras musculosos, mas sequer são.

É válido lembrar que existe uma linha muito tênue entre homofobia e afeminofobia, sobretudo no contexto geográfico em que estamos inseridos. Antes de sermos opressores ao reproduzirmos normas impositivas que se cruzam e definem como devemos agir, nos portar, e ser, precisamos refletir se essas normas nos privilegiam e protegem de determinadas violências sejam nos espaços virtuais, sejam nos espaços físicos.

Encontramos resistência ao adentrar o campo de pesquisa, parecia de fato ser um campo minado, mas minha experiência nos aplicativos me proporcionou saber exatamente onde pisar. Esses espaços de sociabilidades virtuais seguem normas de descrição, segredos e obscuridades. Os participantes só queriam sexo e as interações eram sempre nesse sentido, alguns até sugeriram trocar entrevistas por sexo.

Oliveira Neto (2021) afirma que “apesar de entendermos a máxima: “quanto mais distante do perfil idealizado, menos requisitado e suscetível à violência nas interações o usuário estará”, também é importante dizer que a reflexão que alcançamos é que o processo de se tolher, de performar a figura machista e se manter nela é também bastante adoeecedor; diríamos até

¹⁹ Grindr e Disque 100 firmam parceria inédita de combate à homotransfobia. Disponível em < Grindr e Disque 100 firmam parceria inédita de combate à homotransfobia — Agência Gov > Acesso em 04 dez. 2024.

inalcançável em decorrência do apagamento de características não somente entendidas como femininas, mas humanas.”

Por fim, é compreensível que essas práticas machistas e patriarcais gerem conceitos exclusivos de masculinidades e sejam fomentadas por uma cultura fortemente enraizada e legitimadora de discursos que confrontem normas de gênero e sexualidade, que violentem corpos subversivos e reprimam qualquer forma de desejo divergente dos padrões sociais e culturais impostos.

Nesse sentido, é fundamentalmente importante que sejam fomentadas discussões sobre masculinidades e territorialidades, de modo que possamos problematizar e criar estratégias de mitigação de violências contra corpos afeminados em contextos regionais e mundiais, onde possamos rever conceitos de masculinidades e desconstruir a figura do “cabra macho terra de Lampião”.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAYDOUN, Mahmoud. **Não sou nem curto afeminados: Reflexões viadas sobre a efeminofobia nos apps de pegação**. 1ª edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2020, 156p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- BRAGA, Gibran Texeira. **“Não sou nem curto”**: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2013
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.
- _____. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. Nova York e Londres: Routledge, 1993.
- CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. **Análise de Conteúdo: Uma Metodologia de Pesquisa Qualitativa**. FUCAMP Cadernos, v. 20, p. 98-111, 2021.
- COLOMBO, Sylvia. Argentina recomenda sexo virtual e masturbação para solteiros durante pandemia. **Folha de S.Paulo**. 17 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/argentina-recomenda-sexo-virtual-emasturbacao-para-solteiros-durante-pandemia.shtml>> Acesso em: 30 mai. 2024.
- CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Gender & Society, v. 19, n. 6, p. 829-859, Dec. 2005.
- CORRÊA, Júlia Antônia Maués; CRUZ, Marcos. Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e(m) aplicativos de pegação. **Revista Heterotópica**, v. 1, n. 2, p. 108-135, 2019.
- COSTA, R. S. **O que procura?** A digitalização do desejo e as performances de masculinidades no aplicativo Grindr. CSONLINE (UFJF), v. 1, p. 188-213, 2021.
- CRUZ, Marcos. Masculinidade e discrição em aplicativo de relacionamento. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 2, n. 2, 2020.
- DIAS, Maria da Graça dos Santos. **A justiça e o imaginário social**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.
- FEITOSA, Cleyton. **Políticas públicas LGBT e construção democrática no Brasil**. – 1 Ed. Curitiba: Appris, 2017.

FERREIRA JÚNIOR, J.; SANTOS, J. F., **Em terra de cangaceiro, a “coragem” de não ser macho**: sexualidade em discussão em Serra Talhada – PE. *REVISTA ABORDAGENS*, v. 5, p. 70-81, 2024.

FRANÇA, Isadora Lins. "Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sexo., Salud Soc.*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 13-39, ago. 2013

FRY, Peter. **Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

_____. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. *In: Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira* (pp. 87-115). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GORISCH, Patrícia. **O reconhecimento dos direitos humanos LGBT**: de Stenowall à ONU. Curitiba: Appris, 2014.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Traduzido por Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. – 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MARACCI-CARDOSO, J. G.; PAZ, B. M.; ROCHA, K. B.; PIZZINATO, A. **Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr**. *Psicologia-Universidade de SP-USP* (Impresso), v. 30, p. 1, 2019.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991

_____. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, Bauru, v. 2, p. 10, 2004. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

_____. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. *In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

Miskolci, R. (2012). **A gramática do armário**: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. *In L. Pelúcio & L. Souza (Orgs.), Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia* (v. 1, pp. 35-55). Marília, SP: Cultura Acadêmica

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por on-line.** – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** 3. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017. – (Série Cadernos da Diversidade; 6).

_____. (2014). **San Francisco e a nova economia do desejo.** *Lua Nova*, (91), 269-295. doi: 10.1590/S0102- 64452014000100010

NONATO, Murillo. **Vivências Afeminadas: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes.** 1ª edição/ Salvador – BA. Editora Devires, 2020.

Oliveira Neto, José Gomes de. **“Onde há viado não há sossego, prefiro os machos”:** construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de *app* de pegação. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2021.

Rocha, Damião. Coelho, Marcos Irondes. **Manda nudes: os crush gays nos aplicativos fast foda de relacionamentos.** REBEH, Vol. 01, N. 04, Out. - Dez., 2018.

SÁEZ, Javier. **Pelo cu: políticas anais.** Tradução Rafael Leopoldo. – Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: **Cadernos Pagu.** Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SILVA, José Robson da. **ATO I – OBScena 24: O experimento carne fresca sob o viés contrassexual dos corpos-campos afeminados e a EDUCAÇÃO para além das lições de casa, das carteiras vazias e das notas vermelhas.** 2021. 221 f.: il.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DO PARTICIPANTE:

Nome fictício:

Idade:

Gênero:

Orientação sexual:

Identidade de gênero:

Etnia/raça:

Estado civil:

Filiação religiosa:

Local de nascimento:

PERGUNTAS

- ✓ Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?
- ✓ Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?
- ✓ Com qual frequência você utiliza os aplicativos?
- ✓ Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?
- ✓ Quais as estratégias para conseguir mais contatos aqui no *aplicativo do Grindr*? E no aplicativo do Tinder?
- ✓ Você usa uma foto do rosto no perfil em todos os aplicativos? Se não, por quê?
- ✓ Você poderia descrever um cara atraente para você?
- ✓ Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr? E no aplicativo do Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?
- ✓ O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.
- ✓ Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona? (Se sim). Ao que você atribui isso?
- ✓ Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

- ✓ Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?
- ✓ Vocês trocavam fotos de perfil? E nudes?
- ✓ Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?
- ✓ Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?
- ✓ Você já teve alguma discussão com algum usuário?
- ✓ Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura? Ou o contrário?
- ✓ Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conheceu uma pessoa não era como você imaginava? Se sim, poderia falar mais a respeito?
- ✓ Já namorou alguém que você conheceu no aplicativo? Se sim, quanto tempo?
- ✓ Você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo?

APÊNDICE A - ENTREVISTAS COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

SIGILOSO ST

Pesquisador: Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

Sigiloso ST: Acredito que desde 2017

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?

Sigiloso ST: O Tinder, né?! Que é um aplicativo de namoro no geral, e o Grindr que é um aplicativo de relacionamento entre homens... aí a diferença é que tipo o Tinder é mais focado em relacionamentos, tipo, seja afetivo, seja de amizade, mas aí o Grindr é mais especificamente para relacionamento e relação sexuais.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza esses aplicativos?

Sigiloso ST: É que eu desinstalei ele, mas eu instalo de novo, então toda semana tô instalando de novo. Uso três vezes, umas três vezes na semana.

Pesquisador: Quais vantagens o uso dos aplicativos te possibilitou?

Sigiloso ST: Conhecer pessoas novas, que eu já tive namoro que saíram do Grindr e do Tinder também e facilitou essa comunicação entre com as pessoas.

Pesquisador: E quais são as estratégias para conseguir mais contato aqui no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

Sigiloso ST: No Tinder é você colocar uma foto que chame atenção e colocar as informações que pedem lá que é a idade, instituição, signo, hobbies... e conversar quando dá o match, ter uma conversa agradável. Já no Grindr é quase a mesma coisa, botar uma foto que chama atenção, mas não me expondo, tipo, expor rosto, nada.

Pesquisador: Por que não se expor?

Sigiloso ST: Porque é tipo eu sou tranquilo em relação a minha sexualidade e tudo, só que como é um aplicativo e tem muita gente da cidade e muita gente que não é agradável, eu prefiro não mostrar pra tipo, essas pessoas ficarem afastadas, que a gente mostrando o rosto eles sabem quem é a gente. Eu só mostro o rosto a partir de uma conversa.

Pesquisador: Você usa uma foto de rosto no perfil em todos os aplicativos e se não, por quê?

Sigiloso ST: Não, só uso no Tinder e no Grindr eu não uso por conta dessa privacidade que eu coloco, meio que mostrando o rosto já é se mostrar demais naquele aplicativo.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

Sigiloso ST: Mais velho que eu, não ser magro, não tenho nada em questão dele ser afeminado não, para mim é de boa, ter barba e morar sozinho, não morar com a família. Eu já tive relações com pessoas que morava com família e acaba... não atrapalhando, mas tipo, a pessoa fica tanto no sigilo, sabe? Não pode dar certo, a pessoa pode ser assumida e tudo, mas por conta da família acaba não se abrindo muito, aí acaba dificultando muito, aí eu prefiro não ter relacionamento com pessoas que ainda tipo moram com família ou tem alguma questão com a família.

Pesquisador: Então o fato de você não utilizar foto no Grindr, por exemplo, seria sobre exposições e sigilo ou não?

Sigiloso ST: É só a exposição, o sigilo acho que nem tanto, mas é pela exposição mesmo de me expor no aplicativo.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

Sigiloso ST: De idade, tipo, não muito novos. É... tipo, como no Tinder você vê rosto e tem pessoas de fora, de outras cidades também, então tem a quilometragem, aí eu prefiro pessoa da cidade, né?! Ou de uma região mais perto, e como são homens, homens, tipo, que chamem atenção visualmente porque é pela foto, né?! E no Grindr é... pessoas que procuram algo mais casual, tipo, não procurar... porque assim, entendo eu posso até buscar um relacionamento, mas não Grindr pela pelo aplicativo não, tipo eu já namorei com pessoas do Grindr, mas não prefiro, eu prefiro não ter um relacionamento.

Pesquisador: Por quê?

Sigiloso ST: Por conta que... meio que eu tô generalizando, porque todas as vezes as pessoas que já fiquei que eu já conversei nunca buscava relacionamento então acabei criando essa opinião também de não procurar relacionamento no Grindr, procurar só algo casual mesmo.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homem? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.

Sigiloso ST: Acho normal, tranquilo, é algo que eu faço, né? Que sempre, a partir do momento que eu comecei a ter relações com homens sexuais não sexuais é algo que tipo no começo foi não aceitava nem para mim, né? Mas para mim é de boa, é minha vida, então acho normal.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e com e como de fato a pessoa se relaciona? Se sim, ao que você atribui isso?

Sigiloso ST: É tipo a pessoa botar informações no perfil e pessoalmente ser outro, né?! Eu acredito que é mais pra chamar atenção mesmo, botar algo agradável da pessoa para chamar atenção, colocar informações que tipo... uma informação que é muito utilizada que eu vejo muito é o tamanho dos órgãos, né? Que isso acaba chamando atenção das pessoas no aplicativo Grindr, então utilizam disso para chamar atenção das pessoas, pra pessoa querer e tals, mas talvez não seja realmente assim ou também a pessoa, tipo, afeminados, eles não falam que são ou fingem que não são, pra tipo, conseguir se comunicar com outras pessoas e ficar. Aí eu acredito que seja mais pela questão do... dos afeminados, é mais pela questão do machismo também, de que eles não mostram ser, tem aquele público que tá ali não gosta, sabe?

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos? Como esses aplicativos interferiram na sua vida?

Sigiloso ST: Eu acredito que, é... eu consegui ter uma vida sexual mais ativa por conta dos aplicativos. Há tempos que eu não uso os aplicativos, minha vida sexual fica mais... não tem uma vida sexual, aí a partir dos aplicativos que a gente consegue encontrar pessoas com o mesmo intuito acaba facilitando isso. Acredito que seja essa facilidade que ajuda a deixar a vida sexual ativa.

Pesquisador: E afetiva?

Sigiloso ST: Afetiva, é... vez ou outra eu consigo encontrar uma pessoa que eu consiga ter uma relação afetiva, mas não é muito, é raro, então não sinto que mudou muito em relação afetiva. Facilitou eu encontrar pessoas para conversar e tal, mas não foram para frente, então relação afetiva mesmo pelos aplicativos a não senti muita mudança.

Pesquisador: Então você acha que o aplicativo ele é mais viável para a questão sexual?

Sigiloso ST: Sim, sim, eu acho que sim, os dois no caso também, o Tinder eu também vejo isso.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

Sigiloso ST: Depende muito. Depende... a ver tem vezes que ocorre no mesmo dia. É algo perigoso? É, mas depende muito da vontade.

Pesquisador: Por que você encara como algo perigoso?

Sigiloso ST: Porque a gente não conhece muita a pessoa ainda, tipo, trocou uma foto ou outra, conversou um pouco, sabe? Não tem muita informação da pessoa com quem você vai se encontrar. Pra mim e para ela também, porque aquela pessoa também vai se encontrar comigo, mesmo sem se conhecer direito, mas por conta de algo que os dois querem acabam fazendo. Graças a Deus nunca aconteceu nada, mas acho perigoso por essa questão, mas tem vezes também que tipo demora uns dias conversando com a pessoa até ter um encontro, conhecendo mais.

Pesquisador: Vocês trocavam fotos de perfil e nudes?

Sigiloso ST: Sim, sim! primeiro sempre opto por trocar de perfil, tipo, até mesmo antes de começar a conversar, tipo, tem conversa normal ou outras não sei mais o quê e trocar a foto para saber com quem eu tô conversando, porque ficar conversando com fantasma, né? E o nudes vem depois, vai falando as intenções e tal e chega um momento que pedem a foto ou eu peço e a gente troca

Pesquisador: Você acha tranquilo assim enviar e receber nudes?

Sigiloso ST: Eu acho, assim, só nudes, tipo assim, nada mostrando o corpo todo nem rosto, só mais imagens, nudes mesmo, nada que me exponha muito, mas acho tranquilo, no começo nem tanto, mas agora sim, estou mais de boas com isso.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

Sigiloso ST: Nos dois aplicativos, no Tinder você só pode mandar mensagens depois de dar o match e tudo, né? Mas no Grindr você a pessoa pode mandar mensagem na hora que quiser e a pessoa acaba me mandando mensagens inconvenientes, sabe? Acaba fazendo comentários maldosos, sabe? Até preconceituosos, eu acho melhor tipo, além de parar de conversar, bloquear.

Pesquisador: Comentários de que tipo?

Sigiloso ST: Maldosos sobre o corpo, tipo, você mandou uma foto sua, falam mal do seu corpo. Falam mal de sua aparência e preconceituosa no sentido, tipo assim, enquanto no meu caso veem que sou um rapaz mais afeminado, aí fazem comentários relacionado a isso, que isso é feio, isso e aquilo, que não gosta disso. Aí eu prefiro bloquear.

Pesquisador: Você poderia dizer alguns desses comentários? Você lembra de alguma situação?

Sigiloso ST: É... lembro e foi aqui na cidade, em Serra Talhada. Um homem entrou em contato comigo e a gente conversou, isso pelo Grindr, e a gente trocou foto, foto de rosto normal, só que eles agora hoje dia muito deles, pedem áudio para escutar sua voz, né? E ele pediu áudio, eu mandei e ele escutou minha voz e tal e minha voz, assim, a considero um pouco fina, aí ele falou que eu tenho voz de mulher, voz de frango, sabe? Que era voz de viado, não gostou, aí eu só bloqueei.

Pesquisador: Sim, e aí a próxima pergunta é sobre isso, né? Se você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? E se você poderia descrever o ocorrido?

Sigiloso ST: Sim, foram violências verbais, né? Que ocorreram mais uma vez, tipo, teve esse caso, mas teve outros casos já também, tipo assim, a pessoa manda mensagem, eu não tô a fim de responder, então a pessoa xinga você, fala um monte de coisa porque você não tá respondendo, faz xingamentos bem fortes e eu acho que só ocorreu uma vez, mas não foi nem tanto a situação, foi uma situação do Grindr, mas acabou que ocorreu fora dele de que eu encontrei um rapaz, isso foi na minha cidade, e a gente saiu, só que aí nesse esse rapaz se mostrou violento, ele não me machucou, mas violento nas palavras, sabe?! Na forma de agir. Aí eu senti tipo, teve uma violência verbal, sabe? Não teve violência física, mas foi uma pessoa que eu encontrei lá, sabe?

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Sigiloso ST: Tem, a gente vê além deles serem agressivos também sou muito sigiloso por conta da região, tipo assim, você encontra pouquíssimas pessoas que são assumidas no aplicativo, eu opto em me relacionar com pessoas que são assumidas, porque isso facilita e tal, é mais tranquilo, mas já teve caso de relacionamento com pessoas que não são e eu vejo muito essa questão da região que a gente tá, da cidade ser pequena, sabe? E aí isso interfere muito.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Sigiloso ST: Já, mas no começo quanto eu ainda, né? Quando falava alguma coisa eu retrucava, mas a questão que eu falei... quando falava de meu corpo, alguma coisa minha sempre retrucava ou quanto tipo mandavam mensagem e eu não respondia aí começava a xingar e respondia também por conta, né? Que a gente no fervor, né? Na raiva a gente responde, mas hoje em dia não, tô mais... só bloqueio.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoas que você procura ou o contrário que você não procura?

Sigiloso ST: Não, não coloco, eu coloco informações só minhas. Só minhas informações que tipo, no Grindr deve ter altura, idade. Aí tem a parte biografia coloca alguma informação, mas nada tipo assim, que eu procuro. Eu coloco lá que eu sou versátil, aí procuro uma pessoa que seja passivo ou versátil também, mas nada do outro, sempre são informações minhas.

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa quando conheceu uma pessoa não era como você imaginava? Se sim, poderia falar mais a respeito?

Sigiloso ST: Uma vez 2018, lembro até hoje. Eu tava na rua, tava ali pela Concha e eu tava no aplicativo e conversei com pessoa e a gente marcou de se ver, pessoa mandou foto dela e tal. Só que quando eu cheguei era outra pessoa, tá? Ele usou imagem de outra pessoa para tentar conseguir alguma coisa, aí acabei que com a situação fiquei com medo, né? E saí da situação. E outra vez também, eu conversei com um homem daqui mesmo, mas no começo e ele mandou foto de outra pessoa e quando chegou era outra, muitas pessoas fazem isso e passam por essa situação.

Pesquisador: Você acredita que por que eles fazem isso?

Sigiloso ST: No primeiro caso, acredito que foi porque a foto que ele mandou chamava mais atenção. Já no segundo caso, era por conta que esse homem ele era noivo, casado. Parece que era noivo na época, aí ele não expunha a foto dele, aí ele botou a foto de outra pessoa.

Pesquisador: Já não namorou alguém que você conheceu no aplicativo? Se sim, quanto tempo?

Sigiloso ST: Já, eu namorei... acho que uns três meses com um rapaz que eu conheci no Tinder, só que no Grindr... não, nunca namorei com ninguém, não, só fiquei sério, tive uma relação assim, não namoro, mas estável, mas nada além disso.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo ou os aplicativos?

Sigiloso ST: Não se expor muito... por conta que praticamente no Grindr é... já teve vezes de fazerem fake com minha foto e tudo, então é só não expor muito, ter cuidado com quem conversar que, tem muita gente lá, ainda mais pessoas fantasmas que você não vê foto, é só para não se expor tipo no Grindr e não Tinder é filtrar, tipo assim, distância, filtrar a idade que ajuda bastante na nuvem pessoas indesejáveis... e também colocar informações úteis, tipo, no Tinder e no Grindr, informações que ajudem você a não deixar seu perfil sem nada, sabe? É bom colocar informações.

R

Pesquisador: Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

R: Desde dezembro 2019. Comecei com Tinder, depois fui pro Grindr, mas depois de um bom tempo, eu tinha preconceito com o Grindr, né? Pela forma que é pesada. Aí eu fui pro Grindr depois do Tinder.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você mais usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?

R: Eu iniciei com o Tinder, né? Que eu percebi, que eu tinha mais controle sobre quem me falava comigo, né? Não era tão aberto porque tem que dar match para falar e responder, aí depois fui para o Grindr, só que sempre mais instável, saindo e voltando, saindo e voltando. Aí uma amiga minha me apresentou um tal do Happn, que era muito chato... que era tipo assim, ele mapeia quando você anda e mapeia quem andou perto de você também, e aí mostra, sabe? Até achei uma pessoa na minha rua e eu fiquei assim, meu Deus! Só que foi pouco tempo que eu usei esse. Já baixei também o da Universidade, que tem um de universitário que é o Umatch, que é restrito a pessoas do nicho de graduação e pós-graduação e eu também percebi esse preconceito, por exemplo, quando uma pessoa falava comigo e não era do mesmo ramo eu não sabia o que conversar, entende? Eu prefiro alguém que fosse academicamente falando, que desce para conversar comigo. A maior diferença é essa. Tem o aplicativo de paquera e namoro do Facebook também. Acho que são só esses, pelo menos que eu me lembre, na verdade.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

R: Viciantemente! Apesar de não pegar ninguém. Tipo assim, eu tô sem agora porque eu desinstalei, né? Até porque o menino que eu tô ficando agora ele não usa, daí ele perguntou se eu usava, contou um drama que ele tinha passado, uma experiência com isso, daí eu disse que ia tirar, mas eu geralmente volto. Já passei um tempo sem Grindr, porque eu sofri homofobia,

né? Me xingaram lá dentro e enfim as coisas lá, eu passei um tempo sem usar, aí depois eu voltei sem a foto do rosto, aí depois eu botei a foto do rosto, porque se eu tô aqui quero que me vejam, não tô fazendo nada de errado.

Pesquisador: Quais as vantagens o uso dos aplicativos te possibilitou?

R: A facilidade em conhecer pessoas do meu nicho, né? Porque eu passei sete anos de armário, e aí eu não tinha... por exemplo, meu primeiro encontro com outro homem foi em 2021, dia 29 de outubro. O papo era sobre divas pops, aquela coisa toda, mas eu não tinha esse conhecimento, sabe? Eu gostava, mas eu não era uma "garota do ramo pop internacional", sabe? Eu fui aprendendo também, aí isso ajudou a ter esse contato e até porque o pessoal aqui da comunidade é muito diferente um do outro, tipo, não tem um rótulo, tem as semelhanças, mas cada um tem uma particularidade. Tem uns que são muito tóxicos, outros nem tanto, outros são de boa, né? Outros causam traumas, os outros não causam traumas.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

R: Colocar a foto de rosto, eu acho. Assim, pelo menos contato de qualidade, né? Porque eu comecei no Tinder com uma foto aleatória, porque eu ainda não tava sumido, né? Tinha me aceitado já, mas ainda não era assumido, daí eu disse: Ah, vou baixar. Eu botei uma foto de uma lata de cerveja e tinha e tinha, tipo, um monte de curtida. Eu pensei: meu Deus, como assim? Daí eu percebi que para ter contato de qualidade, filtrar a qualidade do contato, tem que ter uma foto, uma descrição, uma coisa que me diga como eu sou, tanto que no Grindr foi muito comum o pessoal bem abordar já falando na minha descrição, porque eu botava na minha descrição que não procuro sexo, procuro conversar sobre qualquer coisa, sabe? Eu sei que às vezes é só enrolação para puder comer e ir simhora, mas eu nem vou, eu também não sou besta.

Pesquisador: Você usa foto de rosto no perfil em todos os aplicativos?

R: Todos, todos! Só tiro o nome no Grindr, mas eles me acham mesmo assim, tanto que tem uma aqui chata pra caralho.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

R: Atraente? Assim, me chamam de Maria Caridosa, eu pego tudo, tendo o que eu morder... forte, gordo, não muito magro, mas se bem que esse que eu tô agora é um pouco magrinho. Não tenho isso não, sabe? Tanto que a aparência gera até atrito, inclusive com amigos meus, né? Alguns amigos já tiveram briga um dia, uma discussão chatíssima, porque eles não sabiam que

eu tava me relacionando com esse menino. Chamaram o menino de feio, de tudo, eu não gostei, porque se é simpático e tem um bom humor... vamos conversar, sim. Aí é isso, sabe? A aparência eu vejo primeiro, né? Se eu vejo uma padrão, uma barbie... eita que bicha gostosa! Não vou ser hipócrita e dizer que não, claro, mas eu como uma pessoa insegura que sou eu não consigo me sentir à vontade e ficar com uma pessoa dessa. Ou seja, a aparência não é o mais importante, mas sim o conteúdo que ela tem com você, é a conversa.

Pesquisador: Que tipo de perfil você interage e se dispõe a encontros no Grindr e no Tinder? Você o seleciona a partir de quais características?

R: No Grindr eu busco perfis com foto, ou se não tem, eu peço a foto do rosto, e no Tinder eu vejo a distância, geralmente de longe, porque por perto não tem tanta gente interessante. Geralmente eu quero quase todos e o match vem de quem se dispôs a querer também. Meu filtro não é tão assim, não. Se eu vejo que não votou em Bolsonaro já é o suficiente.

Pesquisador: Sobre trejeitos?

R: Eu tinha um preconceito inicialmente. Eu imaginava, tipo, eu nunca tinha ficado com uma pessoa afeminada, um rapaz afeminado, só que aí eu... por quê, não? Entendeu? Aí eu fui um dia e fiquei e foi ótimo. A gente tava de boa conversando e aí aconteceu. Tem tipos que eu não gosto, que eu não sinto uma atração, por exemplo, unha postiça, maquiagem branca na cara, não vai dar certo, salto alto, não vai dar certo, mas também eu não eu não gosto do que é muito masculino. Me atrai? Me atrai, porque a gente foi criado nisso, né? A figura masculina, então o macho atrai a gente, mas quando eu tô conversando com alguém... Um dia eu tava conversando com um menino pelo Tinder, ele é lá do Ceará, nesse dia, na conversa, eu fiz em casa um colarzinho de miçanga, aí eu mandei uma foto do que eu tava fazendo na hora, daí eu mandei uma foto usando o colar e ele criticou dizendo que era feio em mim e questionou o porquê de eu estar usando aquilo. Eu respondi que é porque eu gostei. Ele continuou questionando e eu peguei e falei: por quê? É feminino para você? Daí ele justificou que era uma questão de bom gosto, caiu numa falácia. Eu não me vejo como uma pessoa de masculinidade muito expressiva, por exemplo, se tiver uma discussão sobre uma montagem de drag... eu nunca fiz, mas acredito que faria um dia, aí eu penso: se eu ficar com uma pessoa que repudia esse tipo de comportamento? Aí eu tento fugir do que é muito macho, assim como eu também não fico com um homem que é muito feminino.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.

R: Deixa eu ver... diversas, né? Porque eu já tive experiências boas, ruins, mas nunca ótimas, até hoje eu não tive uma experiência ótima porque eu tenho muita dificuldade em me sentir à vontade para a penetração, por exemplo, infelizmente é um tabu que tem na gente muito presente e como eu comecei a me relacionar com homens aos 14 anos de idade com pessoas que tinham 13, 14 anos também e que se diziam heterossexuais, né? E aí acontecia a brotheragem e eu era sempre o que cedia, o que era passivo. Ah, eu vou fazer o passivo aqui, aí dava. Daí, por conveniência eu fui passivo por muito tempo, até que eu tentei fazer ativo, mas não dava, não vinha, aquela coisa, sabe? Não gostei. Até hoje tenho dificuldade, e também eu tinha dificuldade em me sentir à vontade para ficar com qualquer pessoa, por exemplo a primeira vez que sai com uma pessoa que, tipo assim, eu conheci hoje, deu match hoje, eu vou sair, foi em 2022, eu acho que ela tava em Serra novamente depois da pandemia, fazendo TCC, aí rolou e foi bom, mas tipo é algo que até hoje eu tenho dificuldade. Eu não consigo viver casualidade facilmente, tem que conversar para ser um pouco agradável. Já teve momentos que eu tava com uma cara, por exemplo, que eu já conversava há um tempinho, inclusive, e ele ele gozou e ele disse assim: já gozei, vou me limpar e você termina só, pode ser? Ué, tá bom! Vou dizer que não? Eu tava na casa dele. Vesti minha roupa, espere ele sair do banheiro pra ir embora. Assim como já teve momento com a gay afeminada lá que eu saí, foi um gounage, tipo a gente ambas as passivas e foi muito legal, muito melhor, muito superior a esse que penetrou, sabe? Então, varia de pessoa para pessoa e da situação.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

R: Muito, muito, muito! Tanto que até hoje... tipo, eu sou de[cidade], até hoje eu nunca saí com ninguém lá, entendeu? Por ser minha cidade natal, uma cidade pequena, onde todo mundo se conhece. Eu sou do sítio? Sou! Mas eu fiz o ensino médio numa escola de tempo integral na cidade. Eu não me sinto à vontade em [cidade], também nunca surgiu um convite, um convite que valesse a pena tentar. Em Serra eu consigo sair normalmente, mas eu tenho muito receio de andar de mãos dadas. Vem uma pessoa, daí eu peço para a pessoa soltar minha mão um pouco. Eu tava num estabelecimento aqui para não citar nomes, e tava no encontro com um menino e aí a gente recebeu olhares bem indesejáveis, sabe? Não soltaram nenhuma verbalização, nenhum preconceito e discriminação verbal, mas o julgamento... que a gente tava de mãos dadas na mesa, um do lado do outro e conversando, aí eu que percebi que atrás dele, né? Uma família e o pai da família ficava olhando pra gente direto.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato uma pessoa se relaciona?

R: Sim, principalmente com foto, né? Usam fotos que se aprovam ser padrão, né? Por exemplo, lá na UAST tem uma que me mandou mensagem Grindr um dia, a foto dela era só o peito, né? Peito definido... e aí quando ela mandou a foto do rosto... ô coisa bem... não era harmonizado, sabe? Porque se fosse uma pessoa que tem um queixo quadrado, ela mudaria uma foto dele, eu tenho certeza disso. Eu, por exemplo, antes eu não usava foto de rosto, eu botava só o meu pescoço, porque é a única parte do meu corpo que atrai, a única parte acessível, só que eu peguei e disse: não, não quero ficar assim, eu vou botar minha cara.

Pesquisador: Ao que você atribui isso?

R: Necessidade de aprovação externa, que a gente sempre tem, por mais que diga que não tem, tem! E se você se sente desejado, você se sente aprovado e se você se sente aprovado, você tá ok.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

R: Cansativa! é cansativo, não é um uso agradável. Quero sair de lá o mais cedo possível, porque sempre é... como cada um tem um jeito de ser, nem sempre todos são aquela vez de conversar, de responder com educação, no mínimo, sabe? Uma gay uma vez perguntou se eu era afeminado ou normal, ela mandou um áudio perguntando... agora ela é uma garota, daí eu botei: eu não sei responder essa pergunta não, mas eu respondi do jeito que deu lá, mas tipo, desnecessário, sabe? Ou então eu tô conversando e perguntam: ativo ou passivo? Eu não gosto muito quando perguntam, mas eu respondo no automático. Eu prefiro dizer um: oi, boa tarde! Tudo bem? E continuar a conversa.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

R: Geralmente eu demoro, sabe? Porque tem que ter alguma coisa que me faça querer urgência, sabe? Seja lá qual for, seja pela aparência, seja simpatia, mas se não tem isso eu tento conversar mais, porque senão se não foi por celular não vai fluir pessoalmente de jeito nenhum. Eu penso assim, se foi por celular, pessoalmente vai também, mas se não foi nem pelo celular... tipo, esse último agora que eu tô mais recente a gente começou a conversar sexta-feira ou foi sábado, aí eu pensei em enrolar um pouquinho, aguardar mais, só que tava tão boa a conversa, aí na

segunda-feira, eu confesso que eu tava até com outra pessoa para ficar só que eu não tava querendo mais, sabe? Tipo, não tava tão afim. Aí eu perguntei tu vai poder ir hoje ou não? Logo cedo na segunda-feira, aí ele disse que não que já tinha ido embora. Aí fui ficar com o que eu tava conversando, ele foi lá para casa na segunda, dormiu lá, dormi na casa dele, né?

Pesquisador: Vocês trocam fotos de perfil e nudes?

R: Sim! Eu mando nude quando eu uso o Instagram geralmente ou o WhatsApp, porque apesar de o Instagram, não ser tão seguro assim, mas eu me sinto falaciosamente seguro o Instagram e no WhatsApp, mas no Tinder e no Grindr eu não mando, não. Claro, e eu evito o rosto sempre quando eu mando e eu sempre mando a mesma coisa. Não sou uma pessoa que fica: aí, eu vou fazer um nude hoje. Fiz um nude e tá esse dá para mandar qualquer dia que pedirem.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém?

R: Várias!

Pesquisador: Por quê?

R: Porque eu não tenho paciência para ninguém chata e gente que, por exemplo, garotos de programa. Conversei com meu psicólogo sobre o que aconteceu quando eu conversei com um garoto de programa recentemente e ele disse para eu tomar cuidado porque ele pode ser perigoso. Tipo, ele queria a todo o custo me ver, se declarou muito intensivamente de forma prematura, sendo que a gente não tinha construção para aquilo ainda e ele queria a todo custo ir na minha casa, vir me visitar, me ver ou querer que eu fosse na casa dele. Enfim, aí eu bloqueei porque tava chato e insistindo uma coisa que não era para ser, aí nesse caso eu bloqueei ou então quando a pessoa vem com homofobia, com perguntas idiotas, por exemplo, dei match com um no Tinder e ele me passou o Instagram dele, eu fui e segui, aí ele mandou mensagem e eu respondi, aí ele perguntou: "tu é gay, mano?" Aí eu disse: sou sim, você não? Aí ele disse: "Não, sou não!" Eu deixei ele lá, depois dei um unfollow e removi.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos?

R: Já! já me chamaram de caranguejeira, que eu sou feia, já chegaram também não xingando, mas, tipo, como se eu fosse uma quenga, tipo assim, me falaram que você senta muito bem, eu quero sentir... eu sou um homem gordo, apesar de ser um gordo menor, bem menor, na verdade, né? Aí já ouvi falar... tipo assim, perguntaram do meu peso, aí eu disse: por que tu quer saber? Aí ele disse assim: por que deve ser muito gostoso sentir seu peso em cima de mim. Aí eu perguntei: eu sou gordo, mas e você pesa quanto? Ele disse: 60 kg, aí eu pensei: vou ser uma

pessoa tóxica, daí eu falei eu não gosto de pessoas magras e que pessoas magras não me aguentam não, aí eu bloqueei. Mas eu já passei por homofobia e gordofobia nos aplicativos, no caso, aí é isso!

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

R: Eu acho que... já sim! Gente inconveniente. Recentemente, inclusive, porque como eu falei no começo eu saio e volto para o Grindr, então, quem eu bloqueei na primeira vez vai estar desbloqueado na segunda e essa pessoa sempre voltava a falar comigo e não se identificava, entendeu? Chegava como se não me conhecesse, até chegar no ponto de eu perguntar: quem é você? E a pessoa responder que me conhecia, e eu: sim, mas quem é você? A pessoa dizia o nome e eu falava: tu de novo? Daí eu boqueava novamente. Isso é gente chata, gente que não se toca.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

R: Não, eu boto só o que eu gosto, tipo, beijo, abraço, toque, carinho e conversar, sabe? Aí se a pessoa curtir... bem, senão... porque tipo, o beijo é um ponto importante para mim porque eu fiquei 7 anos sem beijar uma pessoa, eu ia beijar ele e ele falava que era nojento, sabe? Ele é hétero no caso, entre aspas, e por ele ser o que eu tinha disponível naquele momento e aparentemente era o que eu tinha de melhor porque eu não conhecia o que era bom de verdade ainda, aí eu aceitava. Já teve de eu ficar com outra pessoa aqui em Serra, uma situação atípica em que eu fui beijar, ele disse a mesma coisa, ele disse que não beija, aí eu perdi completamente o tesão, sabe?

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conheceu uma pessoa não era como você imaginava?

R: Já sim. Eu não saio tanto, tipo, eu baixei o Grindr e usei por 60 dias, eu não saí com ninguém nesses 60 dias. Tipo, das poucas vezes que eu saí já aconteceu de eu sair e a pessoa me deixar desconfortável, não ser tão legal, quanto parecia ser, um me pediu para vestir uma roupa dele, sendo que eu sou gordo e ele é magro, tipo, foi bem desconfortável. Isso é um fetiche? Deve ser, porque não é possível. Não vai caber em mim, não. Não coube de fato a roupa e, assim, foi bem desagradável e ele brochou ainda, Nossa Senhora!

Pesquisador: Você já namorou alguém que você conheceu no aplicativo?

R: Eu nunca namorei ninguém até hoje e tenho quase 26 anos. Esperava achar lá, inclusive, né? Brincava, dizia que tinha esperança de encontrar alguém lá, mas só foram “quases”, até hoje pelo menos.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar os aplicativos?

R: Não se coloque por trás da máscara que não pertence a você, porque uma hora ela cai e você não vai valer a pena. Quanto mais cedo a pessoa que não tá a fim de você ir embora, melhor.

PAULISTA DOM

Pesquisador: Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

Paulista Dom: Eu utilizo já tem cerca de uns 2 a 3 anos, porém eu tinha parado e retornei a usar esse ano.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?

Paulista Dom: Eu utilizo Grindr o Tinder e um chat virtual que é o bate-papo BOL. Eu consigo perceber que no bate-papo BOL são mais para relações virtuais, dificilmente se marcar alguma coisa presencial. No Tinder é para um relacionamento um pouco mais sério e no Grindr para relacionamentos mais casuais.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

Paulista Dom: O Tinder a cada dois ou três dias, o Grindr eu utilizo dia sim, dia não, só para responder algumas mensagens breves e o bate-papo BOL cerca de uma, duas vezes na semana.

Pesquisador: Quais vantagens uso do aplicativo te possibilitou?

Paulista Dom: Eu acredito que ele dá uma gama maior para conhecer outras pessoas e se relacionar, porque muitas das vezes as pessoas não se identificam na orientação sexual, não são assumidas e com o uso do aplicativo tem a possibilidade de você ser sigiloso, então, você pode se relacionar com as pessoas sem que elas revelem a sua orientação sexual, então, essa daí dá uma gama maior de relacionamento com o uso dos aplicativos.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos aqui no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

Paulista Dom: Eu acredito que para conseguir mais contatos, talvez sendo mais breve, porque principalmente no Grindr as pessoas querem uma coisa mais casual, então quanto mais breve

for o assunto e mais desenrolado for a conversa mais rápido fica de conseguir um relacionamento ali.

Pesquisador: Você usa foto de rosto no perfil em todos os aplicativos? Se não, por quê?

Paulista Dom: Eu utilizava e depois eu deixei de utilizar quando a minha segurança começou a ficar em risco, aí com isso eu parei de utilizar minhas fotos de rosto.

Pesquisador: Você poderia falar mais sobre?

Paulista Dom: Foi em relação ao ano de 2019 mais ou menos, eu comecei a utilizar a foto de rosto e dali do Grindr a gente saiu e foi para o WhatsApp, e o rapaz ele conversava comigo, mas não como se ele quisesse me conhecer, como se ele quisesse conhecer a minha vida e em cima disso eu vi que ele na verdade ele tava coletando informações pessoais, até que ele começou a me ameaçar, e uma das vezes ele tirou um print do meu rosto e disse que era muito fácil um policial corrupto me encontrar, e ele sabia onde eu morava, sabia cidade, sabia o local, endereço, tudo isso daí, inclusive, dentro dessas ameaças, ele fez diversas outras ameaças, então, a partir daí eu parei de utilizar a foto de perfil.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

Paulista Dom: Um cara atraente... bom, fisicamente falando eu não gosto muito de caras musculosos, então ele tem que ser um pouco definido, porém não muito, altura cerca de 1,70 a um pouco mais, porque se encaixa um pouco mais na minha altura e sem pelos, acho que isso daí é importante para mim. Eu não gosto de barba, bigode nada do tipo.

Pesquisador: Como relação a trejeitos?

Paulista Dom: Eu me relaciono com ambos os tipos, isso daí depende muito da minha "vibe atrativa" naquele dia. Às vezes eu prefiro um cara mais afeminado, às vezes eu prefiro um cara mais masculinizado, depende também do tipo de relação que eu quero ter naquele momento.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

Paulista Dom: Geralmente são características que envolvam submissão, quando os meus contatos eles envolvem ter muita submissão aquilo dali já me chama atenção para que eu tenha um contato maior com eles ou características também que demonstram muita atratividade, muita excitação sexual, isso daí também me chama atenção para que eu interagir mais com eles.

Pesquisador: Submissão no sentido de controle?

Paulista Dom: Isso!

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente e afetivamente com outros homens.

Paulista Dom: Eu acho interessante. Eu comecei as práticas sexuais esse ano, no ano de 2024, no início do ano, então são poucas experiências que eu tenho. Tem cerca de 4 a 5 meses e das experiências que eu tive foram boas. Entretanto, algumas eu percebi que faltava um pouco mais de tato da outra pessoa, as pessoas se preocupam mais com o próprio prazer do que com o prazer do próximo. Todos esses relacionamentos foram do Grindr, então assim, essas pessoas que eu encontrei, eu tinha que ter o meu próprio prazer e ser responsável por ele. Eu me preocupava com o prazer do próximo, mas eu percebi que o próximo não tinha essa reciprocidade.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como uma pessoa se relaciona? Se sim, ao que você atribui isso?

Paulista Dom: Bom, muitas pessoas são fiéis a descrição, pelo menos as que eu me relacionei elas foram fiéis a descrição, não tinham tantas diferenças assim, mas algumas elas mentem um pouco a idade, acho que talvez por questão de segurança, mas não é uma coisa muito grande assim, por exemplo, é uma pessoa de 20 anos ela diz ter 25, ou então uma pessoa de 25 diz ter 23, 27, por aí.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

Paulista Dom: Eu acredito que isso daí acabou se tornando um pouco mais fácil de lidar sexualmente falando após o uso dos aplicativos, porque como o uso do aplicativo você passa a ter uma intimidade maior com as pessoas, que era uma intimidade que não se dividia antes assim, e principalmente por ser vamos dizer com desconhecidos. Quando você tem essa intimidade sexual com pessoas conhecidas fica mais fácil de você lidar, se abrir, e tudo mais. Quando você começa a se relacionar com desconhecidos essa intimidade que você tem que às vezes é se sentir um pouco preso ela acaba sendo transmutada para uma forma mais fácil de lidar, então, isso daí auxilia muito nas práticas sexuais para você lidar com as pessoas que você ainda não conhece ou que você ainda está conhecendo.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

Paulista Dom: Bom, isso depende muito da disponibilidade que eu tenho, da que a pessoa tem também e principalmente de como tá fluindo papo. A média, geralmente, fica em torno de três dias a uma semana, isso porque geralmente os horários não batem e muitas das pessoas que entram no aplicativo já querem para aquele momento que elas estão online, só que quando se tem um horário que não se bate aí a gente tem que meio que marcar, mas já era em torno disso, de três dias a uma semana.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Paulista Dom: Eu acredito que há sim, porque tem duas questões: a primeira questão é a distância. Os aplicativos revelam pessoas de locais de cidades próximas, e aí tem a questão da falta de transporte, a falta principalmente de transporte público, isso daí seria interessante que essas cidades tivessem, para que as pessoas pudessem se relacionar. A outra questão é, por ser uma cidade não tão grande, uma cidade pequena, as pessoas se conhecem como uma facilidade maior, então, muita gente tem essa questão de se travar um pouco para se relacionar com um certo receio de sair na rua e ser conhecido, tanto que eu já percebi que é muito comum o pessoal colocar ou no nome do perfil ou na descrição: sigilo, sigiloso, sigiloso com local, discreto. Isso daí é uma coisa muito comum.

Pesquisador: Você acha que a cultura do patriarcado, do machismo em Serra Talhada interfere nisso?

Paulista Dom: Com toda certeza, porque muitas pessoas têm interesses sexuais homem com homem, sejam gays ou bi, e o maior receio que eles têm é justamente de ser julgado pelo ciclo de amigos que eles possuem, então, é por isso que muitos deles preferem o sigiloso, porque na verdade eles andam no seu ciclo social com homens que são machistas, pessoas que julgam muito que discriminam, e eles não querem é serem discriminados dessa forma. Muitas das vezes eles até agem como você não conhecessem, justamente com medo de ser julgado por essas pessoas do ciclo social, no qual eles fazem parte.

Pesquisador: Vocês trocam fotos de perfil? E nudes?

Paulista Dom: Às vezes, no início isso daí era uma coisa muito comum, quando eu comecei o uso dos aplicativos, hoje em dia nem tanto, justamente por essa questão da segurança em si. Tem muita gente ali que faz fake, se passa por outras pessoas, tem muita gente que tem interesse em extrair informações pessoais, provavelmente com um uso não apropriado, e quando você

revela esse tipo de intimidade acaba se tornando uma questão que coloca a pessoa em risco, nesses aplicativos, principalmente no Grindr a visualização única você só pode enviar uma foto por dia se você não for Premium, então quando você tem essa questão ela acaba sendo restrita e dificulta a troca dessas informações.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

Paulista Dom: Sim, muitas pessoas. Geralmente são por dois motivos: o primeiro são pessoas ofensivas, elas entram no aplicativo e por não conseguir uma foto íntima ou por não conseguir um relacionamento elas acabam ofendendo, começam a xingar, começam a fazer discurso de ódio etc.; e outras pessoas que usam os aplicativos justamente no sentido de querer extrair informação, eu fico com suspeita de golpe ou algum tipo de maldade acaba bloqueando a pessoa.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos. Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

Paulista Dom: Sim, eu cheguei a sofrer sim, tanto verbal quanto no caso de perseguição e suspeito, inclusive, dessa perseguição não ser somente virtual. Começou a ocorrer no ano de 2019. Esse rapaz, queria fazer um encontro não pra prática sexual, mas para uma tentativa de homicídio. Ele tinha câmera no quarto dele e tinha desejo por agressão. Eu suspeitava que ele queria fazer isso para tentar filmar o ato sexual e relatar que foi um ataque da minha parte em relação a ele, assim como também fez promessas de me dar um celular, porém, nada burocrático ou legal, dentro da legislação, e quando eu fui pesquisar sobre ele eu descobri que ele era um advogado e que havia feito um boletim de ocorrência com outra pessoa dizendo que foi uma tentativa de furto do celular dessa pessoa. Tiveram outras questões também que foram de localidades próximas da mesma cidade dessa pessoa, que era Princesa Isabel e Bom Nome e eu acredito que seja um grupo de pessoas que agem justamente com esse propósito. Já fui perseguido aqui em Serra Talhada por um carro branco, né? No qual ele me perseguiu fazendo propostas indecentes de sexo, porém, eu não conhecia não tinha contato e era sempre tarde da noite quando não tinha nenhum tipo de movimento, e também já tive pessoas que eu conheci no Grindr que ao passo que foram conhecendo meus dados pessoais e vinham estudando, começou a acontecer coisas estranhas como, por exemplo, minhas contas serem invadidas, vazamento de dados, eu fui notificado pelo Serasa de vazamento de dados na dark web, as contas no Serasa e a pontuação do score que a gente tem bancário ficou e ainda está em

constante a operação, então isso daí tudo começou a ocorrer depois dessas supostas violências ou suspeitas de alguma coisa nos aplicativos.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Paulista Dom: Já! Justamente nessas questões nas quais as pessoas quando não conseguem o que elas querem no aplicativo, elas insistem, criam outras contas e voltam até você e criam esse tipo de discussão mais voltada para o discurso de ódio e para as agressões verbais e ameaças.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

Paulista Dom: Parcialmente. Eu não tenho muita preferência para questão de idade, questão se a pessoa é branca ou negra, a única preferência que eu tenho mais é por submissão, entretanto, eu percebo que tem uma certa padronização das pessoas no uso do aplicativo em relação a práticas de submissão, portanto, como isso daí já é algo mais comum e elas procuram muito as práticas dominantes, eu acabo não colocando tanto na minha descrição.

Pesquisador: Você já vivenciou alguma situação embaraçosa? Quando você conheceu uma pessoa não era como você imaginava?

Paulista Dom: Acredito que não. As pessoas que eu me relacionei, elas eram muito próximas daquilo que a gente havia conversado, tanto que eu acho muito importante ter essas conversas preliminares, troca de foto dentro do aplicativo já para quando ter o encontro você não se decepcionar com quem você está encontrando.

Pesquisador: Você já namorou alguém que você conheceu no aplicativo? Se sim, quanto tempo?

Paulista Dom: Não! Não namorei ninguém que eu tive no aplicativo, já aconteceu de eu ter um relacionamento um pouco mais aprofundado que levou um tempo a mais, mas não chegou a ser um relacionamento sério classificado como namoro.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar os aplicativos?

Paulista Dom: É muito importante quem tá iniciando o aplicativo saber com quem está se relacionando, saber as propostas ideais da outra pessoa, deixar sempre um amigo avisado para quando você vai encontrar uma pessoa, manter a localização ativa e prestar muita atenção em relação aos interesses da pessoas, se são práticas sexuais, se é interesse na pessoa em si e, acima de tudo, não aceitar nenhum tipo de abuso, nenhum tipo de assédio, nenhum tipo de violência, porque isso daí é uma coisa que é um pouco comum dentro da rede social, afinal de contas,

ninguém conhece ninguém ali e a partir do momento que você aceita a primeira vez você se torna passivo a aceitar uma segunda, uma terceira, uma quarta e essa situação ir aprofundando e se tornar uma bola de neve que não tem como sair depois, então acho que todo cuidado não é pouco, todo cuidado é necessário, principalmente porque é a nossa segurança e a nossa saúde que está em risco ali.

PASS C/LOCAL

Pesquisador: Pass c/local, há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

Pass c/I: Mais de 5 anos.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?

Pass c/I: Eu uso o Grindr, o Tinder e já usei o Scruff. No tinder eu vejo mais o pessoal por status, para ganhar seguidores. No Grindr, eu vejo mais questão de sexo e é o que o mais uso e Scruff eu usava mais como passatempo.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

Pass c/I: Agora não muito frequente, mas eu usava praticamente três quatro vezes ao dia procurando relações.

Pesquisador: Que tipos de relações?

Pass c/I: Sexuais, a maioria só por prazer mesmo só para transar e tchau.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

Pass c/I: Experiências tanto gays quanto bi, né? Tipo homem e mulher e várias transas, só.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos aqui no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

Pass c/I: Fotos sem camisa, de sunga, o que chama mais atenção do público, biscoitos, né?

Pesquisador: Você usa uma foto de rosto no perfil em todos os aplicativos? Se não, por quê?

Pass c/I: Não, no Grindr eu uso só foto de corpo porque o pessoal que tá lá só quer sexo e só isso, e não quero expor a imagem para também não ficar "queimado para a sociedade", já no

caso do Tinder eu colocar a imagem, porque além de ganhar seguidores nas redes sociais eu também aproveito para catar alguns bofes que estão por lá.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

Pass c/I: Sim, vamos lá, másculo, que não dê muita pinta, parrudinho, forte e que fale grosso, né? Que tenha um diálogo não feminino.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder? Você o seleciona a partir de quais características?

Pass c/I: Físico, eu analiso, né? Questão de imagem, se é bem cuidado, se a pessoa se cuida e questões financeira, se tem um carro para me levar para algum lugar, se tem condições para poder não só me proporcionar um sexo, né, mas também algumas coisas mais.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.

Pass c/I: Eu acho muito massa, e tipo, entre as relações com mulher e com homem eu prefiro com homens, porque eu também me sinto melhor. Eu fico com mulheres, mas a maioria das vezes é quando eu bebo ou então quando eu tô em roda de amigos e tal que a gente fica, em relação a homens, eu sinto mais prazer tanto pelo sexo anal quanto pela pegada masculina.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

Pass c/I: Eu vejo que eu não consigo mais me apegar como antes, porque na concepção que eu tive depois do uso do aplicativo é que, tipo, a maioria do pessoal só vai querer sexo e realmente no século que a gente vive 90% dos homens só querem sexo e nada mais.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

Pass c/I: Eu converso durante três dias, geralmente eu coeto os dados que eu preciso como: idade, o que tem ou o que não tem, se cuida, se não cuida, e fotos, eu peço muitas fotos, aí depois disso tudo, vamos colocar uns três quatro dias, aí eu saio com a pessoa.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Pass c/I: Sim, porque pelos interiores tem muito julgamento e a maioria da mentalidade do pessoal é muito pequena, muito fechada e acaba atrapalhando isso porque às vezes a gente pode ter sim um relacionamento, mas pelo fato de ser o interior e ter esse julgamento a gente acaba reprimindo, aí fica só por sexo mesmo.

Pesquisador: Vocês trocam fotos de perfil? E nudes?

Pass c/I: Sim, começava pelos nudes, né? Sem foto de rosto e com decorrer da conversa que ia ganhando confiança, aí eu mandava foto de perfil.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

Pass c/I: Sim, várias pessoas. Eu bloqueei pelo fato, tipo, não me agradava a forma física e também os trejeitos por ser afeminado, por eu gostar do lado mais masculino e mais discreto.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

Pass c/I: Violência, violência, eu acho só questão de julgamento mesmo, físicos e algumas vezes quando eu mandava tipo foto de rosto ou então de corpo o pessoal falava que era fake, alguma coisa do tipo, só, mas outras coisas não.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Pass c/I: Já, e o motivo foi porque eu falei na tora que não queria nada pelo simples fato não curtir o lado feminino tal e fui criticado, né? A gente bateu boca por conta disso.

Pesquisador: Ao que você atribui não se relacionar com pessoas afeminadas?

Pass c/I: Talvez seja algo de infância em questão de retrato de relato familiar, porque minha mãe sempre pregava isso "você pode ser gay, mas você não precisa ser afeminado nem tá demonstrando para o povo", tá entendendo? Aí eu acho que isso realmente isso, esse paradoxo que ela colocou na minha cabeça que em relação a isso, que tipo, você pode ser gay, mas não precisa estar demonstrando, e na cabeça dela era como se fosse assim, você é gay, você é discreto, isso é bonito para você, é bonito para a família, é bonito para a sociedade.

Pesquisador: E aí você leva isso para suas relações.

Pass c/I: Eu levo, eu levo isso para minhas relações. 90% das minhas relações são com pessoas discretas e quanto aos 10% que não são discretos, são totalmente.... como pode dizer... não dão pintas que eu falo, trejeitos de afeminados e tal.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

Pass c/l: Eu coloco tipo de pessoa que eu não procuro, eu coloco lá, tipo, "não afeminados", "não passivos".

Pesquisador: Por quê?

Passs c/l: Porque eu acho que facilita e já economiza tempo em relação à tipo, tá conversando e lá para no final da conversa descobrir que a pessoa é só passivo e só a pessoa sendo passiva não me atrai, eu gosto ou do versátil ou totalmente ativo.

Pesquisador: Mas acontece de, por exemplo, uma pessoa afeminada chegar e falar com você mesmo tendo na descrição que você não curte pessoas afeminadas?

Pass c/l: Sim, muitas vezes, só que eu nunca dou fora assim na tora, eu sempre vou arrodando, achando um jeito mais fácil de dizer que eu não curto ficar com gente com trejeitos afeminados tal, eu prefiro mais... eu não vou dizer durinho né? Mas eu digo mais com trejeitos masculinos e não com gestos afeminado.

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conheceu uma pessoa não era como você imaginava? Se sim, poderia falar mais a respeito?

Pass c/l: Sim! Eu saí com uma pessoa, a gente conversava e nunca tinha mandado o áudio pelo aplicativo, a gente chegou até trocar rede social, mas nunca trocou áudio, e quando a gente saiu, quando a pessoa... o primeiro A que a pessoa falou eu já broxei na hora, não tive tesão nenhum, a gente conversou aí eu inventei uma coisa que tava passando mal e fui embora.

Pesquisador: Você já namorou alguém que você conheceu no aplicativo? Se sim, quanto tempo?

Pass c/l: Não, nunca namorei ninguém do aplicativo, não, geralmente era só sexo e tchau.

Pesquisador: você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo?

Pass c/l: Sim! Sejam o mais explícito possível, não por forma de tipo, ah querer machucar alguém, mas para tipo já deixar claro e não perder tempo, nem você nem a outra pessoa e nem correr o risco de machucar os sentimentos da outra pessoa.

NOVINHO C/L

Pesquisador: Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

Novinho c/l: Em média de 3 anos.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um quais diferenças você consegue perceber entre eles?

Novinho c/l: Eu uso o Grindr que não é diferente do Tinder que eu também tenho um perfil lá. Eles têm as mesmas funções, tipo, dar match, curtir e conversa entre os usuários.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

Novinho c/l: Eu entro no Grindr, tem vez que eu passo uma semana sem entrar, tem vezes que eu entro todos os dias e no Tinder raramente eu entro.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

Novinho c/l: Na minha experiência conhecer pessoas novas, acho que facilitou conhecer pessoas novas, conversar, trocar uma ideia, já arrumei amizades também por esses aplicativos.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

Novinho c/l: Acho que trocar o nome, né? Colocar não seu nome, colocar outro nome, outro adjetivo e não colocar foto de perfil.

Pesquisador: Por que não colocar foto de perfil?

Novinho c/l: Porque se a pessoa for casada e estiver procurando outra coisa, isso seria uma vantagem.

Pesquisador: Você usa uma foto de rosto no perfil em todos os aplicativos?

Novinho c/l: Uso no Tinder, mas não no Grindr.

Pesquisador: Por que você não utiliza foto de perfil no Grindr?

Novinho c/l: Ah, não sei! Porque tem gente que possa me conhecer. Não que eu me importe em aparecer com minha foto, mas tipo, porque eu acho que é melhor conhecer logo a outra pessoa pra eu poder me apresentar e mandar minha foto.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

Novinho c/l: Um cara atraente pra mim é que ele seja musculoso e dotado, não afeminado.

Pesquisador: Por que não afeminado?

Novinho c/l: Não é preconceito, mas é porque eu acho que não rolaria comigo, porque eu já sou afeminado e acho que não rolaria.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontro nos aplicativos? Você os seleciona a partir de quais características?

Novinho c/l: Com os usuários que têm fotos, os que chegam já querendo desenrolar uma conversa e que seja com o perfil que eu estou procurando.

Pesquisador: E quais são esses perfis?

Novinho c/l: Como eu falei, que seja musculoso, dotado, que seja ativo.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.

Novinho c/l: No começo eu achei bem difícil, mas com o passar dos anos eu fui entendendo mais, procurando entender mais como funcionava, e no decorrer dos anos eu não senti mais tanto estigma, tipo, não senti mais vergonha de me relacionar e falar sobre minha sexualidade.

Pesquisador: Por que no começo foi difícil?

Novinho c/l: Porque vem a questão da família, vem a questão de você ser julgado, de você não se aceitar pela sociedade, só que eu encontrei a força que eu estava procurando e mostrei quem realmente eu era e deu certo e agora estou só vivendo minha vida e sendo feliz.

Pesquisador: Você acredita que estava localizado no sertão Pernambucano, dificulta ou facilita a interação entre homens gays, bissexuais e não binário nos aplicativos?

Novinho c/l: Sim, eu acho que dificulta sim, porque vai que tem alguém que conheça você nesses aplicativos e sai espalhando por aí... se você não é assumido e nem nada do tipo está aí a dificuldade, mas se você já for assumido eu acho que não tem nenhuma dificuldade.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

Novinho c/l: Eu não percebi nenhuma mudança, porque tipo assim, se a gente começa uma conversa com uma pessoa ela já quer sexo, não sabe nem que você é direito e te bloqueia e

apaga. Não vi nenhuma diferença. Sobre o sexo, nem aumentou nem diminuiu, permaneceu a mesma coisa.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

Novinho c/l: Acho que uma semana, duas. Eu procuro conhecer a pessoa primeiro antes de qualquer coisa.

Pesquisador: Você troca foto de perfil e nudes?

Novinho c/l: Sim, troco. Mais de rosto. Nudes eu só troco quando a conversa tá bem mais avançada, bem excitante.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém?

Novinho c/l: Sim, porque não era o perfil que eu tava procurando e porque a conversa não fluiu, ficou uma coisa meio chata e bloqueei.

Pesquisador: Qual era o perfil?

Novinho c/l: Era um homem que tava me aperreando muito por foto de nudes e eu simplesmente pedi a foto do rosto dele e ele simplesmente não mandou, daí ficou uma coisa chata e eu não gostei, simplesmente bloqueei.

Pesquisador: Você já bloqueou uma pessoa afeminada?

Novinho c/l: Já também. Eu pensei que era o perfil que eu estava procurando e não era, era uma pessoa do mesmo do mesmo gênero que o meu e simplesmente teve a discussão e eu não tenho muita paciência e bloqueei.

Pesquisador: Como foi essa discussão?

Novinho c/l: Começamos com um "oi", aí tem aquele "tudo bem?", depois começou a pedir foto, a gente trocou foto, daí perguntamos qual era o gênero de cada um e o que curti, a gente falou e daí começou os xingamentos: que bichinha feia, pão com ovo, esses tipos de xingamentos.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência?

Novinho c/l: Não, nunca sofri nenhum tipo de violência não, a não ser discussão igual a que acabei de falar, mas violência em si não. Ainda não.

Pesquisador: Você se considera uma pessoa afeminada?

Novinho c/l: Sim, por parte sim. Nunca sofri violências nos aplicativos, mas fora deles sim.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Novinho c/l: Sim, como já falado na pergunta anterior.

Pesquisador: Você coloca na descrição na descrição dos aplicativos o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

Novinho c/l: Não, eu boto na descrição apenas coisas sobre mim, tipo, se sou ativo ou passivo, o que mais gosto não eu boto na descrição é coisas sobre mim, tipo se sou ativo se sou passivo, o que mais gosto em uma pessoa, esse tipo de coisa.

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conheceu uma pessoa não era como você imaginava?

Novinho c/l: Sim, eu pensava que a pessoa era uma coisa e quando vi a foto não era, era outra coisa e isso me deixou decepcionado.

Pesquisador: Você poderia falar mais a respeito?

Novinho c/l: A forma da pessoa se expressar. Essa pessoa falou uma coisa que iria fazer e no final acabou não fazendo e eu fiquei decepcionado. Na hora do sexo falou que ia fazer várias coisas e acabou não fazendo.

Pesquisador: Você já namorou alguém que você conheceu no aplicativo?

Novinho c/l: Nunca namorei, nunca cheguei a entrar nesses assuntos de namoro nos aplicativos.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar os aplicativos?

Novinho c/l: Se for só para só curtir, conversar, arrumar alguma coisa, tipo, sexo, eu acho que seria uma boa, mas em questão de namoro eu acho que não rolaria porque é muito difícil.

H DISCRETO

Pesquisador: H discreto, há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

H discreto: Faz mais ou menos uns 7 anos.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um quais diferenças você consegue perceber entre eles?

H discreto: Eu utilizo apenas o Grindr, mas já utilizei o Scruff, e eu não vi nenhuma diferença.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

H discreto: Não tenho muita frequência na utilização dos mesmos, esporadicamente.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

H discreto: Bom, o aplicativo ele possibilita uma facilidade de encontro bem maior. No entanto, ele não satisfaz o que eu realmente procuro, ele só satisfaz na verdade na questão do sexo, mas na questão de relacionamento e intimidade não satisfaz.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos aqui no aplicativo Grindr e no aplicativo Tinder?

H discreto: Rapaz, de fato o que eu percebo no aplicativo, as estratégias a utilização de fotos, principalmente nudes, quanto mais o nude for convincente, mais o interesse é aguçado.

Pesquisador: Você usa foto de rosto no perfil em todos os aplicativos? Se não, por quê?

H discreto: Não, não uso. Como o próprio nome fala "H discreto" eu prezo pela descrição, então eu acredito que a utilização de foto deixar algo muito explícito.

Pesquisador: E por que você não utiliza foto?

H discreto: Porque eu prezo pela descrição e também pela surpresa.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

H discreto: Ó, antigamente, alguns anos atrás eu prezava pelo corpo, eu focava mais no corpo. Hoje não, eu foco na pessoa em si. Um cara atraente é um cara simpático, um cara que tem uma boa conversa, um cara alegre, um cara com planos e objetivos, um cara de bem com a vida, ou seja, não tanto o físico hoje em dia, mas a pessoa.

Pesquisador: Essa característica do cara assim, tem que ser másculo?

H discreto: Sim, sim! com relação à característica, eu prezo mais para um cara mais masculino, com um biotipo mais masculino.

Pesquisador: Com que perfil você interage e dispõe a encontros no aplicativo Grindr? Você os seleciona a partir de quais características?

H discreto: a partir da posição na relação se ele é ativo eu prefiro os ativos, não que eu não prefiro os versáteis, mas a minha preferência são os ativos.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente como com outros homens.

H discreto: A minha experiência até hoje nunca foi algo traumático, né? Foi algo libertador, nunca tive nenhum problema. Penso que é algo natural, né? Que vem a partir do desejo, da vontade, da orientação.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona? Se sim, ao que você atribui?

H discreto: Sim, já consegui ver a diferença, é por isso que muitas vezes o aplicativo ele não é confiável. É porque muita gente utiliza do aplicativo para passar, para transmitir uma imagem e na vida real ela não é aquela pessoa, tipo, tem muitas pessoas que utilizam uma foto mais masculina "masculinizada" e quando você chega no momento do encontro você vê que a pessoa é totalmente diferente, ela não é aquilo que mostra ser na foto, então, essa experiência é desconfortável.

Pesquisador: Ao que você atribui isso?

H discreto: Eu acho que é a confiança que ela não tem nela. Não sei explicar exatamente. É mesmo a confiança que ela não tem em si e também acho que seja o desejo dela querer estar com aquela pessoa mesmo que para isso ela passa por cima de princípios, que utilizem verdades, essas coisas.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

H discreto: Não, acredito que não. Não exatamente violência, mas na questão do preconceito em si, de perder a oportunidade de trabalho, de perder oportunidades que ela sonhe, aí sim nesse sentido, mas não questão de violência... violência também, mas não exatamente.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

H discreto: A quantidade. O aplicativo ele te proporciona maiores interações sexuais, né? Mas só isso, intensidade não, não muito.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

H discreto: Eu acredito que em torno de um ou dois dias. Eu procuro bem conhecer a pessoa, tanto é que para eu enviar uma foto, a pessoa tem que me passar confiança assim também como eu tento passar confiança para pessoa para ela poder também enviar uma foto, então, de um ou dois dias, se a gente vier conversando muito, né?

Pesquisador: Vocês trocam fotos de perfil, nudes.

H discreto: Já troquei, mas nudes só sem rosto.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

H discreto: Já, pelo papo, por ser passivo... não só por ser passiva, mas pelo papo e também por ser passivo. Quando uma pessoa tem um papo que não me agrada eu já bloqueio ou então quando ela se acha demais, né? Porque tem muitas pessoas no aplicativo que se acham "a última Coca-Cola do deserto", vamos dizer assim, eles por terem um estereótipo de beleza melhor que o seu, eles se acham no direito de escolher ele se acha no direito de estar acima de você, então, muitas vezes vem muitas respostas rudes, então isso me faz ter ranço, aí acaba bloqueando.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

H discreto: Não, nunca sofri não. Violência não, já assim... só em questão de uma pessoa não me achar bonita, mas isso não me atingido de uma forma que eu trato como uma violência.

Pesquisador: Você se considera uma pessoa afeminada?

H discreto: Não.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário? Poderia relatar o ocorrido?

H discreto: Já, foi exatamente o que eu expliquei anteriormente por questão de estereótipo, que eles se achavam melhor que eu por ser um padrão, uma pessoa padronizada, só que isso não me deixou cabisbaixo, entendeu? Simplesmente rebati da forma que ele merecia.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

H discreto: Não, não coloco, porque quando eu coloco a conversa não flui, porque a pessoa já vai ter várias informações, então eu coloco só apenas o nome e a idade e procuro buscar e passar as informações através da conversa.

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conheceu uma pessoa não era como imaginava?

H discreto: Já, já tanto eu conheci (já passei pelo fato de eu conhecer a pessoa pelo aplicativo e quando chegar na hora eu não gostar), quanto também a pessoa já me conheceu pelo aplicativo e quando a gente se encontrou não gostou também. Teve o constrangimento na hora de em ambas as situações, porém a gente levou tudo na normalidade, cada um foi para o seu lado.

Pesquisador: Já namorou alguém que você conheceu no aplicativo? Se sim, quanto tempo?

H discreto: Não, nunca namorei, não.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo?

H discreto: A minha dica é a seguinte: se você utiliza o aplicativo almejando encontrar alguém que você queira se relacionar, queira um relacionamento intenso, a minha dica é que procure em outro ambiente, porque o aplicativo hoje em dia ele tá muito banal, né? É uma ferramenta que é utilizada apenas para o sexo, porque pelas histórias a pessoa percebe que uma a cada dez relações acontecem, né? Relações intensas, então é uma ferramenta que eu acredito que ela não é viável para esse fim.

GHOSTFACE

Pesquisador: Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

GhostFace: Eu não utilizo mais. Tem uns 15 dias que eu parei de usar, mas entre idas e vindas, eu acho que tem uns 5 anos, talvez.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você utiliza ou utilizava? Se mais de um, quais as diferenças você consegue perceber entre eles?

GhostFace: Então, já usei o Grindr, já usei o Tinder e já usei o Scruff. O Grindr e o Scruff acho que objetiva mesmo, né? Que é sexo e o Tinder eu sempre percebi ele mais numa pegada mais de relacionamento, assim, de conhecer uma pessoa sem ser o "fast foda".

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

GhostFace: Eu passo, já passei alguns tempos, né? Como eu falei é sempre uma ida e vinda. Eu fico um tempo no Grindr aí enjojo e saio, no Tinder também eu fico um tempo e saio, mas vamos dizer que eu fico no máximo no máximo dois meses usando o aplicativo até enjoar dele.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo te possibilitou?

GhostFace: Descobrir que eu não curto apenas sexo. No Grindr eu consegui descobrir isso que, realmente para mim eu preciso ter uma profundidade maior para chegar nas vias de fato e também descobri que também tenho muita paciência pra tá de conversa, que foi o que eu Tinder me possibilitou descobrir.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos aqui no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

GhostFace: No Tinder, eu acho que é de fato ser quem você é. Eu acho assim, particularmente, eu acho que o Tinder ele dá muito mais essas possibilidades de você se apresentar de fato e aí como é um aplicativo de escolha, a pessoa escolhe ou não lhe curtir. Diferente do Grindr que eu acho que não tem isso assim é muito mais mascarado do que o Tinder, inclusive eu faço sempre uma alusão ao símbolo, né? O ícone do Grindr que é uma máscara e acho que todo mundo lá tá sempre de máscara para conseguir o objetivo final que é uma foda, e no Tinder tem muito mais possibilidade de você ser quem você é.

Pesquisador: Você usa uma foto de rosto no perfil em todos os aplicativos? Se não, por quê?

GhostFace: No Tinder eu uso o máximo que dá que acho que são 9 porque é justamente isso, né? Só vai curtir ali quem realmente se interessar, visivelmente a priori, né? Tente colocar uma descrição que se aproxime muito do que eu sou para de fato só vir quem despertar os mesmos interesses, e no Grindr eu nunca em todo esse tempo que eu utilizei nunca usei foto de rosto.

Pesquisador: Por quê?

GhostFace: Porque eu acho que o objetivo do Grindr ele é muito sexual e eu me sinto muito vulnerável em estar expondo meu rosto lá e sei lá no mesmo ambiente tem uma pessoa que está sem foto e saber: "olha aquele viado tá ali no Grindr" e ele sabe quem sou eu e eu não sei quem é ele.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

GhostFace: O mais próximo do masculino e do heteronormativo possível. O feminino não me atrai em nenhuma instância, assim, eu acho que quanto mais másculo, quanto mais virilidade

apresenta mais me atrai. O feminino de fato... com mulher só gosto de amizade, e ainda nem com todas.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontro no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

GhostFace: Olha, para ser sincero, no Grindr acho que eu só saí de fato com duas pessoas em todo esse tempo que eu uso. O que me atrai a conversar é o sigiloso, o casado, o escondido, no off assim, o ativo, o versátil ativo, não que... preferencialmente eu sou ativo, mas eu me atraio mais por caras versáteis ativos, porque eu tenho na minha cabeça de que eles vão apresentar mais essa virilidade do que o que tá lá escancaradamente que é passivo, e no Tinder realmente eu consigo por ter foto, né? Eu consigo visualizar essas características que me atraem de forma mais pertinentes.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre a sua experiência em se relacionar sexualmente com outros homens.

GhostFace: Eu penso que é normal, assim, eu não eu não tenho o muito o que falar porque são as práticas que eu que utilizo para mim, né? Que é sexo entre homens, e o que eu penso que é normal, que tá tudo bem, nada conservador em relação à prática, eu acho que talvez eu seja muito mais conservador em relação às características do que a prática em si.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona? Se sim, ao que você atribui isso?

GhostFace: Falando do Grindr, geralmente não, mas aí é como eu disse, de fato eu só fui para dois encontros no Grindr e eu falo por mim também que às vezes eu tenho um perfil lá assim super sigiloso, às vezes eu até coloco no meu perfil: casado... coisa que eu não sou e eu acho que isso também parte de muitas outras pessoas que é como eu volto lá para o negócio da máscara é muito mais mascarada, é muito mais objetiva de chegar lá onde você quer chegar do que você se mostrar em si, e eu atribuo muito ao preconceito, né? Porque existe uma afeminofobia no nosso meio, a gente sabe que tem e eu até não me acho afeminofóbico mais em questão de me relacionar de convivência, mas me relacionar sexualmente eu não consigo me relacionar com afeminadas, e acho que tem muito disso dentro do Grindr, tem muito disso também.

Pesquisador: Ao que você atribui isso não se relacionar com afeminados?

GhostFace: No meu caso, é esse distanciamento do feminino, de fato, assim, o que é feminino não me atrai. Não sei, talvez sejam traumas que eu talvez precise identificar em terapia, né? Mas talvez seja isso... não sei, não sei definir uma resposta fatídica agora.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

GhostFace: Afetiva... depois que eu passo dois meses usando o Grindr eu percebo que gays são muito difíceis de se relacionar, e sexual, eu percebo que quando eu uso eu passo a transar menos porque a maioria das pessoas do Grindr elas têm uma exposição sexual no sentido de prevenção mesmo, sabe? Da Saúde sexual, eu acho que não rola muito lá. Principalmente quando eu vejo coisas como, assim, por nós estarmos em Serra Talhada e quando eu vejo um perfil bareback, só faço sem camisinha, e aí eu não vejo o rosto dessa pessoa, isso faz com que eu ache que pode ser qualquer pessoa que eu tenho um tipo de conversa, né? Como eu não vi o rosto daquele que faz bareback, eu meio que generalizo. Pode ser essa pessoa, pode ser aquela, pode ser esse menino que eu tô conversando aqui não Tinder, pode não ser. E aí isso me faz ter um pouco mais de repulsa da prática sexual. Consequentemente eu transo menos.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

GhostFace: Com certeza. Eu acho que aqui no interior, né? Porque eu sou de outro interior, eu não sou daqui eu nasci em [cidade], cresci em [cidade] e vim morar em Serra e eu percebo que, no interior rola muito um... não sei se é um tipo de despeito entre os gays, mas é como se todos os gays aqui fossem inimigos, né? A gente se reúne em grupos e os grupos parecem ser territorialistas, eu não sei explicar, mas é como se um grupo fosse inimigo declarado do outro, quando se encontra na rua é um clima de tensão, é uma um mal-estar e eu acho que interfere muito isso na relação dos aplicativos, né? Sei lá, às vezes você tá lá, manda uma foto para o cara e aquele cara já te dá um "block" porque aquele cara já é de outro grupo como se fosse uma facção vizinha, eu acho que é tenebroso. Eu não sei se é uma percepção minha ou se é uma percepção geral, mas eu tendo a ter essa percepção das relações daqui.

Pesquisador: Em termos de machismo e do patriarcado? Você acredita que exista a manutenção dessa cultura em cidades do interior?

GhostFace: Sim, inclusive, nas minhas preferências, características talvez tenha enraizado o machismo e o patriarcado, eu atribuo muito também a uma ausência paterna que eu tive, talvez

eu procure me relacionar com pessoas que expressem mais o masculino por ter tido essa ausência, mas aí são questões que eu preciso tratar em terapia e descobrir lá, mas eu, um dia eu pretendo descobrir o porquê de repelir tanto o feminino e de querer tanto me aproximar do viril.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

GhostFace: Vou falar do Tinder, né? Porque no Grindr rolou poucas vezes, mas no Tinder eu acredito que eu converso com a pessoa talvez uns três dias e aí é uma conversa contínua, né? Rola sempre um "oi, boa tarde, boa noite, bom dia, tudo bom? E aí às vezes eu não respondo eu paro de responder a pessoa parou de responder, mas quando essa conversa ela se perdura por mais de três dias a gente vai para o WhatsApp, talvez a gente fique mais uns 5 dias ali. Vamos botar em 10 dias rola um encontro presencial, mas tem que ser 10 dias de uma conversa contínua e de conhecimento para me despertar querer conhecer aquela pessoa pessoalmente e valer a pena sair de casa para isso.

Pesquisador: Vocês trocavam fotos de perfil? E nudes?

GhostFace: Não, eu não tenho hábito de trocar nudes. Eu não tenho nudes e eu nem peço e nem envio. Foto de perfil rola se a pessoa mandar primeiro no Grindr, no Tinder tá lá todas expostas, mas não Grindr só se a pessoa mandar primeiro e às vezes se mandar primeiro foi um conhecido eu mando uma foto de outra pessoa que eu tenho um perfil de um conhecido do Rio de Janeiro no Facebook, que eu tenho algumas fotos dele salvas. E aí quando rola de a pessoa ser muito sigilosa e dizer: "manda primeiro", eu mando a dele ou se for uma pessoa que eu não curti...e aí eu conheço ou não curti eu mando a dele porque aí depois eu bloqueio e eu não vou me sentir mal da pessoa me ver na rua e dizer: "nossa é ele que me bloqueou", então não pesa tanto na minha consciência.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém? Se sim, por quê?

GhostFace: Justamente no que eu acabei de falar... às vezes eu não curti e sei lá, às vezes eu tô conversando contigo, tu mandou uma foto e eu não te curti, eu me sinto com a consciência pesada de já ter mostrado o meu rosto e dar um block e depois a gente se encontrar por ventura em algum lugar e sei lá, eu vou me sentir mal e aí eu não te curti, mas aí pra não ser escroto ao ponto de dar um bloco sem me identificar eu mando a foto desse fake, que é uma pessoa do Rio de Janeiro e bloqueio depois digo que não curti e bloqueio, e vida que segue.

Pesquisador: Você já sofreu violências nos aplicativos? Se sim, qual o tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

GhostFace: No aplicativo, não, mas eu falei que eu já saí duas vezes, né? De fato, eu cheguei a transar com duas pessoas, mas teve uma que foi quando eu passei a ter esse hábito de não mostrar mais meu rosto, de a priori, e também de demorar muito a enviar uma foto de rosto que foi quando eu cheguei na casa do cara e ele disse que eu era mais gordo pessoalmente do que eu era nas fotos e mandou eu voltar para casa. E aí talvez ia ser bem tu tenha causado isso de eu não querer mandar foto.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

GhostFace: Não que eu lembre, acho que não.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

GhostFace: Não, no Grindr não coloco nada, eu só coloco a foto lá do GhostFace e só isso, peso, altura, etnia, tipo... o que eu procuro não coloco, a única informação que vai ter lá é essa foto e nem nome eu coloco.

Pesquisador: Você já vivenciou alguma situação embaraçosa? Quando você conhecer uma pessoa não era como você imaginava? Se sim, poderia falar mais a respeito?

GhostFace: De situação embaraço teve essa, né? Que eu relatei de o cara mandar eu ir embora porque eu era mais gordo pessoalmente do que nas fotos e já rolou também de eu encontrar uma pessoa e a voz da pessoa ser muito fina e isso me incomodou e não rolou nada, mas eu também não mandei a pessoa ir embora, simplesmente... não rolou, a gente trocou umas ideias, trocou uma conversa e aí eu fingi que recebi uma ligação e precisava ir embora enfim, fui.

Pesquisador: Você já namorou alguém que que você conheceu no aplicativo? Se sim, quanto tempo?

GhostFace: Já, eu já namorei. O meu segundo namorado, eu conheci ele no Tinder e nós namoramos 4 meses e somos amigos até hoje assim, acabou e não deu certo, mas amizade continua. Isso foi em 2016, eu acho.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar os Apps?

GhostFace: (Risos)... a dica que eu dou é que não use. Tente... sei lá as relações elas estão muito líquidas ultimamente e eu acho que é... depende do objetivo, sabe? Se você quer só transar

vai para o Grindr, se você tá a fim de conhecer gente legal, eu acho que tem como conhecer de outras formas sem ser no aplicativo, sabe? Às vezes você sair, você passa a frequentar mais ambientes e enfim tá mais presente em mais de rolês conviver com mais pessoas. Eu acho que é uma forma muito mais segura de se conectar com pessoas do que pelo aplicativo, porque a internet ela vende uma coisa que não existe, né? A venda da imagem perfeita a gente encontra na internet e eu acho que as relações elas precisam ser muito mais verdadeiras do que... do que visuais e estéticas, né? E acho que é muito, muito mais prazeroso você conhecer uma pessoa sei lá, você conheceu um amigo de um amigo que você se identificou e aí rolou alguma coisa é melhor do que você procurar no Tinder ou no Grindr.

ALMEIDINHA

Pesquisador: Almeidinha, há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

Almeidinha: Dois anos e meio.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa? Se mais de um, quais diferenças você consegue perceber entre eles?

Almeidinha: Eu uso o Grindr e o Tinder. O Grindr é um aplicativo mais voltado para um público específico, homens gays e bissexuais, além do sexo rápido, já o Tinder ele tem a diversidade daqueles homens, incluindo héteros, gays, enrustidos. Eu uso só esses dois mesmo para questão de sexo, embora o Tinder seja mais puxado para o relacionamento e amizade.

Pesquisador: Com que frequência você utiliza os aplicativos?

Almeidinha: Eu uso muito o Grindr em relação ao sexo, já o Tinder eu uso muito quando eu quero ficar com alguém, ter um relacionamento.

Pesquisador: Você parou de utilizar?

Almeidinha: eu uso só de vez em quando, uso umas três a quatro vezes no mês.

Pesquisador: Quais vantagens o uso do aplicativo de possibilitou?

Almeidinha: Em relação amorosa facilitou um pouco, mas em relação ao sexo nem tanto pela questão de que o pessoal não curte tanto meu jeito.

Pesquisador: Quais as estratégias para conseguir mais contatos no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

Almeidinha: Tem que mostrar foto do corpo ou então eu botava muita foto da minha bunda para chamar mais atenção, mas quando era em relação ao corpo eles não curtiam tanto.

Pesquisador: Você usa foto de rosto no perfil em todos os aplicativos?

Almeidinha: Uso, de rosto eu uso, só no Grindr que de vez em quando eu botava só a metade do rosto porque às vezes, como alguns já me conheciam antes, aí quando me via no aplicativo já bloqueava, daí eu usava só a metade para eu poder ter alguma interação.

Pesquisador: E por que você não usa foto de rosto no Grindr?

Almeidinha: Por conta que no Grindr existe muito fake, muitas pessoas que acabam tirando print das suas fotos e acabam criando outros perfis com suas fotos e por conta que eu não queria me expor tanto no aplicativo.

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

Almeidinha: Tem que ser moreno, alto, que fosse assim no corpinho, buchinho de cerveja e que ele não fosse aquele homem muito musculoso, que tivesse aquela característica, mas ser moreno, cabelinho cacheado e ser nesse corpinho meio termo seria ótimo para mim.

Pesquisador: E sobre trejeitos?

Almeidinha: Ser afeminado não seria um problema, porque eu já sou muito afeminado e me relacionar com outra pessoa afeminada também não seria um problema, mas ela sendo ativa, tenho preferência por ativos, porque eu sou só passiva.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros nos aplicativos? Você os seleciona a partir de quais características?

Almeidinha: Tem que ser moreno, alto, que tenha local ou que seja alguém que queira sair e se expor, mas quando eu quero só sexo eu busco homens mais ativos, que sejam mais rústicos e mais atraentes.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre a sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.

Almeidinha: Eu acho algo natural, de alguma forma prazeroso, e toda vez que eu vou ter algum relacionamento sexual com algum homem eu sinto prazer, como se tivesse sendo desejado e para minha é a melhor sensação. Eu saí uma vez com um rapaz, ele dizia muito que eu era muito gostoso, muito desejado e é por isso que ele sempre me quis, só que eu nunca ouvia isso de

outros homens gays, vinha mais de quem ou era fora do meio dos trejeitos ou então não era do da característica que eu queria.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

Almeidinha: Tem bastante, porque se a gente for para uma cidade grande, por exemplo, Recife, Petrolina, São Paulo, tem aquela diversidade de homens gays e também tem aquele aquela quantidade de homens mais, então tipo, aqui em Serra Talhada principalmente por ser uma cidade pequena e que todo mundo ou já pegou ou vai se pegar, como fica uma coisa repetida os homens acabam por não quererem repetir e eles também não querem pegar aqueles afeminados, não querem pegar aquele aqueles homens gays que têm trejeitos e é o que mais aqui em Serra tem e é muito difícil para quem quer ter uma relação sexual. Isso faz parte da cultura da cidade porque não é uma coisa que acontece só agora em 2024, já vem acontecendo há muitos e muitos tempos, eu, por exemplo, quando eu fui em Recife eu tive aquele plural de homens, tinha homens para dar e vender que me queriam, aqui em Serra é muito difícil, porque aqui em Serra eles não curtem afeminados, não curtem gordos, tem que ser aquele jeitinho todo malhadinho, padrão, e já em Recife eles não estão nem aí, eles só estão a fim de fazer sexo e pronto.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona?

Almeidinha: Consigo! No Grindr tem aquelas características que você coloca... de que tribo você é, se é papai, barbie, afeminado e tem muitos gays que quando eles colocam lá que são da tribo barbiezinha ninguém gosta porque são as afeminadas, e quando chega lá na hora não é daquele jeito, né? Às vezes nem é tão afeminado ou então nem tem uma voz tão fina, por outro lado, tem aqueles homens que colocam que são marrentos, que são ativos, uma coisa bem hétero, e que quando chega na hora eles são afeminados, então dá para notar essas diferenças de características.

Pesquisador: Ao que você atribui isso?

Almeidinha: Isso é uma mentira, você diz que é uma é daquele jeito e tal, que só gosta daquele jeito, mas quando chega na hora você por medo ou então por vergonha, você é de outra maneira e, tipo, eu posso dizer que sou afeminado e tal e chegar lá na hora do aplicativo e dizer que eu gosto de ser marrento, mas quando chego na hora ser muito afeminado e aí o homem não querer. A gente tem que mentir ou então fingir que não é aquilo só para ter aquela relação sexual.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

Almeidinha: Eu vi que mudou bastante porque eu tinha muita expectativa sobre o que era o Grindr e sobre o que é ele podia me oferecer e depois que eu tive sim minhas próprias sexuais com aplicativo aumentou bastante, só que no aplicativo era só um sexo e pronto e acabou e nunca mais olhava na cara já pessoalmente é mais difícil para você conseguir um sexo normal sem ser por aplicativo.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

Almeidinha: Depende! Se eu tiver com muito tesão e muita vontade de transar... se eu conhecesse ela hoje, amanhã eu já queria marcar, mas se fosse tipo no Tinder era tipo coisa de uma semana, duas semanas e depende muito da minha vontade e da vontade da outra pessoa.

Pesquisador: Vocês trocam fotos de perfil e nudes?

Almeidinha: Troco, porque eu sou vou sair com uma pessoa antes se eu souber como é e se for também do meu agrado aí eu saio, se não for eu também não saio.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém?

Almeidinha: Eu bloqueei só um cara uma vez que ele era de Floresta e eu sou daqui de Serra, acho que ele já tem uns 60 anos e ele ficava me perturbando, aí ficava mandando foto nudes, ficava mandando foto pelado, dizendo que ia vir na minha casa e do nada ele começou a me ameaçar dizendo que se eu não deixasse ele vir para minha casa ele ia vir falar para minha mãe, daí acabou que eu bloqueei ele.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos?

Almeidinha: Já! Uma vez eu tava falando com um rapaz e aí o rapaz foi falar assim: "ah, mas você é afeminado?", eu respondi que sou afeminado, aí ele foi e disse que não curtia, que ele era homem, que ele não gostava de ficar com um viadinho que tinha voz fina, só gostava se fosse fora do meio e que se me visse na rua ia me bater porque ele não gostava de eh de homossexual muito afeminado, aqueles gays que têm trejeitos. Isso me marcou muito porque para mim era como se eu não pudesse sair na rua e ser quem eu sou, nem mesmo no aplicativo.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

Almeidinha: Já, já briguei bastante. Quando eu usava o aplicativo teve uma vez que eu bati boca, entre aspas, ele começou a dizer que eu era muito gordo, sendo que ele também era gordo, daí eu disse que ele não podia falar nada porque ele também era gordo e que se fosse falar de peso ele era mais gordo ainda, daí ele acabou me bloqueando.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

Almeidinha: Eu boto que eu só quero se for moreno, tivesse **pica grande** e que fosse de Serra Talhada. Ah, e que fosse do Centro da cidade, se for de outro bairro eu não queria.

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando você conheceu uma pessoa não era como você imaginava?

Almeidinha: Já! Uma vez eu conversei com um cara que ele é de Custódia e tava em Serra e aí no perfil dele ele era bem bonito do jeito que eu queria, quando chegou na hora era um velho e aí acabou que eu fui para o local que ele me passou, só que aí quando ele chegou era outra pessoa, ele tava de carro e queria que eu entrasse, só que eu disse que não ia entrar e tals, daí ele me ameaçou dizendo que ia me sequestrar se eu não entrasse no carro. Acabou que eu não entrei e saí correndo, mas fiquei com muito medo. Ele me bloqueou e eu avisei até para outras pessoas que usavam o Grindr para que tivessem cuidado com esse perfil, porque ele era o famoso fake, ele postava foto de uma pessoa só que não era, era outra pessoa e que podia estar fazendo mal, tipo, podia matar ou então passar alguma Doença Sexual para as pessoas.

Pesquisador: Você já namorou alguém que você conheceu no aplicativo?

Almeidinha: Namorar, namorar não. Eu nunca namorei, mas ficar... já fiquei sim com uma pessoa que conheci no Grindr, daí a gente se conheceu, transou e com uma semana depois a gente começou a sair e ficando, ficando, ficando. A gente ainda ficou uns seis meses, mas era um fica aberto, porque ambos usavam o Grindr.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo?

Almeidinha: Só entre no Grindr se você tiver realmente vontade de transar e saiba que você ali vai encontrar pessoas fakes, vai encontrar pessoas que só querem padrão, então quando você for rejeitado não pense que é sobre você, às vezes você não tá no padrão que a pessoa quer, igualmente se uma pessoa que não tivesse seu padrão e fosse dar em cima de você, você também ia bloquear ou então ia achar ruim, só entre ali no aplicativo se você tiver a cabeça aberta para entender que ali existem vários tipos e se você não tá no tipo da pessoa... parte da outra!

19CM

Pesquisador: Há quanto tempo você utiliza os aplicativos?

19cm: Há uns três anos.

Pesquisador: Quais são os aplicativos que você usa?

19cm: Normalmente com muita frequência uso mais o Grindr. Usei o Tinder, mas não tinha nada interessante.

Pesquisador: Quais as diferenças você consegue perceber entre eles?

19cm: No Tinder o pessoal tenta encontrar muito mais pessoas para encontro, essas coisas, aí como minha intenção não era realmente ter encontro tipo casual era mais sexo... uso mais Grindr que é uma coisa bem fast food.

Pesquisador: Com qual frequência você utiliza os aplicativos?

19cm: Uma vez por semana, uma, duas. Costumo entrar quando estou com muito tédio.

Pesquisador: Quais as vantagens o uso do aplicativo de te possibilitou?

19cm: Vantagem... acho que só mais a praticidade de encontrar alguém para transar, a facilidade disso, mas vantagem, vantagem, em si não tem, não.

Pesquisador: Quais são as estratégias para conseguir mais contato no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder?

19cm: Colocar alguma foto máscula, normalmente funcionava ou uma foto só da bunda, porque isso deixa bem claro a intenção, ou ainda alguma foto de algum membro e tals.

Pesquisador: Por que máscula?

19cm: Porque normalmente é o que atrai as pessoas, tanto as bichas quanto aqueles que se dizem casados, né? Que são os gays no off, porque eles se sentem mais atraída por essa questão da masculinidade mesmo. Se colocasse uma foto que você apresentasse o mínimo de feminilidade já não queriam mais, "não, muito feminina! Não dá certo."

Pesquisador: Você usa foto de rosto no perfil em todos os aplicativos?

19cm: Uso!

Pesquisador: Você poderia descrever um cara atraente para você?

19cm: Hum... mais alto que eu, tenho 1,70, mais alto, mesmo estilo de corpo, peludinho, barba, cabelo cacheado e assim vai.

Pesquisador: E em relação a trejeitos?

19cm: Em relação trejeitos?! Mesmo estilo que eu, não me incomodo que seja afeminado, mas também não gosto que seja demais, tem que ser um pouco “durinho”. Na verdade, não tenho problema nenhum em relação ao jeito, muitas pessoas me atraem seja sexualmente ou não, mas eu acho que realmente me atraem são os perfis que eu descrevi anteriormente.

Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros no aplicativo do Grindr e no aplicativo do Tinder? Você os seleciona a partir de quais características?

19cm: Acredito que... quando eu entro no aplicativo do Grindr eu procuro uma pessoa que se apresente da mesma forma que eu, ou a depender muito do meu tesão, se eu tiver com muito não tenho com a pessoa que aparecer, o jeito como ela se porta, mas normalmente sempre procuro alguém másculo.

Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.

19cm: É sempre um pouco mais complicado as minhas relações com outros homens, porque normalmente sempre tem a questão por ser bicha, né? Uma bicha afeminada e também por ser gordo, então acaba dificultando um pouco porque as pessoas não veem como algo que deve ser levado a sério, que também sente tesão, que quer transar e tudo, então, é um pouco mais complicado, por isso que existe essa certa facilidade do Grindr em relação a isso, mas acho uma delícia transar com outros homens e é isso, não tenho muito a discorrer sobre.

Pesquisador: Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona?

19cm: Ai, isso acontece bastante, tipo, a pessoa colocando uma foto bem masculina no perfil, aí coloca, tipo, "não aceito afeminados", "não curto afeminados", "se fosse para ficar com mulher nem aqui eu tava", aí quando chega na hora uma bicha mega afeminada. Não tem nem como a pessoa levar uma coisa dessa a sério. Já me ocorreu diversas vezes e eu fíco: Sim? E aí? Não tem nenhum sentido, não entendo o porquê, tipo, se é afeminado coloca no perfil que é afeminado e é isso, não tem por que tá querendo enganar de uma certa forma as pessoas que você vai se encontrar. Cria toda uma história no perfil, conversando com a pessoa e quando chega na hora é totalmente diferente.

Pesquisador: Você acredita que está localizado, situado no interior de Pernambuco tem alguma interferência na prática sexual e na interação entre homens?

19cm: Tem, tem muito peso!

Pesquisador: Isso dificulta ou facilita?

19cm: Depende muito do contexto, por exemplo, eu tenho muita mais facilidade de arrumar um homem casado para me relacionar do que com uma bicha, porque para eles, eles só querem sexo e não importa com o que tá vindo, tá ligado? Então é muito mais fácil, agora com as gays, eu acho que com a maneira que a gente cresce aqui no sertão, tipo, daquela ter crescido no meio de uma certa forma másculo, machista, viril e patriarcal, aí de trabalhar na roça, toda aquela coisa do homem ser mais bruto, eu acho que acaba dificultando sim, tendo essa certa dificuldade entre as relações homossexuais, porque a gente pega, por exemplo, as capitais, a gente vê muito uma certa facilidade entre as bichas afeminadas se pegarem, até mesmo com outros tipos de pessoas, já que no Sertão não, tem essa maior dificuldade, esse certo preconceito com quem é afeminada, porque não ver nela a capacidade lhe dar tesão ou de se atrair naquele corpo, por mais que seja um corpo belo. As pessoas por serem afeminadas não querem se relacionar com elas, preferem excluir e deixar quieto, deixar de lado só por ser afeminada. Essa questão de viver no sertão realmente dificulta muito. Essa temática não é algo que é discutida com uma certa frequência e quando é as pessoas levam na brincadeira, não é pautado.

Pesquisador: Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso dos aplicativos?

19cm: Eu tento sempre não construir relacionamento com pessoas que sejam do aplicativo, minha intenção no aplicativo é realmente só transar. Não tem uma outra. Apesar que, olhando os perfis, sempre vejo um outro à procura de relacionamento e tals, acho uma coisa bem difícil mesmo conseguir relacionamento através do Grindr. Do Tinder até vai, é um pouco mais flexível pra isso, o pessoal que tá no Tinder não procura tanto sexo, já no Grindr é realmente sexo. Pra mim a única intenção realmente é só sexo, não tenho outra, então, não tento manter contato com as pessoas para alguma outra coisa, mas ter um contato outro casual para a hora do tesão, bora se encontrar que dá certo. Então essas mudanças foram mais sexuais mesmo.

Pesquisador: Quando você conhece uma pessoa, quanto tempo você demora para marcar um encontro presencial?

19cm: As pessoas com quem eu conversei no aplicativo para marcar alguma coisa, tipo, tive interesse além do sexo normalmente não passou do aplicativo e quando eu encontrei foi por acaso, já marquei tipo falar com diversas vezes com algumas pessoas: ai, vamos marcar de se encontrar e tals e a pessoa sempre enrolava, mas eu acabava encontrando, por exemplo na pracinha, em alguma festa, algum canto, mas sempre o acaso mesmo, nunca saiu do Grindr não, mas eu acho que uma semana... por aí, nesse nessa faixa.

Pesquisador: Vocês trocam fotos de perfil? Nudes?

19cm: Troco, gosto de trocar, mas não é algo extremamente necessário. Eu gosto de ver até para ter uma ideia do que eu vou encontrar ao sair de casa, né? Não gosto de conversar com fantasmas, foto de rosto é essencial, nudes nem tanto, mas foto de rosto é essencial, até por questão de segurança mesmo, mas sempre troco sim.

Pesquisador: Você já bloqueou alguém?

19cm: Já, já bloqueei algumas bichas da cidade porque estava só mandando foto do corpo... para mim, não sentia tesão nenhum em ver aquilo, não era o que me atraía e algumas pessoas de idade que não tavam me atraindo e ficava mandando sempre mensagem, acabei bloqueando porque não queria manter contato.

Pesquisador: Você já sofreu violência nos aplicativos? Se sim, qual tipo de violência? Você poderia descrever o ocorrido?

19cm: A que realmente ficou na memória foi aquela da pessoa colocar no perfil uma coisa e na hora demonstrar ser outra, porque no perfil conhecer a pessoa, né? Mandando mensagem, olhando perfil, aquela coisa e no perfil tava que não curtiu pessoas gordas, não curtia pessoas afeminadas e não queria ter para ele esse tipo de relação, mas só conversando com a pessoa, uma conversa sem conexão nem nada, a pessoa demonstrou ser algo que ela era contra. É uma pessoa gorda, é uma pessoa afeminada, mas não queria se relacionar com um semelhante. Para mim isso foi bastante ofensivo porque eu não entendi e não fazia sentido a pessoa ser e viver aquilo que ela é contra, discrimina.

Pesquisador: Você já teve alguma discussão com algum usuário?

19cm: Já, já, inclusive com essa mesma pessoa, aí eu cheguei a encontrar a pessoa pessoalmente, aí não teve uma bateção de boca longa, mas foi uma coisa, tipo: bicha, se toca, tu vive no Grindr usando o aplicativo e se diz ser contra aquilo que tu mesmo vive, tá ligado?

Não foi nada demais, não, pessoalmente não, mas por internet foi mais bateção de boca mesmo, porque para mim não fazia sentido isso.

Pesquisador: Como foi essa discussão?

19cm: Virtual foi um pouco mais agressiva, porque a pessoa dizia me conhecer, já ter me visto outras vezes, então, discorria sobre o que eu vivia e o que eu era, o que para mim não fazia sentido nenhum porque apesar dos apesares, a minha única questão de não me relacionar muito é só por eu ser afeminado mesmo, e as pessoas não querem isso para elas, então, a pessoa pautar o meu lado feminino de ser como um problema não faz sentido para mim, não faz sentido, nenhum de verdade. Querer expor algo que é inerente a mim como um problema para ela, eu não escolhi se afeminado, é o meu jeito e não acho que isso seja um problema para eu não me envolver com as pessoas. Apesar que as pessoas tornassem um problema muito grande, até mesmo com relação ao trabalho e tals, em convívio com outras pessoas, e não acho que isso seja algo a ser pautado... sou eu, você tem que trabalhar comigo, você tem que viver comigo, se relacionar comigo do jeito que eu sou e é isso. Você não tem que querer escolher ou não, mas a pessoa ficou pautando muito a questão pelo fato, nem tanto de eu ser gordo, mas por eu ser afeminado mesmo, querendo mostrar isso como se fosse um problema, como se ele tivesse se relacionando com uma mulher, enfim, coisa que não tem sentido algum, porque o ser mulher vai muito além de ser uma pessoa que transcorre e externa trejeitos femininos, mas a pessoa querer pautar isso como um problema foi o que me deixou mais estressado mesmo, foi uma coisa com muito xingamento e tudo.

Pesquisador: Quais eram os xingamentos?

19cm: Eram: bichinha pão com ovo, até mesmo transfobia mesmo, tipo, você é uma mulher trans, viadinho assim não precisa tá em aplicativo não, porque eu tenho muito costume de usar short curto, aí viu isso como um problema também. Vive muito você de short curto não tem por que você parecer um homem, você não transcorre, você não passa a visão de um homem másculo, entre outras coisas, mas aí começou a parte muito pro lado da gordofobia, do lado físico.

Pesquisador: Você coloca na descrição o tipo de pessoa que você procura ou o contrário?

19cm: Não, eu deixo sempre em aberto mesmo. Não tenho problema nenhum em conversar com as pessoas, se eu vou sentir ou não atração é outra história. Eu deixo sempre aberto, mas coloco um parrudinho, uma coisinha assim, mas descrição escrita mesmo eu deixo em aberto.

No Grindr tem aquelas opções, né? Com local, sem local, parrudo, enfim, sempre aberto às possibilidades.

Pesquisador: Você já vivenciou uma situação embaraçosa? Quando conhecer uma pessoa não era como você imaginava?

19cm: Já, já teve essa pessoa em questão também, que eu me surpreendi, eu achei que fosse uma coisa porque a pessoa colocou no perfil uma foto tipo sarado de academia, toda aquela coisa, só que aí eu conversando com outras pessoas, eu descobri que na verdade não era e era outra pessoa e quando eu vi a pessoa pessoalmente me surpreendi bastante, mas também já encontrei outras pessoas que por foto e pela conversa que mantinha, que construía era uma coisa, mas quando chegou pessoalmente fiquei: meu Deus, é totalmente diferente, não que fosse um problema para mim, eu tava com tesão e na hora eu só queria trasar mesmo, já tava lá... pra quê voltar para casa? Mas não tornou um problema sério não, eu acho assim problemático, né? Você querer construir uma coisa que você não é, e querer passar isso para outra pessoa, mas a pessoa já tá lá, né? Fazer o quê? Transa, fode igual.

Pesquisador: Você já namorou alguém que você conheceu no aplicativo?

19cm: Não, com toda certeza não, e eu também nem tenho vontade de namorar, me relacionar afetivamente com uma pessoa que seja do aplicativo. Não tenho nenhum argumento válido, mas para mim não dá. Eu acho que quando a gente entra no Grindr para viver, tipo, ativamente no Grindr é um problema muito sério, porque também começa a lidar com o seu sexualidade, com sua autoestima, porque você vive lidando diariamente com problemas de bullying virtual mesmo, seja lá qual for a questão, você vive lidando com *bullying* virtual e acaba afetando sua autoestima e você acaba ficando muito preso ao Grindr mesmo para querer encontrar alguém que veja você e sinta por você tesão, mas aí acaba afetando até suas relações afetivas. Para eu me relacionar com uma pessoa, essa pessoa teria que ter parado de usar o Grindr há muito tempo e ter consciência de que realmente afeta demais o psicológico da pessoa, até mesmo o físico... muitas pessoas começam a emagrecer e tals para ter uma foto boa no Grindr, para se mostrar uma pessoa que não é no aplicativo, tá ligado? Assumir uma postura fictícia.

Pesquisador: Você poderia dar uma dica para quem quer usar o aplicativo?

19cm: Use, entre só quando realmente tiver com muito tesão, por exemplo, de vez em quando eu entrava só para olhar o que tinha, zero interesse em transar nem nada, mas entrava só para olhar o que tinha de interessante pra talvez surgir algum interesse. No entanto, quem for usar

entre para usar realmente só algo casual, não busque relações amorosas... de vez em quando aparece um ou outro que dá certo, mas não vá na expectativa que vai ser sempre isso. As pessoas são ríspidas lá, não têm consideração nenhuma pelo que tá conversando com outra pessoa, não entende que aquilo ali é outra pessoa do outro lado, então vai falar o que vier na telha e é isso. Não espere que as pessoas sejam empáticas no aplicativo, vá com o mesmo intuito: sexo, sexo, sexo e acabou.